



195  
BOLETIM DA COMISSÃO  
CATARINENSE DE ●

FOLCLORE

PATROCÍNIO

**BESC** *Clube*

**SEGUROS**

A Segurança da Nossa Gente.

Pede-se permuta  
Pidesse canje  
We ask exvhanger  
Sirichiede lo scambio  
On démande l'échange  
Man bitet um Austansech  
Oni petas intersangon

**Comissão do Boletim**

Editor e Diretor: Doralécio Soares  
Nereu do Vale Pereira - Secretário

Capa: Vicente Mariano

Fotolito: Nery Silva

Endereço para correspondência: Rua Júlio Moura, 146 - 1º andar  
88020-150

Florianópolis - Santa Catarina - Brasil

BIBLIOTECA PÚBLICA / SC  
SETOR SANT CATARINA

Clas.: \_\_\_\_\_

Reg.: 073

Data: 15/07/98

BOLETIM DA COMISSÃO  
CATARINENSE DE  
**FOLCLORE**

## **NOSSA CAPA**

Grupo Folclórico VINO, AMORE E TRADIZIONE. Urussanga - SC. Fundado em 1988, tem por objetivo resgatar e difundir a participação da etnia italiana no processo de formação do município de Urussanga. Interpretações diversas, canções populares italianas, encenadas com alegres movimentos coreográficos que se destacam pela riqueza e autenticidade do figurino, relacionado ao princípio do século XIX.

Atualmente o Grupo é coordenado em Urussanga pela Prof<sup>a</sup> NEIDE PELEGRINI. Pesquisa e texto: João Batista Costa e Prof<sup>a</sup> Maria Rosânia Tomaz. Foto: Edna de Marcos.

Nota da Comissão Catarinense de Folclore: mesmo tratando-se de um Grupo Pára-Folclórico, o trabalho desenvolvido pelos pesquisadores no recolhimento de dados referentes às danças apresentadas é digno de nota, diante da beleza e expressividade nas apresentações. Expressamos o nosso apoio ao trabalho desenvolvido

## SUMÁRIO

EDITORIAL: Doralécio Soares

Situação Jurídica das Comissões: Renato Costa Pacheco

Superstições, Crendices, Rifões, Medicina Caseira, Vida e Saúde:  
Doralécio Soares

A Guisa de Topominias Equivocadas: Nereu do Vale Pereira

Associações Folclóricas de São Francisco do Sul: Sônia Maria Copp  
da Costa

Pão por Deus: Dauro Stapak

Gralha Azul: Patrícia Cris Gobetti

Folclore Açoriano do Sul Catarinense: Doralécio Soares

Artesanato Campeiro: Ronaldo Paul

IIº Encontro Estadual do Folclore: Fundação Franklin Cascaes

Erotismo - Feitiçaria no Folclore do Sapo: Maria do Rosário Tavares  
de Lima

Da Pimenta, Cebola, Hortelã e Mel com... Terra: José Maria Tenório  
Rocha

A Queda da Alma, na Concepção Popular de Macau: Maria Amaro-  
Cascaes-Portugal

Palhaço - Zumbi 300 anos: Diva Moreira

Congado - Uma Manifestação Folclórica: Domingos Diniz

Queima da Lapinha - FUNDAP: Conselho Estadual de Cultura (   
Pernambuco)

Projeto Viva a Cultura: Fundação Catarinense de Cultura

Grupo de Dança da UFOP - São Paulo

José Roberto e a Análise dos Palhaços de Circo prá Vida

Folclore Etc. e Tal: Mário Souto Maior

NOTICIÁRIO CULTURAL DE SANTA CATARINA E OUTROS ESTADOS:

Aconteceu em 1995.

São recomendações do Editor.



Ano - XXXI  
Núm.: 47  
Dez. 1995

## ÍNDICE

- EDITORIAL: Doralécio Soares / 7/8  
Situação Jurídica das Comissões: Renato José Costa Pacheco / 9  
Superstições, Crendices, Rifões, Expressões Ligadas à Medicina Caseira, Vida e Saúde: Doralécio Soares / 12  
À Guisa de Toponímia Equivocadas: Nereu do Vale Pereira / 20  
Associações Folclóricas de São Francisco do Sul: Sônia Maria Copp da Costa / 25  
DIRCÉA BINDER / 29  
PÃO por DEUS: Dauro Stapak / 30  
Gralha Azul: Colaboração de Patrícia Cris Gobetti / 32  
Folclore Açoriano do Sul Catarinense: Doralécio Soares / 34  
Cacumbinho de Imbituba: Almir Martins / 37  
Artesanato Campeiro: Ronaldo Paul (Peão Barriga Verde da 8ª RT) / 41  
II ENCONTRO ESTADUAL DO FOLCLORE: Fundação Franklin Cascaes / 51  
COLABORAÇÃO DE GENTE DE FORA / 71  
O Erotismo, A Feitiçaria e o Pueril no Folclore do SAPO: Maria Conceição Tavares de Lima - da Associação Brasileira de Folclore (continuação do número anterior) / 61  
De Pimenta, Cebola, Hortelã e Mel com... Terra. Que Barulho é Esse, o dos Forrozeiros?: José Maria Tenório Rocha / 82  
A QUEDA DA ALMA na Conceção Popular de Macau: Ana Maria Amaro. Cascaes - Portugal / 85  
Apreciações Diversas/98: Doralécio Soares: Escritor Paulo Carvalho Neto. Grupo Folclórico Infante Juvenil da Costa da Lagoa, direção de Graça Carneiro. Revista A FIGUEIRA do Poeta Abel Pereira. Comissão Mineira de Folclore. SESC - Serviço Social do Comércio de Minas Gerais. Rio de Janeiro: Bráulio do Nascimento - LITERATURA ORAL: Limites da VARIAÇÃO. Mário Souto Maior. Cronologia e Bibliografia por Lúcia Gaspar. O PUXA-SACO - Aqui, Ali e Acolá. UMA PITADA DE FOLCLORE: Maria do Rosário Tavares de Lima. BRASIL-PORTUGAL - Aquele Abraço: Mário Souto Maior. NOÇÕES DE FOLCLORE - Prof. Aleixo Leite Filho. Caruaru, PE. Minas Gerais - Maria de Lourdes Dias Reis. Antropólogo e Cientista, Saul Marins. Jornalista Valmyr Bittencourt (Figuras Populares). GRUPO DE DANÇAS FOLCLÓRICAS DA "UFOP". José Roberto e a Análise dos Palhaços. ZUMBI 300 Anos-AGORA. QUEIMA DA LAPINHA.

NOTICIÁRIO CULTURAL DE SANTA CATARINA E DE OUTROS ESTADOS. Projeto "VIVA A CULTURA" Folclore Pedre Socorro - Associação Catarinense de Imprensa. Congresso de História. Cultura Local recebe uma dose extra de incentivos. Poesia e Arte nos Ônibus de Florianópolis. Péricles Prade abre a sua Janela Amorosa à Noite. Livro fala sobre Colonização Alemã em Santa Catarina. Melhor Prevenir do que Remediar. Vivian, Medina Aprendendo a Viver. Edyl Leopoldo Tremel.

ACI -75. Jali Meirinhos na Cadeira nº 30. ACL completa 75 anos e ganha nova Sede. Museu de Arte de Santa Catarina - Sala Especial HARRY LAUS. WILLY ZUMBLICK - SC. Pinturas Universidade Regional de Blumenau. Jornalista Luiz Osvaldo Ferreira de Melo, Centenário de Nascimento. IHGSC, Centenário de Nascimento do Prof. Custódio Campos. ACL - recordando Nereu Corrêa. II Encontro Catarinense de Primeiras Prendas e Peões Barrigas-Verdes. Academia Catarinense de Letras num Jantar de Confraternização, homenagens intelectuais. Carta a Doralécio Soares. Semana do Folclore na Biblioteca Prof. Barreiros Filho. Nova História de Santa Catarina. Artista explora como fonte de Inspiração. Sindicato dos Eletricistas, SINERGIA. As Desquitadas de Florianópolis. Fundação Franklin Cascaes convida para o lançamento de POESILHAS. Manoel Medeiros Vieira, UFSC. Origens Árabes no Folclore do Sertão Brasileiro. ANJOS, de Osvaldo Dela Justina. INISUL - Novas Instalações da Biblioteca Comunitária. O VÔO da Morte: Francisco José Pereira. História que a Bíblia não Contou: Hoyêdo Gouveia Lins. IHGSC. Brasília, Memorial da UFSC. Do Colégio São Luís Marista, PE, ao Prof. Doralécio Soares. Editora da UFSC lança livro sobre Folclore Literário e Lingüístico. Artista Plástica Maria Aparecida Galvão, expõe no Hall da Reitoria da UFSC. QUE DELÍCIA DE ILHA: Raul Caldas Filho. A Associação Coral Ítalo-Florianopolitana. Emanuel Medeiros Vieira, lança "Títulos". Cultura Açoriana - 247 Anos de História. Biblioteca Pública comemora 141 anos de Atividade Cultural. Edith Kormann lança títulos em Blumenau. IHGSC convida para o centenário de Artur Müller, fundador do Jornal Correio do Povo de Jaraguá do Sul. Na UFSC, lançamento do livro IMPÉRIO CABOCLO de Donald Schüller, idem Pedagogia das Escolas de Samba de Cristina Tramonte. A UFSC Editora, lançamento das obras PARQUE de DIVERSÕES - Aníbal Machado, com a exposição "Eu sou trezentos ou trezentos e cinquenta anos" em homenagem a Mário de Andrade. Da Comissão Cearense de Folclore, registramos convite para sessão de posse de membros colaboradores. Cascia Frade da Comissão Nacional de Folclore: A FESTA DA BELEZA ACONTECE EM OLÍMPIA. 31ª Semana de Folclore de Belo Horizonte. WILLY ZUMBLICK e sua Obra. O IHGSC, recebe o investigador açoriano, Dr. Francisco Ernesto Oliveira Martins. Theobaldo Costa Jamundá fala sobre HERMANN FAULHABER. O Acadêmico Almiro Caldeira de Andrada recebe Osvaldo Ferreira de Melo na Cadeira nº 20 na ACL. 1º Congresso Sul Americano da IOF, em São Paulo. 8º CONGRESSO BRASILEIRO DE FOLCLORE. Livro: Estruturas e Origens das Paisagens Tropicais. Caçador Ciclo da Madeira, THOMÉ.

## **EDITORIAL**

### **1995**

Finalmente, com este número, entra o Boletim da Comissão Catarinense de Folclore na sua quadragésima sétima edição (47<sup>a</sup>). Nas edições anteriores, sempre contamos com o apoio dos Governadores que se sucederam através destes anos de existência da Comissão Catarinense de Folclore.

No início de 1995, com a posse do atual Governo e com a reestruturação da Secretaria de Educação, Cultura e Desportos, que foi desmembrada, o setor cultural passou a ser subordinado diretamente à Fundação Catarinense de Cultura e esta, sem recursos, ficou impossibilitada de patrocinar a presente publicação. O governo do Estado, sempre sensível aos ditames da cultura popular e do folclore catarinense, vem, através do BESC SEGUROS, dar andamento ao pedido da Comissão Catarinense de Folclore, para publicação deste Boletim, edição do ano de 1995.

O Boletim da Comissão Catarinense de Folclore é um veículo de divulgação da diversidade da cultura popular do Estado, visto que leva, através da Comissão Nacional de Folclore, da qual somos integrantes, a maioria dos Estados brasileiros e alguns países da América Latina e europeus, um pouco da grandeza cultural do Estado Catarinense, isto registrado em nossas páginas no 1º e 2º Encontro Catarinense de Folclore, na promoção da Fundação Franklin Cascaes, mostrando um pouco desta diversificação através dos Grupos Folclóricos focalizados no Boletim 45/46 e nesta edição.

Doralécio Soares



## **COMISSÃO ESPÍRITO SANTENSE DE FOLCLORE (SITUAÇÃO JURÍDICA DAS COMISSÕES ESTADUAIS) PARECER**

Submetem-se a meu parecer as seguintes questões:

1. Qual a natureza jurídica da Comissão Nacional de Folclore?
2. Qual a vinculação possível das Comissões Estaduais à Comissão Nacional de Folclore?

- I -

À luz de documentação que nos foi apresentada, verificamos, primeiramente, que o Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (IBECC) foi criado pelo Decreto-lei 9.355 de 13.06.1946, funcionando como órgão nacional da UNESCO. No elenco das repartições públicas federais é organismo sui generis, de vez que, consoante art. 7º da Convenção da UNESCO, instalada em Paris, em 1946, ele é composto de Delegados Governamentais e de Grupos Interessados na educação, ciência e cultura, interesses primordiais da UNESCO.

Pelo Decreto 51.986 de 02.05.1963, que baixou os novos Estatutos do IBECC, o órgão, entre outras atribuições "coordenará e favorecerá a ação dos institutos culturais e de associações de fins congêneres" assim como "promoverá conferências e acordos regionais". (grifo meu).

- II -

A Comissão Nacional de Folclore foi criada pelo IBECC em 7 de novembro de 1947 e instalada em 19 de dezembro do mesmo ano. Funciona como Comissão Técnica de nosso órgão nacional da UNESCO.

Diz Renato Almeida (O IBECC e os estudos de folclore no Brasil, Rio, 1964, p.8): "Iniciei a mobilização dos estudiosos de folclore, em todo o país, fundando em cada Estado uma Comissão Regional" o que ocorreu por volta de 1948, e realizando Congressos, para o sempre bem lembrado Ministro "são o Poder Legislativo da Comissão Nacional de Folclore".

O Regimento da Comissão Nacional de Folclore, aprovado em 11 de março de 1988, estatui, em seu artigo 5º, que entre as atribuições de seu Presidente está a de

“reconhecer os Presidentes das Comissões de Folclore por ele indicadas.”

As Comissões Estaduais de Folclore, inicialmente chamadas de subcomissões, são entidades de fato, existentes desde 1948, mas cujo funcionamento não está de acordo com as regras do Código Civil Pátrio, no que concerne à instituição de associações civis com personalidade jurídica, de fins culturais e não lucrativos.

Para obviar esta falha, algumas Comissões, como a do Pará e de Santa Catarina, submeteram-se ao processo de registro oficial, com a prévia publicação de seus Estatutos no Diário Oficial Regional.

### - III -

Pelo exposto, deve-se concluir que as Comissões que não se registraram nos cartórios de registro das pessoas jurídicas, têm Presidentes reconhecidos pelo Presidente da Comissão Nacional de Folclore, exercendo as funções de Delegado Pessoal deste Presidente. As demais têm Presidentes eleitos pela forma prevista em seu Estatuto. As primeiras, que não têm criação legal, e sim de fato, estão excluídas de receber subvenções dos poderes públicos ou doações e auxílios de entidades privadas, funcionando, assim, precariamente, ao sabor da boa vontade de seu Presidente e membros que consegue arregimentar, em seu Estado.

Como regularizar tão esdrúxula situação?

A nosso pensar, todas as Comissões Estaduais que ainda não o fizeram, deveriam, em prazo razoável, registrar-se no Cartório de Registro das Pessoas Jurídicas da Capital de seu Estado, para que possam comprovar sua existência.

Posteriormente, se o desejarem, poderão firmar acordos de cooperação técnica com a Comissão Nacional de Folclore, dando-lhes representatividade a nível de Estado, perante o IBECC e, conseqüentemente, perante a UNESCO.

Sugerimos, data venia, que se convoque, a seguir, em data e local a serem previamente designados, um Congresso de todas as Comissões Estaduais existentes e da Comissão Nacional de Folclore, onde esta e outras soluções, possivelmente aventadas, venham a ser debatidas e, finalmente, concertadas.

É como penso, s.m.j.

Vitória do Espírito Santo, 02 de janeiro de 1995.

Renato José Costa Pacheco,  
membro da Comissão Espírito Santense de Folclore.

## Nota da Comissão Catarinense de Folclore

Como está explícito no PARECER de Renato José Costa Pacheco, Presidente da Comissão Espírito Santense de Folclore, as Comissões de Folclore do Pará e de Santa Catarina são as únicas Comissões que, efetivamente, têm as suas situações Jurídicas regularizadas dentro do sistema Nacional, que estabelece o reconhecimento efetivo das Comissões. São as que têm os seus registros oficiais processados em Cartórios e publicação dos seus Estatutos no Diário Oficial do seu Estado. Assim sendo, as Comissões Catarinense e Paraense estão efetivamente enquadrada como entidades culturais, reconhecidas pelos órgãos que regulam as suas existências oficiais.

Cabe-me, como Presidente da Comissão Catarinense de Folclore, registrar neste Boletim a nossa satisfação em ser, juntamente com a do Pará, uma das Comissões que providenciou em tempo a sua regulamentação efetiva com o registro dos seus Estatutos, no Cartório de Títulos e Documentos da Capital Catarinense.

Florianópolis, dezembro de 1995  
Doralécio Soares - Presidente.

# **SUPERSTIÇÕES, CRENDICES, RIFÕES E EXPRESSÕES LIGADAS À MEDICINA, À VIDA E À SAÚDE**

Doralécio Soares

Numerosas são as crenças e superstições que o povo cultiva a respeito da vida e da saúde.

A mais difundida é, sem dúvida, a da existência de pessoas capazes de exercer influência sobre o destino das outras, com os olhos.

É o "mau olhado", a mais disseminada das superstições populares, comum a todos os povos e, assim como a mais antiga também.

Há pessoas sensíveis ao mau olhado, assim como há aqueles que têm "força" nos olhos, capaz de "deitar" o mau olhado.

O mau olhado pode causar uma infinidade de males: das dificuldades financeiras às contrariedades amorosas; dos distúrbios de saúde à própria morte.

Para conjurá-lo, usa o povo, os amuletos; variáveis segundo os povos e as crenças individuais. Assim, os falos, as pedras preciosas, os pés de coelho, dentes de animais, figas, etc., etc. Em nosso meio, o amuleto mais empregado para evitar o mau olhado é, sem dúvida, a figa.

Vários são os materiais empregados na fabricação das figas: os metais (ouro, prata, níquel), os ossos, o coral, as madeiras. As mais procuradas são as figas de guiné.

Também usa o povo, para conjugar o "olhado", os breves. Os breves são saquinhos de pano de, mais ou menos, 3 centímetros de lado, por 3 de alto e 1 e 2 de espessura contendo, no seu interior, aquilo que é capaz de afastar a "fidusca" - orações copiadas à tinta, com invocação de Deus, da Virgem e dos Santos; medidas de imagens de Santos milagrosos; relíquias; dentes de animais (de tigre, de jacaré), etc.

Outra forma de malefício atribuído à influência dos olhos é o do "quebranto". O quebranto também é muito disseminado, principalmente entre a gente simples do campo e das praias.

Assim como o olhado é lançado por pessoa que deseje mal a uma outra, que sofre a influência, o quebranto, ao contrário, é lançado por quem possa querer bem à pessoa atingida.

Uma criança muito apreciada pela sua vivacidade, pela sua beleza, pela sua meiguice, gabada ou apreciada, mesmo em silêncio pela que tenha a estranha "força", pode vir a ficar com "quebranto".

Caracteriza-se o quebranto por um estado de mal indefinido, semimórbido, com perda de vivacidade, indiferença, moleza, sonolência, indisposição geral, torpor.

Os sinais que o povo atribui ao quebranto são: o bocejar contínuo, a tristeza, os olhos lacrimejantes.

Para o quebranto, usa-se ainda o amuleto de qualquer dos tipos acima relatados. Mas a sua cura, pois o amuleto é apenas preventivo, só se realiza por meio de benzeduras.

As bruxas existem, de fato, explica a credence popular. Há mulheres que têm a fama de o ser. E chupam o sangue das crianças, noite alta, deixando-as anêmicas, "emplamadas".

Fazem-se, para afastá-las, defumações em dias santificados, queimam-se palhas bentas, rezam-se orações para que não se introduzam as bruxas nas casas.

As crianças que comem vícios, se não têm "bichas ensacadas", que não deitam mesmo à força dos mais energéticos lombrigueiros, é porque estão sendo chupadas pelas bruxas.

"Comer vício" é a picamalácia, tão comum nas verminoses. As crianças ingerem carvão, cal de parede, terra e outras substância estranhas, por mórbida perversão do apetite, como é sabido. A isto chamam "ter vício" ou "comer vício".

Das credences e superstições mais espalhadas em nosso território, recolhemos as seguintes, diretamente, ou através de registros de vários autores:

Apontar para as estrelas, faz nascer verrugas. Não se deve varrer a casa à noite, pois isto acarreta doenças. Não se deve apontar no próprio corpo o lugar em que outrem tenha uma lesão, ferida ou doença, referindo-se a ela sem que se diga, "lá nele". Assim, é freqüente ouvir-se: "fulano tem uma ferida aqui no joelho, 'lá nele'"; se não o fizer, está sujeito a adquirir o mesmo mal...

Não se deve ter Búzios em casa, pois isto também acarretará doenças e desgostos. Nada há que atrase mais uma casa, que traga mais contrariedades e infortúnios do que barcos em miniaturas dentro dela.

Acredita o povo que, se o grilo canta no fundo da casa, é doença (fundo da casa é sua parte traseira). Também quer dizer doença, entrar em casa um cão desconhecido ou brincar com a própria sombra. Não se deve passar meias a ferro, pois fazê-lo é chamar a tuberculose para quem as usa. Já o sonhar com doença ou que se está doente, ou que

outra pessoa o esteja, significa saúde para si ou para a dita pessoa. O mesmo se sonha com a morte de determinada pessoa. É sempre sinal de longa vida.

## Medicina Popular

Como nos demais Estados do Brasil, em Santa Catarina a medicina popular é fortemente usada. Auxiliada pelas crendices, na farmacopéia popular tem remédios e curas, praticamente para tudo, resolvendo até nascimento de bebês.

Como sempre, é encontrada uma mistura de feitiçaria, benzeduras e charlatanismo na medicina caseira, esclarece Oswaldo Cabral, in "A MEDICINA CASEIRA" - "Cada um destes processos de cura existe isoladamente ao lado uns dos outros, sem que os seus campos se confundam, mesmo quando quem os pratica os use paralelamente ou concomitantemente", acrescentando "um benzedor autêntico não usa processos complicados, secretos, nem de beberagens. Não acredita noutra virtude senão no poder das palavras, que sabe pronunciar, invocando o nome do Senhor ou de um Santo padroeiro contra as enfermidades". Já o curandeiro não faz feitiços, não usa simpatias, não receita benzeduras. Só pratica exclusivamente o seu metier, como quer que lhe chame - erveiro, herbanário, entendido, raizeiro, da propícia, ministra, aconselha remédios".

Discorre o autor sobre "feiticeiros", "Despachos mandingueiros", "Charlatão". Diz, "o charlatão é tipo o benzedor, o curandeiro; inteiramente diverso. Não se preocupa com a cura do doente. A sua função é convencer e explorar.

Ele mesmo não acredita na eficácia do que apregoa. Age com dolo; o benzedor acredita no efeito das benzeduras, o curandeiro no das garrafadas.

O charlatão acredita em tudo, menos na sua ciência e na excelência do medicamento que anuncia. Contrariando o "rifão" - "de médico e de louco". Após tecer considerações.

Diz que, a Medicina Caseira é um processo usual e familiar de cura das doenças que não pode figurar em nenhuma destas chaves. A sua base assenta no empirismo e na crendice. Daí ser um misto de curandeirismo familiar e de simpatias, de medicina científica e de magia".

## De MEDICINA CASEIRA, transcrevemos: FORMAS TERAPÊUTICAS

Chás - constituem os chás as mais simples e usuais formas medicamentosas de emprego caseiro. O chá é a infusão ou o decocto de certas ervas ou de suas diferentes partes: as raízes, o caule, as folhas, as flores, etc.

O chá é o primeiro remédio de que se vale o homem do povo no tratamento dos doentes que tenha em casa. Os quintais das casas, por mais pobres que o sejam, conservam sempre as plantas mais conhecidas como curativas, são a primeira "botica" do povo. Quando a algum falta uma planta indicada, corre-se a vizinhança, em busca de quem a tenha, ou vai-se diretamente à casa de quem a possua, a fim de obtê-la em caso de necessidade. Não se nega, jamais, um auxílio desta natureza. Enquanto se colhe no quintal ou se pede ao vizinho a planta necessária, a água é posta a ferver. Depois de se passar pela água fria, a planta, ou se mergulha na chaleira e o chá é decocto, ou se espera que a água ferva e, sobre a planta, colocada numa outra vasilha, derrama-se a água fervendo e o chá é a infusão. Como quer que seja, o chá é sempre "chá", o homem do povo não lhe dá outro nome: mas deposita nele a sua confiança, acredita na sua virtude terapêutica e o doente o ingere com absoluta fé na própria cura.

Os chás são calmantes - como os de maracujá (*Passiflora*) e o de folhas de laranjeira (*Citrus aurantium*), os de erva-cidreira (*Melissa officinalis*); são diaforéticos (suadouros), como os de sabugueiro (*Sambucus-nigra*), o de alho (*Alium savatium*), são anti-helmínticos (lombrigueiros), como os de hortelã pimenta (*Hortulana-mintha*), os de erva-de-Santa Maria (*Chenopodium ambrosiodes*); diuréticos, como os de salsa (*Petroselinum savitum*), o de barba de milho ( *Stimas de Zea-mais*), os de quebra-pedra (*Phyllantus nirusi*): ou então servem para tudo, como o chá da Índia, o chá do Reino, como é conhecido vulgarmente.

Cada mulher do povo conhece as indicações de todos eles e sabe "inculcá-los".

Chama-se "inculcar", em Santa Catarina, aconselhar, indicar, prescrever. Tanto o médico inculca um remédio, como um curandeiro, uma garrafa, como qualquer pessoa um chá qualquer.

Há composições, também, nos chás: laranjeira com sabugueiro, sabugueiro com alho, laranjeira com hortelã - conforme o caso e de acordo com a experiência de quem o inculca, para aumentar a ação desejada ou para aliar-lhe outra.

Também registram-se fórmulas mais complicadas: adicionar mel de pau (mel de abelhas), adicionar açúcar branco (usado pelo homem rústico da praia ou dos sítios, só em excepcionais ocasiões, como as de doença), adicionar a cachaça ou a outra substância. A inclusão destes elementos destina-se, ainda, a reforçar o poder ou a ação terapêutica do chá, nunca para mascarar o gosto da beberagem.

Tudo, entretanto, depende da doença suspeitada, do que se ensina na ocasião, do que se tem a mão ou do que se pode encontrar nas proximidades e adquirir no local.

A única maneira de não suportar o nosso homem do povo o chá, mesmo o do Reino, é querer fazê-lo tomar... sem estar doente.

Discorre o autor sobre "infusões, lombrigueiros, suadouros, vômitos, clisteres, sinapismo, fomentações, semicúpios, o resguardo, a água, o ar, o fogo, os astros, as simpatias".

## LOMBRIGUEIROS

São os vermífugos. Tomar lombrigueiro é tomar quenopódio com óleo de rícino ou timol com sal amargo. São conhecidos inúmeros lombrigueiros, em "óleo" ou em "baguinhas", isto é, em pílulas gelatinosas. Vários chás lombrigueiros são usados para "acalmar as bichas", quando elas "ficam assanhadas", em ocasiões de "lua". Há crianças que são muito "atritas" às bichas e, em tal caso, nada como um chá de hortelã ou erva de Santa Maria.

Ser "atrito", em Santa Catarina, quer dizer "estar sujeito" a um determinado mal.

Fala sobre "A PUBERDADE - A MATERNIDADE - A CRIANÇA."

Ao referir-se à vida da mulher, diz "a vida da mulher é cercada de credices e de tabus que a acompanha por assim dizer, do berço ao túmulo. Tudo em torno de sua pessoa, dos seus desejos, das suas funções, se desenvolve sob a vigilância constante dos preconceitos, sempre lembrados, sempre presentes nas palavras das mulheres mais idosas, das mais entendidas, das mais "ajuizadas". As restrições que sofre são imensas e, no seu espírito, mantém-se o temor de tudo que a cerca".

Ao referir-se à função fisiológica mensal da mulher, diz: "para isto, toma todo o cuidado em não apanhar molhaduras, umidade, soalheiras, em não se banhar nem lavar a cabeça às vésperas e durante a menstruação.

Esta é conhecida vulgarmente por "saúde". Mesmo entre gente qualificada, a expressão é perfeitamente compreendida. Mas também

designam a mesma coisa que as seguintes palavras: regras, mês, acostumado ou costumado, período, lua, menstruação, boi e paquetas; são expressões de calão, empregadas nas camadas mais baixas das comunidades”.

“A gravidez é designada pelas seguintes expressões: estar grávida, estar prenhe, estar ocupada, estar com novidade, estar de família, estar em estado interessante, estar esperando, estar pesando ou estar pesada”.

Discorre o autor sobre os vários sentidos empregados pelo povo das baixas camadas das comunidades, nos termos que envolve desde o começo da mulher no início da puberdade, como já vimos acima, até o desenvolvimento e parto do filho, entre, talvez, as crendices mais absurdas, mas de crença geral.

Dizendo que “Na Serra, isto é, em certa parte da zona serrana, em Santa Catarina, é uso colocar nos maridos os arreios dos animais (encilha-se o marido...) e faz-se com que dê três voltas em redor da casa, assim permaneceu todo”. Em outras zonas do Estado passam uma toalha ao pescoço do pai da criança para que a mulher possa fazer força sobre a mesma e amenizar as contrações. Uma corda passada aos pés da cama, para o mesmo fim, também é freqüente. Quando o caso, entretanto, é difícil, essas simpatias não logram efeito. É preciso, então, apelar para a misericórdia divina: “vai-se buscar o manto de Nossa Senhora do Parto ou da Senhora das Dores à casa do fabriqueiro da Igreja, que nunca nega, e o colocam sobre o ventre da paciente para que, sobre sua invocação e proteção, o parto se realize”.

Desenvolve o autor todas as implicações com o recém-nascido, desde o “impelidado” até o nascido na “sexta-feira Santa”. Cuidados especiais com o umbigo, sapinhos, diarréias, etc. Diz que Lucas Boiteux recolheu a crença de que se deve dar à criança, beber a água do próprio banho, pois assim falará depressa. Não se devendo, para o mesmo fim, mostrar a criança ao espelho.

É uma seqüência de crendices e costumes que, embora seja de cultura popular, temos que aceitá-lo, pois na maioria dos casos realmente funciona.

## DAS DOENÇAS E SEUS REMÉDIOS CASEIROS

Para as doenças da boca: ABCESSOS, ACIDEZ, ROUQUIDÃO, AFTAS, CATARRO: Alfavaca, Limão. INFLAMAÇÃO DA LARINGITE: Sabugueiro, Limão e Alfavaca. AUSÊNCIA DE MENSTRUÇÃO: Chá de Algodoeiro, Arruda, Louro. ALCOOLISMO: Chá de folhas de Maracujá

com Limoeiro. ANEMIA: Agrião do Pará. COCEIRAS: Eucalipto. FURÚNCULOS: Emplastros de Sabão, Vinagre e Sal. BARRIGA D'ÁGUA: Purgante de sal amargo. ASMA: Chá de eucalipto, Alfazema, Limão e Flor da Noite. FRAQUEZA: Comer Agrião, Hortelã e Suco de Limão. INFLAMAÇÃO DA BEXIGA: Losna, Quebra-Pedra. CACHUMBA (Papeira): Chá de Limão com as folhas. BRONQUITE: Agrião, Violeta, Compressas quentes e frias. DOR DE CABEÇA: Erva-Cidreira, Flor da Noite, Alfazema, Limão. CATARROS: Algodoeiro, Eucalipto, Hortelã, Limão, Losna e Malva. QUEDA DE CABELO: Banho de Sol, Babosa, Alfazema. CÂIMBRAS: Camomila, Romana. CALOS: Mergulhar o pé em água quente ou morna e aplicar alho socado com sabão. CASPA: Lavar o couro cabeludo com limão e esfregar babosa. CISTITE: Erva Cidreira e banho quente de assento. CÓLICAS: Chá de Fumelo e Losna. CONGESTÃO CEREBRAL: Flor da Noite, Limão. COQUELUCHE: Preparar um xarope de limão com mel e dar uma colher de meia em meia hora; ficar no sol ao ar puro. DOENÇA DE SÃO GUIDO: Dieta de frutas, lavagens intestinais. CATARRO NASAL: Aspirar o chá de malva. PURIFICAR O SANGUE: Agrião, Amor Perfeito, Salsa Parrilha, Sabugueiro. DESMAIO: Chá de Erva Cidreira. DIABETES: Pau de Ferro, Limão, Quebra-pedras, comer ostras cruas. DIARRÉIAS: Compressas quentes na barriga, para aliviar a dor, chá de Aroeira quente, chá de folha de goiabeira e pitangueira. MENSTRUACÃO DIFÍCIL E DOLOROSA: Banhos de assento quentes, com funcho. PERTURBAÇÃO DO TUBO DIGESTIVO: Abutua, Alfavaca, Cominho. DIURÉTICOS: Agrião, Alfavaca, Alfazema. DOR DE DENTE: Erva-Cidreira, Hortelã, Malva. INFLAMAÇÃO INTESTINAL: Chá da flor do algodoeiro e limão. ENVENENAMENTO: Limão, Losna. Erisipela: Aroeira, Babosa, tomar água em abundância. Fazer clister diário para limpar os intestinos fazendo escalda-pés diários. ARROTOS: Camomila, Erva-Cidreira. DERRAMAMENTOS DE ESPERMAS INVOLUNTÁRIOS: Usar o limão em suco à vontade. AFECÇÕES DO ESTÔMAGO: Alfavaca, Limão, Camomila Romana, Quebra-Pedra. FARINGITE: Gargarejos com chá quente, pincelar a garganta com suco de limão. FEBRES: Alfavaca, Anil, Eucalipto, Arruda, Babosa, Limão. FRIEIRAS: Limão. GASTRITE: Alimentos leves, suco de frutas, caldos leves, água morna. GRIPE: Limão, Losna, Sabugueiro, banhos de vapor. HEMORRÓIDAS: Sabugueiro, banho de assento frio de três a quatro minutos ou banho morno em água ligeiramente avinagrada (vinagre de qualidade). MAU HÁLITO: Limão, Losna (ver males da boca e estômago). SÍFILIS: Limão, Salsaparilha, Nogueira. TERÇOL: Compressas quentes, óleo de amêndoa doce. PALPITAÇÕES NO CORAÇÃO: Chá de Erva-Cidreira. CONSTIPAÇÃO DO VENTRE: Chamada de prisão de ventre ou prisão do vento, pois,

por constipação, se entenda, vulgarmente, resfriado. São usados o azeite doce e os purgativos - já citados no primeiro capítulo. A constipação crônica é combatida pelo uso contínuo e freqüente das pílulas laxativas de propaganda popular. CONTUSÕES E ESCORIAÇÕES: Urinar imediatamente sobre a parte contundida, tomar gotas de Arnica, com água de arnica, com chá de gervão, que também é dado a beber. Moreira registrou em Porto União, na região do planalto norte de Santa Catarina, a aplicação da urina, mas devendo ser de indivíduo do sexo oposto ao "machucado", Pires de Lima em Portugal, os emplastos de ferrugem com urina. CONVULSÕES: As convulsões infantis são, cem por cento, chamadas de "ataque das bichas". Em geral, fazem fricções pelo corpo com ervas picadas - salsa, hortelã, erva de Santa Maria e outras, misturando com vinagre. Dá-se o vinagre a cheirar; quando possível, chá de hortelã a beber. Se verificada elevada temperatura ou se suspeita que "a febre é por dentro", sinapismo nas panturrilhas e na planta dos pés. O chá de Erva-Cidreira é muito usado para não deixar "voltar" o ataque. DESMAIOS: Vulgarmente chamados de acidentes. Quando se diz ao médico que Fulano teve um "acidente", não se quer dizer que sofreu um acidente, mas que teve um desmaio, uma síncope. Procura-se fazer voltar a si o paciente por meio de fricções de vinagre ou de álcool, principalmente "nas fontes" (Têmporas), dá-se a cheirar o vinagre estimulando-o com palmadas, nas mãos e na face, enquanto se faz em torno uma gritaria, alegando-se "não ser nada". Café quente para tomar é a providência imediata quando o doente volta ao estado consciente.

In: A Medicina Caseira: Medicina - Médicos e Charlatães do Passado.  
Oswaldo Rodrigues Cabral.

## À GUIZA DE TOPONÍMIAS EQUIVOCADAS

Prof. Nereu do Vale Pereira

Toponímia, além de identificar os lugares e sítios geográficos, através de seus nomes expressivos, significa, também, o estudo da origem dessas denominações. Diz-se que é a parte da Onomatologia que estuda a origem dos nomes dados aos lugares.

Na quase totalidade, os topônimos têm origem folclóricas. Derivam de aspectos físicos e paisagísticos do local, segundo à visão popular, ou de nomes de vegetais, animais ou indivíduos que sirvam de referência, orientando a quem ele se dirigir. Sítio do Horácio; Canto do Candonga; Trevo do Erasmo; Morro da Bina; Morro do Seu Nereu; Praia da Joaquina; etc. Ponta do Gravatá (vegetal); Canto da Nogueira (vegetal); Figueira; Tronquiera; Ilha dos Cardos; Ilha das Vinhas; etc. Orientação geográfica, por exemplo: Sertão de Baixo; Sertão de Cima; Sertão do Meio; Praia do Saquinho (saco, pequena, porém acentuada, enseada do mar); Ponta do Sambaqui; Morro do Macaco (tem o topo em forma de cabeça de macaco); Morro do Céu (por ser muito íngreme); Costeira. Exemplos de animais referenciais: Ilha das Pombas; Ilha das Cabras; Ilha dos Guarás; Toca do Uga; Morro do Boi; etc. Relativos a fatos ocorridos: Morro do Enforcado; Ponta dos Naufragados; Curva do Cego (porque um cego se postava no local para pedir esmolas). Bom, vamos adiante...

Ocorrerá equívocos quando algum "sabido", pretendo erudito, estiver batizando o lugar, alterando-lhe a denominação popular tradicional e folclórica, por outros ímpetos corretivos ou quando desejo ilusório e interesseiro de "homenagear" alguém, ou ainda envolvido por lampejos de modernização onde, o pernóstico esteja envolvido sob os aspectos de correção lingüística.

O município de Florianópolis, em si, se reveste, de largada, de um desses equívocos grosseiros e agressivos.

Sérias são as resistências daqueles que, como nós, viram e vêem na "homenagem" a Floriano Peixoto, uma afronta aos desterrenses desafetos do questionado Marechal e um desrespeito ao trissecular nome de Nossa Senhora de Desterro, amparado na religiosidade que orientava a vida dos seus instituidores.

Agride-nos muito mais o fato de que se a Ilha tenha tido designação de Santa Catarina (baseado na tradição do século XVI, em batizar os lugares com o onomástico do Santo do Dia) tenha o município evoluído para Florianópolis. Nome "Florianópolis", na verdade, melodioso na canção escrita e sonora, lembrando flores e belezas que, no entanto, não foram inspiradoras de sua adoção.

Os carijós foram muito mais poéticos e sábios, muito mais autênticos, quando a designaram de Meiembipe, Jurerê-Mirim ou, simplesmente, Jurerê.

Ilha da Magia, Terra do Sol e Mar, Santa Catarina, Marisol, Açorianópolis e outros, e porque, Santo Deus, fomos parar com o nome de Florianópolis, se não para adular, "puxar o saco", de alguém que ocupava, pela força, a Presidência da República e que tripudiara sobre a população da pacata Desterro. Tal toponímia foge a regra da espontaneidade para se inserir no capítulo das denominações equivocadas.

Mas, neste artigo, vamos levantar mais alguns casos reais de equívocos, podendo ainda ser separados pela retificação. São denominações que, ao longo do tempo, num choque entre o popular, o tradicional, o espontâneo e o moderno, erudito, pretense, correto, perdeu sua verdadeira denominação inspirada no desenho geográfico; "ficou pior a emenda do que o soneto".

Referimo-nos, primeiro, à denominação de Praia da Galheta, no Distrito (Nossa Senhora da Conceição) da Lagoa. Porque a denominaram Galheta? O que teria tido o local para ensejar essa toponímia?

Ora, galheta é uma vasilha de cerâmica ou vidro, de dimensões várias, que teria, ou ainda tem, a finalidade de armazenar vinho, água ou outros líquidos importantes. No quotidiano passou a designar, basicamente, duas pequenas jarras de vidro ou cristal, utilizadas com água e vinho na celebração de Missas (Celebração Eucarística), ou ao se colocar às mesas com temperos líquidos para saladas (galheteiro).

O que, então, poderia ter inspirado os populares para denominar essa praia com o nome de Galheta? Teriam encontrado alguma jarra jogada ao acaso, na praia?

Não nos parece nada pertinente o suficiente para justificar a decisão popular para adotar referida toponímia. Nada que se possa colocar dentro da Onomatologia.

Após uma série de reflexões e buscas, espero ter chegado a raiz verdadeira do denominar-se a praia com o nome de Calheta, logo com um C, e não Galheta, com G.

Tem-se como certo, através de várias pesquisas (Prof. Wilson Farias) de que a população da Vila de Nossa Senhora da Conceição da Lagoa, nasceu com a corrente migratória açoriana do Século XVIII. De que expressivo número dos açorianos que se radicaram na lagoa, procederam da ilha de São Jorge, importante Ilha do Arquipélago Açoriano, que tem na Vila da Calheta sua segunda maior expressão de "Concelho" (Conselho é o grau hierárquico de uma comunidade, possuindo o direito de organizar, por eleições, uma Câmara de Vereadores, cujo presidente é o Prefeito). É a Calheta, uma pequena praia, ou melhor, uma pequena e estreita enseada cuja paisagem e formação geomorfológica se assemelha com a Praia da Galheta, da lagoa da Conceição.

Ademais, existem outras localidades portuguesas, ou por elas colonizadas, denominadas Calheta, como vejamos: na ilha Terceira, Açores, São Mateus da Calheta, que é um porto pesqueiro; ilha de Santa Maria, Açores, Calheta de Nossa Senhora dos Prazeres; ilha do Pico, Açores, Calheta do Nesquim; ilha Maio, Cabo Verde, Porto da Calheta; Funchal, ilha da Madeira, Enseada da Calheta; etc.

Mas, o que significa "calheta"? Pequena enseada; Angra estreita, segundo os dicionários. Identifica geomorfologia, como a da Praia da Galheta. Fica, pois, registrado o fato de que a toponímia correta deverá ser Praia da Calheta.

Como se origina do popular, do espontâneo e do tradicional, e na dinâmica do folclore, ficam os moradores dessa localidade com o direito e a incumbência de decidir se voltam ao nome original e correto...

Vejamos um segundo caso. A denominação de uma ponta de terra existente, agora no continente, após a praia de Balneário (ô, ô, ô, ô que praia mais poluída) e dentro de área territorial do Município de São José, denominada de Ponta dos Três Henriques.

Nesse caso está evidente de que não foi o povo quem alterou a denominação original, Ponta da Dona Theresa Henriques (segundo o Mapa de 1830 por H. L. Niemeyer Bellegard). Vislumbra-se no caso um erro de leitura em algum antigo mapa, mal grafado, onde o nome Theresa Henriques aparentava ser o verbete Três: sendo Henriques o plural de vários Henriques, quando, no original, Henriques é sobrenome e não prenome. Dona Theresa Henriques era proprietária daquela ponta de terra. Em 1830 foi contratado o engenheiro oficial H. L. de Niemeyer Bellegard para realizar o balizamento dos mares que contorna a ilha de Santa Catarina, nascendo assim a Cartha Geo-Hydrográphica, da ilha de Santa Catarina, segundo os levantamentos deste Engenheiro. Nesse Mapa lê-se com clareza a Ponta de Theresa Henriques, indicando o local em referência.

Há, em outro mapa de 1783, em estado muito ruim, que o nome de Theresa fica de difícil leitura, daí porque se referir que o cartógrafo, ao ver o plural Henriques, decidiu pelo numeral três e não pelo prenome Theresa. Assim, quem pensou estar acertando ou consertando, ocorreu, involuntariamente, em erro, que perdura agora, quem sabe para sempre. Mesmo porque esta ponta pouco significa...

Como terceiro equívoco, já por nós abordado em outros artigos publicados é o de lembrar a toponímia da Ilha, ou Ponta, das Campanhas, na Armação do Pântano do Sul (durante a invasão espanhola -século XVIII - Pântano era grafado como Pantaño, como verifiquei numa inscrição de baleeira).

A designação no último mapa municipal, editado pela Prefeitura Municipal de Florianópolis, coordenado pelo Geógrafo Marcelo Vieira do Nascimento, o nome aparece no plural - Ponta das Campanhas. É de se perguntar o porquê da origem e o porquê do plural? (mapa editado pelo IPUF / Prefeitura Municipal de Florianópolis, em 1990).

Aqui o equívoco gerado pela pretensa correção está duplamente evidente. Primeiro porque o original estava no singular e o segundo porque a denominação COMPANHA, expressava o local onde as companhas de pesca da baleia, no sentido de companhia, colocavam seus apetrechos de pesca, em ranchos de madeira, e, inclusive, para repouso, e, até, pernoites dos pescadores. Os companheiros de uma companhia tinham nesse local momentos de lazer e de espera do sinal, para se atirarem ao mar na busca do grande cetáceo para capturá-lo. Toda a área pertencia à Armação da Fazenda de Santa Ana da Lagoinha (armação: ato ou efeito de armar a baleia; instrumentos de pesca e de instrumentos utilizados em navegação, aparelhamento de navios e outros). Nos mapas que desenhavam, as propriedades da companhia, a ponta aparece sendo chamada de COMPANHA e grafada com toda a clareza (vide também mapa de Bellegard de 1830, já citado).

COMPANHA no léxico da língua portuguesa, editado em Portugal, expressa, ainda hoje para o verbete, "s.f." (do lat. companhia). Tripulação de um barco de pesca, agremiação de pescadores. O mesmo que companhia (Lello Universal). Nunca, porém, campanhas como ERRADAMENTE vem sendo designada a ponta em referência.

Mais um outro fato na toponímia, curioso, porém não errado como julgam alguns, ocorre em relação às denominações Caeira e Caieira. Para a primeira, uma localidade do Distrito do Saco dos Limões e o outro, para a existente no extremo sul do Distrito do Ribeirão da Ilha.

"Caieira" é a designação do forno onde se prepara a cal de conchas marinhas (casca de berbigão). Logo, Caieira seria o local onde

se encontra a cal fabricada e pronta para ser comercializada. "Vamos até a Caieira para comprar cal".

Por que, então, "caieira"? Nos léxicos brasileiros o verbete não existe. É, porém, encontrado nos editados em Portugal como substantivo feminino, sinônimo de "matilha", grupo de cães de caça, podendo ser ainda aplicado para designar ajuntamento de malfeitores e/ou maldizentes.

Estaria aqui a origem dessa toponímia da localidade em Saco dos Limões? Com efeitos é o local ermo e propício para esconderijos e guardar cães. Para os eruditos e afeitos aos estudos lingüísticos, o termo é resultado da corrupuleta de caieira, e não a alusão ao conceito português da expressão. Ignoram nossas raízes étnicas luso-açorianas com inúmeras expressões arcaicas e ainda em pleno uso.

Por outro lado, na localidade residia um indivíduo esquisito, solitário e grosseiro e que era conhecido pelo nome de Seu João da Caieira e, que trabalhava numa caieira armada junto ao lodo do Saco dos Limões, muito bem descrita por Virgílio Várzea e que, segundo esse autor, exalava um odor fétido quando em operação, assustando e afastando todos os habitantes próximos.

Restou, então, a correta designação CAEIRA e que permanece firme em "usos e costumes".

Onde estará o certo e o errado, e suas origens? Que fazer?...

# ASSOCIAÇÕES FOLCLÓRICAS DE SÃO FRANCISCO DO SUL

Informações da Professora Sônia Maria Copp da Costa, especialmente para o Boletim da Comissão Catarinense de Folclore

Folclore: DANÇA DO VILÃO

De origem Africana / Portuguesa, a dança do vilão foi criada em São Francisco do Sul na época da escravatura e era apresentada nos terreiros das grandes fazendas e engenhos, sempre após as colheitas.

Utilizando movimentos alternados, em ritmo de ataque e defesa, os dançarinos usam bastões de madeira verde e rija, dando a cada batida o som para enriquecer o compasso e apresentação.

A DANÇA É DIVIDIDA EM SETE PARTES:

- 1ª - UMA MARCHA
- 2ª - TOQUE DO TAM-TAM
- 3ª - TROCA LUGAR
- 4ª - CERRADINHO
- 5ª - PERNA SOBRE O BASTÃO
- 6ª - BASTÃO SOBRE A CABEÇA
- 7ª - SAÍDA COM UMA RODA

A dança do vilão teve sua maior consagração por ocasião do IV Centenário da Cidade de São Paulo, quando representou o Folclore Francisquense, sendo aplaudida entusiasticamente.

Em 1990, foi convidada a participar do 1º Festival Internacional do Folclore, na cidade de Lisboa, Portugal.

Na região Norte e Nordeste de Santa Catarina, o grupo realizou apresentações em quase todos os municípios, obtendo êxito extraordinário.

Hoje, com a colaboração da Prefeitura Municipal, a dança do vilão é apresentada em todas as datas festivas da cidade.

Desde sua criação até os dias atuais, a dança é praticada no bairro do Rocío Grande, localidade de Morro Grande, logradouro do município Francisquense.

O município de São Francisco do Sul é o único no Brasil onde se mantém essa tradição, graças ao ilustre senhor "ROMÁRIO MATIAS".

PRESIDENTE: Jair Antônio Shetz

ENDEREÇO: Rua 25 de dezembro - 122 (Morro Grande)

TELEFONE PARA CONTATO: (0474) 44- 0754

## Folclore: BOI DE MAMÃO

As danças de boi, de todas as pantominas conhecidas no ciclo de Natal e Reis são, sem dúvida, as mais populares e freqüentes. De uns anos para cá, essas festas se vêm estendendo até as portas do Carnaval, por uma questão que podemos denominar de afinidade estética. As formas grotescas dos animais e as vestes dos dançarinos, muitas vezes enfeitadas, coadunam-se bem com as máscaras e fantasias dos súditos de Momo.

Eis a descrição do "BOI DE MAMÃO", tal como é conhecida em São Francisco do Sul:

O MATEUS - Figura principal que representa o Vaqueiro. Entra em cena a um sinal de apito, trazendo o Boi, enquanto o solista e o coro, em resposta, começam a cantoria. O Boi, manejado por um hábil dançarino pula, volteia e saracoteia, até que Mateus, em dado momento, com uma espada de pau, cutuca o Boi e a dança pára. A cena que segue é quase solene. Cessa o canto; representando o pássaro dos mortos, o URUBU entra no círculo, a fim de bicar o Boi caído. Após uma rápida encenação, o urubu some aos pulos. O Feiticeiro ( SEU DOTÔ), chamado pelo Mateus, com um galho de alecrim na mão, fazendo gestos característicos, pronuncia a seguinte quadra:

EU BENZO O MEU BOI,  
COM UM GALHO DE ALECRIM,  
SENHOR DONO DA CASA,  
NÃO SE ESQUEÇA DE MIM.

Nessa ocasião, como é tradicional, o Mateus sai a recolher algum dinheiro que as pessoas presentes oferecem. Já o Boi retorna à cena,

com suas reviravoltas, enquanto, gradativamente, vão entrando na brincadeira o CAVALO MARINHO, a CABRINHA, a BERNÚNCIA, o MACACO, o URSO; que são chamados ao centro da roda em meio a cantoria:

DANÇA MEU BICHINHO,  
DANÇA BICHARADA,  
DANÇA MEU BICHINHO,  
NO MEIO DESSA MOÇADA.

Em alguns casos e, conforme o bairro de origem, são apresentadas outras figuras como a MARIETA e o DINDINHO, bonecos de grande porte. A representação chega ao fim!... Pouco a pouco, os cantores e dançarinos retiram-se, carregando seus instrumentos e as burlescas armações.

PRESIDENTE: Geovah dos Passos  
ENDEREÇO: Rua Padre Antônio Nóbrega - 590  
TELEFONE PARA CONTATO: (0474) 44- 0360.

Folclore: FANDANGO / CHAMARRITA

De todas as modas procedentes dos Açores, as que sobrevivem a persistência das cantigas e, ainda, aguardam a permanência da música no coração e na saudade dos mais idosos filhos de São Francisco do Sul, daqueles que participaram das famosas farinhadas comunitárias das grandes fazendas existentes nos Frias, Vila da Glória, Praia Bonita, Gamboa e Porto do Rei, se destacam o Fandango e a Chamarrita, nesta Festilha representada pelo GRUPO FOLCLÓRICO ITAPOÁ da localidade de Figueira do Pontal.

Folclore: AS PASTORINHAS

É uma dança muito antiga, de origem portuguesa, que teve seu ressurgimento por volta de 1950, quando da campanha para a substituição da cobertura da Igreja matriz.

A dança das pastorinhas acontecia sempre no mês de dezembro e marcou muito o povo da Ilha nas vésperas do Natal Francisquense.

Atualmente, no resgate da memória e das tradições, grupos de estudantes apresentam a dança em festividades escolares e demais eventos da comunidade.

Nas palavras da atual presidente do Grupo "AS PASTORINHAS", o que mais incentiva um responsável por grupo de tamanho valor cultural é a emoção de ser Francisquense, pois dinheiro nenhum paga o que sentimos ao reviver momentos marcantes da vida de um povo, do qual fazemos parte.

**PRESIDENTE:** Norma Terezinha Carvalho Lopes

**ENDEREÇO:** Colégio Estadual "Claurinice Vieira Caldeira" - Rocio Grande

**TELEFONE:** (0474) 44- 0946.

### **Folclore: ASSOCIAÇÃO DE CAPOEIRA "CARAVELAS NEGRAS"**

Uma das mais ricas dentre as manifestações culturais que herdamos com a presença dos povos Africanos no Brasil. Nasceu como forma de defesa, tendo nos Estados de Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro seus primeiros pontos de fixação.

Em São Francisco do Sul a capoeira chegou em 1983, através do contramestre CANELA, que abriu a Associação MANGANGÁ DE CAPOEIRA.

Em março de 1990 reapareceu com o nome de Associação de Capoeira "CARAVELAS NEGRAS", sob a direção de EUCLIDES ALVES JÚNIOR, ex-aluno da turma de 1983 e atual aluno da Associação de Joinville, que tem como idealizador o mestre SINHOZINHO.

**MESTRES:** ZUMBI REI DOS PALMARES, MANOEL DOS REIS MACHADO ( MESTRE BIMBA), VICENTE FERREIRA PASTINHA (MESTRE PASTINHA) F. WASHINGTON BUENO DA SILVA (MESTRE CANJIQUINHA).

**INSTRUMENTOS:** BERIMBAU, PANDEIRO, ATABAQUE E CAXIXI.

**GOLPES:** RABO DE ARRAIA, TESOURA, RASTEIRA, MARTELO, MEIA LUA, ETC.

**PRESIDENTE:** Euclides Alves Júnior

**ENDEREÇO:** Praça da Bandeira - 58 (Clube Náutico Cruzeiro do Sul)

**TELEFONE:** (0474) 44- 0135.

## DIRCÉA BINDER



### FLORIANÓPOLIS - SC.

DIRCÉA BINDER - Entre os artistas plásticos de Santa Catarina é destaque, nos meios culturais catarinense, Dircéa Binder que, ultimamente, tem dedicado a sua farta imaginação as composições de "recorte de papel", no tema específico estilizado do "Pão por Deus".

São magníficos os seus recortes em composições estilísticas de rara beleza, com os quais têm brindado Santa Catarina com uma série de exposições.

Dircéa Binder está voando para o Rio de Janeiro e Brasília, onde exorá as suas produções artísticas, com apoio de órgãos culturais do Ministério da Cultura.

Ao registrarmos esse acontecimento, o fazemos certos do sucesso absoluto que será alcançado pela discutida artista catarinense.

## O PÃO POR DEUS

Dauro Stazak

O Pão por Deus representa um dos hábitos mais delicados do passado Franciscano, tão cheio de mil outros encantos na sua deliciosa simplicidade.

Que é Pão por Deus?

É um coração ou outra figura feito de papel cetinoso e de cor, de preferência azul, vermelho ou amarelo, tendo comumente quatro faces que se justapõem com a parte branca do lado de dentro e uma pequena franja rendilhada.

O coração obriga a um presente de 1º de novembro em diante, e esse presente tem o nome de PÃO POR DEUS.

É em quadrinhas afetuosas, escritas na face interna, que se pede a dádiva, não pelo prazer material de ganhá-la, porém pela satisfação de ter uma lembrança da pessoa a quem se quer bem.

Os versos são meigos e escritos em letra caprichada, miúda e redonda.

E os versos dizem:

Lá vai o meu coração  
Retratando em uma flor,  
Vai pedir o Pão por Deus  
A quem tanto tenho amor

Brilha o sol e brilha a lua  
Brilham os lindos olhos teus,  
Brilhante serás em tudo  
Se mandares Pão por Deus

Um outro apaixonado põe o seu amor acima de tudo:

Os justos pedem os santos,  
Os santos pedem a Deus,  
Eu só peço ao meu amor  
Que mande o Pão por Deus.

Governo o Rei o seu povo,  
Aos escravos o senhor,  
A mim somente governa  
O meu lindo e meigo amor.

Aparece também algum coração pilhérico:

Quem tem cabras, tem cabritos,  
Quem tem porcos, tem presuntos,  
Mande-me o Pão por Deus  
Por alma dos seus defuntos.

Se muito pode o destino  
Aos menos pode quem quer,  
Deixa o teu marido agora  
E vem a minha mulher.

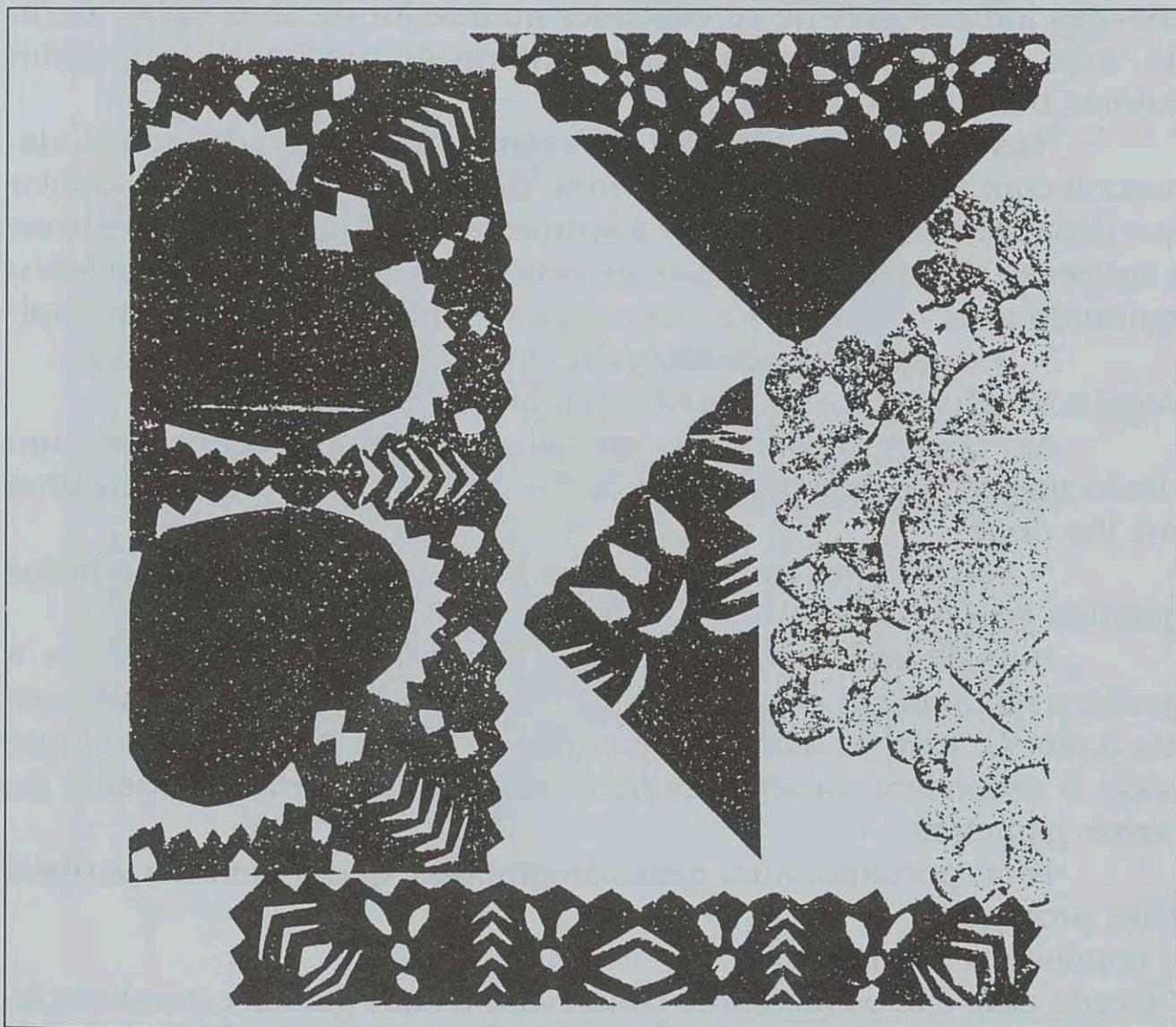
O coração que lá se vai atrás do Pão por Deus é, em geral, um emissário discretamente apaixonado do coração, que ficou no peito a tremer de amor e, muitas vezes, o Pão por Deus é a Capela enfeitada do bairro, ou até mesmo a nossa Igreja Matriz, um bando alegre de convidados e o padre muito sério a dizer: "Com o favor de Deus querem se casar...". E os Pães por Deus continuam a cruzar-se, perpetuando a tocante singeleza da nossa querida São Francisco do Sul.

Com o advento da FESTILHA (Festas das Tradições da Ilha), procuramos resgatar o hábito das trcas do Pão por Deus, que o tempo e a modernidade tentaram apagar da mente do pacato e acolhedor povo Francisquense...

## **SÃO FRANCISCO DO SUL - SC**

### **PÃO POR DEUS**

Colaboração da Professora Sônia Maria Copp



## GRALHA AZUL LAGEANA

Colaboração de Patrícia Gobetti

Há muito tempo, nos campos de Lages, nas suas numerosas fazendas, levava-se uma vida tranqüila e pacata. Só as festas, quermesses, casamentos ou pixurus quebravam a sua monotonia.

Gente simples e amante da natureza vivia nestas terras. Admiradores respeitosos de suas coisas, os serranos se surpreendiam vendo surgir onde menos se esperava, novos grupos de pinheiros. Por mais que o fizessem, não conseguiam descobrir explicação para o fato.

Conta-se que, em certa feita, essa gente serrana foi surpreendida por forte trovoadas. Em meio a correrias e gritos, recolheram suas criações indo, depois de se esconder no interior de suas casas, perto do "fogo de chão". Os mais vividos lembravam orações e queimavam palmas bentas.

Nisso, um velho servidor da fazenda, num gesto de inquietude, buscou com olhos a paisagem lá fora. Desrespeitara a crença popular que dizia ser perigoso observar a tempestade. Por isso, entre medroso e suspenso viu uma cena jamais presenciada - um pinheiro gigantesco estirando seus braços fortes para uma avezinha perdida no temporal:

"- Vem, gralha azul. Abriga-te. Eu te protegerei das chuvas."  
Vergando seus braços, aconchegou a avezinha assustada.

Atordoado, o caboclo ia chamar seus companheiros, mas um clarão nos céus o prendeu ao lugar em que se encontrava e dele uma voz lhe disse:

"- Toma como exemplo o que acabas de ver e conta a todos quantos encontrares."

Maravilhado, o velho passou a explicar às pessoas que era a gralha a responsável pelo aparecimento de tantos pinheiros. Enterrava ela o pinhão para se alimentar durante o inverno. Esquecida do lugar onde o escondera, buscava outros, deixando na terra a semente de novos pinheiros.

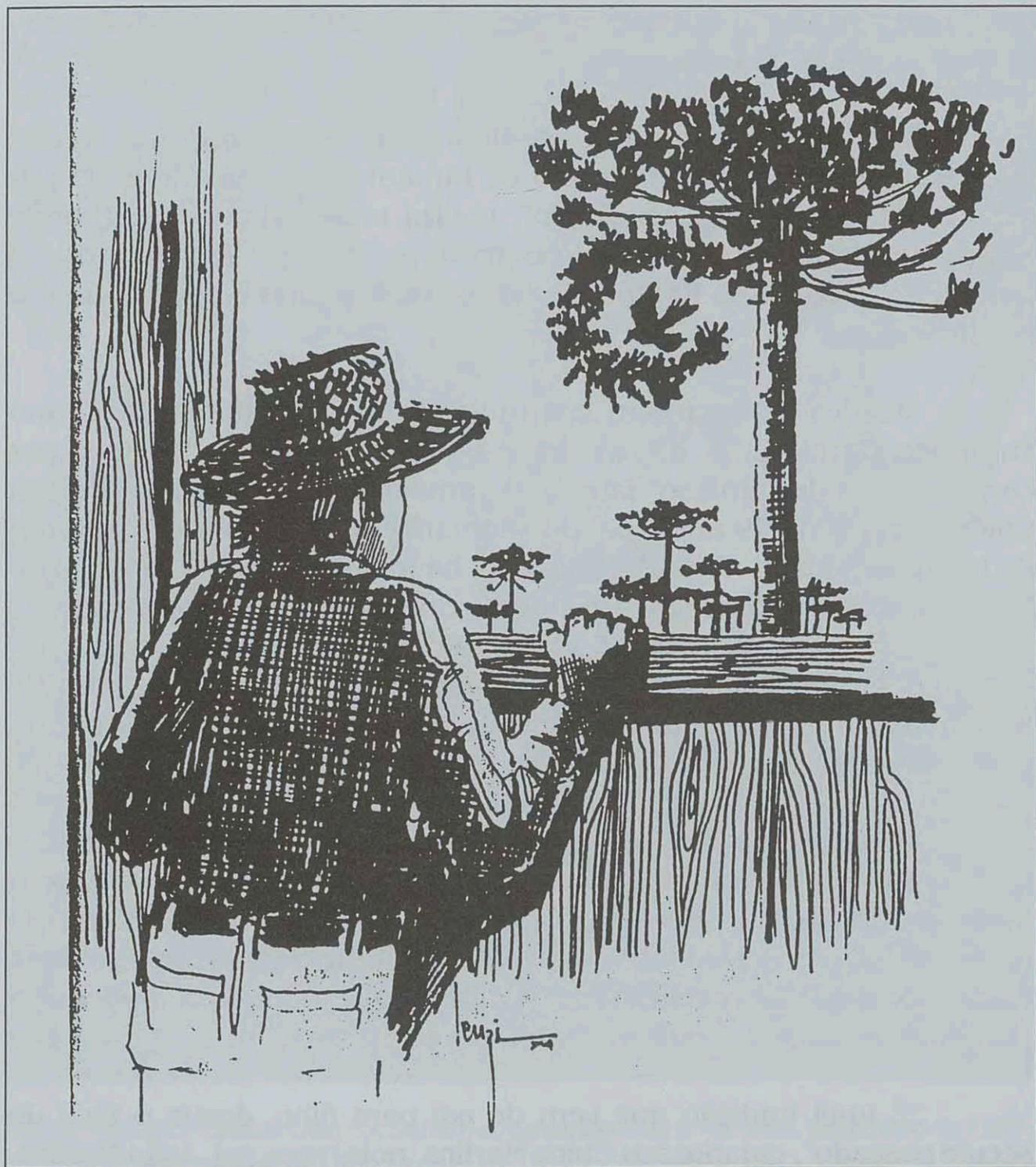
Fora, portanto, num gesto de gratidão, que o pinheiro vergava para protegê-la.

E continuava o caboclo:

"-Desde esse dia, os pinheiros conservaram seus galhos curvados e os

seus troncos mais retos e firmes, para lembrar o gesto de aconchego e de amizade 'a ave perdida. Nem os ventos nem o frio foram capazes de derrubar suas folhas eternamente verdes, acenando a esperança nos campos e corações lageanos.

Nunca mais o caboclo pôde se esquecer da cena e da recomendação. Uns acreditaram, outros não. Ninguém pode desconhecer, no entanto, que a natureza é sábia e que dela poderia copiar e transmitir as lições de cooperação e respeito, uma obra comum de construção.



## **O FOLCLORE AÇORIANO NO SUL CATARINENSE**

Doralécio Soares

Colonizadas, principalmente por portugueses açorianos, várias cidades do Sul de Santa Catarina, a exemplo de Florianópolis (Sul da Ilha), mantêm vivo o folclore açoriano. É o caso de Imbituba, Imaruí, Laguna, Jaguaruna e Tubarão.

De todas essas cidades, destacam-se as manifestações folclóricas açorianas no município de Imbituba que, anualmente, por ocasião da "Semana do Município", realiza uma festa açoriana, onde estão sempre presentes o folclore do Terno de Reis, a Chimarrita, a Bandeira do Divino, o Pão por Deus, o Cacumbinho de Imbituba e o Boi de Mamão.

Alcança repercussão em todo litoral catarinense, o Grupo Folclórico Estrela Guia, da cidade de Imbituba, formado "apenas" por componentes de "uma só" família: a Família Martins, liderada por seu Chico Martins, de 79 anos, pai do "Romanceiro Açoriano" e "Cantador de Histórias", poeta Almir Martins, que, há muitos anos, promove, com apresentações, o folclore e a cultura açoriana no Litoral do Estado.

O Grupo Folclórico Estrela Guia, de Vila Nova Açoriana de Imbituba, surgiu há cinqüenta anos, com seu Chico Martins, pai do poeta Almir Martins, que é cantador de Reis e Bandeira do Divino.

As apresentações deste grupo são valorizadas pelos turistas e nativos do Litoral, não só pela beleza da indumentária colorida de seus nove componentes e seu vistoso estandarte (foto anexa), nem só pela variedade de manifestações (ora cantando o Terno de Reis, ora Bandeira do Divino), mas a importância está no fato de que todos os componentes pertencem a uma só família de Imbituba: os Martins.

"É uma tradição que vem de pai para filho, desde o final do século passado", garante seu Chico Martins, pois "meu pai, João Martins,

foi quem me ensinou a cantar o "Reis" e a "Bandeira do Divino", e eu ensinei para o Almir, que é o repentista do Grupo, e para os outros filhos", reafirmam seu Francisco e D. Minervina, "tripa" do Terno de Reis.

Foi com o lançamento do livro "Romanceiro Açoriano", em 1995, em várias cidades de Santa Catarina, que o Grupo Folclórico Estrela Guia tornou-se mais conhecido e requisitado em várias cidades para apresentações.



Grupo Folclórico Estrela Guia, de Imbituba, cantando o Terno de Reis, dezembro de 1993. Família Martins - Gravação RBS-TV.

Cidades como Tubarão, Imaruí, Florianópolis (Sul da Ilha), Mirim, Laguna, São Francisco do Sul, além de Imbituba, têm assistido as apresentações do Grupo, que tem como forte manifestação o Terno de Reis, onde anunciam com suas cantorias e versos próprios improvisados, o Nascimento de Jesus, entre 25 de dezembro e 06 de janeiro.

Para o poeta Almir Martins, autor do livro "Romanceiro Açoriano", e repentista do Grupo Folclórico Estrela Guia, "mostrar a nossa própria cultura açoriana com o nosso folclore, é estar comprometido positivamente com as nossas origens, com o nosso chão de viver".

## **CACUMBINHO DE IMBITUBA**

Almir Martins

É folclore imbitubense, criado pela nossa gente açoriana.

Embora outros municípios apresentem o Cacumbinho, foi em Imbituba que surgiu esta manifestação folclórica, provavelmente no século passado.

A Dança do Ticumbi ou Cacumbi ou Cacumbinho, nome mais popular, teve como último cultivador o Sr. Prezalino Pires, conhecido por Seu Melado de Paes Leme, e consiste de uma encenação de um combate de Marujos catarinenses contra "Mouros" do além-mar.

A História registra que a 04 de novembro de 1839, data do Combate de Imbituba, após Anita Garibaldi, com seus três navios, ter saído bravamente ao encontro da Flotilha Imperial, travou combate com seu navio Rio Pardo, saindo vitoriosa, onde bateu-se com o denodo do mais valente soldado.

Afinal, à noite, Anita, conseguindo ludibriar a vigilância adversária, rompe a linha de sua guarda, e festeja junto a seus marinheiros, antes temerosos do canhoneio, agora, encorajados e alegres pela Heroína.

Em folguedos, festejam, encenando um combate, com danças, empunhando espadas, recordando a luta em torno da fogueira.

Assim nasceu o Cacumbinho: a encenação de um combate.

# Cacumbinho de Imbituba

Duas alas vestidas com trajes e indumentárias típicas, portando espadas e brandindo-as no ar, dançam e cantam encenando uma luta entre dois ideais, dois povos, dois pensamentos:

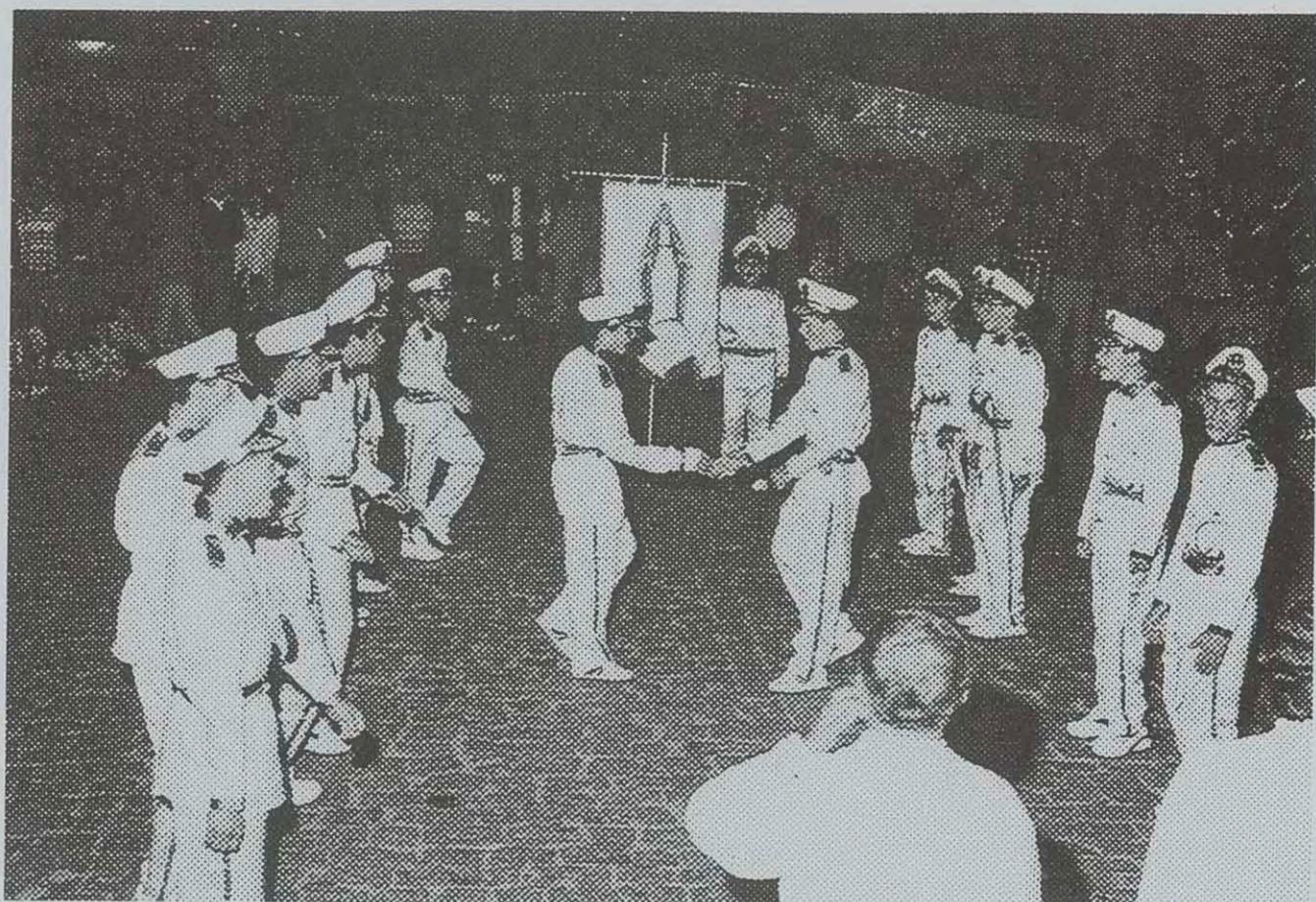
"FOGO E MAIS FOGO  
MORRA QUEM MORRER  
FOGO E MAIS FOGO  
VIVA QUEM VIVER".

E, quando em paz:

"SOMOS CACUMBINHOS  
CHEGAMOS AGORA  
TRAZENDO A BANDEIRA  
DE NOSSA SENHORA".



CACUMBINHO DE IMBITUBA



**II Encontro Catarinense de Primeiras  
Prendas  
I Encontro Catarinense de Peões  
Barrigas - Verdes**

# Artesanato Campeiro

**Ronaldo Paul**  
Peão Barriga-Verde 8<sup>a</sup> RT

*Itajaí, 18 e 19 de novembro de 1995.*

## INTRODUÇÃO

Na elaboração do trabalho "Artesanato Campeiro" mostraremos que 90 % dos trabalhos artesanais estão diretamente ligados com o couro.

No Sul, como no Norte do país, de couro se faziam inúmeras coisas. Nas estâncias do Sul, como nos sertões do nordeste, de couro eram até as portas e janelas, as cadeiras e bancos, a roupa de trabalho, as botas a cantil, as bainhas de facas, os arreios da montaria, uma série, enfim, de utensílios de uso cotidiano. A isto se chama a civilização do couro.

Sendo assim, apresentaremos aqui algumas peças fundamentais no uso campeiro, fabricados artesanalmente com esse material que, em certos casos, recebe um tratamento especial.

Couro - É a pele expressa e dura e também a pele curtida de certos animais. O curtimento torna os couros imputrescíveis e boa matéria-prima com múltiplas finalidades. Curtem-se, de preferência, como no Brasil, os couros de boi e porco e as peles de carneiro e de bode.

A indústria do couro é várias vezes milenar. No Egito foram encontrados pedaços de couro curtidos cerca de 3000 anos a.C. Babilônios e hebreus também curtiam. Na Grécia, no tempo de Homero, haviam curtumes. O poeta fala em sandálias de couro de touro. A princípio, e ainda entre os romanos, o trabalho de curtimento era artesanal. Depois organizavam-se fábricas especializadas.

No Brasil, os rebanhos se multiplicaram com extraordinária rapidez. Com facilidade, estalavam-se rústicos curtumes. Com o couro faziam-se malas, surrões, broacas, alforjes, mochilas, as roupas e os chapéus dos peões, selas e arreios das montarias, as portas de algumas casas os relhos e as cordas. O couro entrava ainda na fabricação de camas, cadeiras e utensílios domésticos. Em algumas zonas do Brasil, a chamada Era do Couro prolongou-se até o fim do século passado e atingiu os primeiros anos deste século.

As bases atuais da técnica do curtimento ainda se assemelham às primitivas, em que se limpavam os couros e peles, tirando-lhes restos

de carne e gordura, quase sempre depilando-os e intumescendo-os para fazê-los absorver as soluções tônicas. Às vezes, curtiam-no com sal de cozinha ou lubrificavam-no com azeite. Atualmente, as substâncias usadas no curtimento podem ser divididas em quatro grupos distintos, conforme o processo usado no curtume:

1) O primeiro grupo emprega as cascas de várias árvores, ricas em tanino. No Brasil, utilizam as cascas dos barbatimão, as dos angicos, e as dos mangues. O barbatimão ( *Stryphnodendrum* ) é abundante do Ceará ao Rio Grande do Sul.

2) No segundo grupo de agentes curtidores incluem-se o alume, o sal de cozinha e sais de cromo obtidos de um composto de ferro e cromo.

3) No terceiro grupo há vários óleos, como os de foca, bacalhau, baleia, etc...

4) No quarto grupo incluem-se substâncias sintéticas. Há várias espécies tratadas com fenóis e hidrocarburetos, tais como a naftalina, empregadas como agentes recurtidores para branquear as peles. No curtume usam-se, agora, máquinas aperfeiçoadas, que reduzem a mão-de-obra e o tempo de trabalho. Limpam as peles, dão-lhes flexibilidade, cortam-nas, laminam-nas, dão-lhes polimento. Segue-se a tintura de vários tipos.

Fabricam-se diferentes espécies de couro. O chamado Couro-da-Rússia é muito macio, impermeável e suavemente perfumado, por ser curtido com casca de bétula. Prepara-se o marroquim com pele de ovelha. O chamado Couro-de-Anta é fabricado, em regra, com couro de bezerro, e a camurça, com pele de ovelha. A vaqueta é submetida a várias mãos de verniz.

O grande consumo de couro e sua relativa escassez fizeram com que surgisse a indústria do couro artificial, que usa como matéria-prima resíduos de couro, trapo, papel. Estes são tratados quimicamente, comprimindo-se a substância resultante entre cilindros. Às vezes, há uma estrutura de fazenda, fibras de madeira, etc... O couro artificial não substitui inteiramente o natural. A indústria de plásticos vem produzindo sucedâneos do couro com aspecto cada vez mais semelhante ao natural e que pode ter praticamente as mesmas aplicações.

Laço - Corda trançada de tiras de couro cru, de comprimento que varia entre oito e dezoito braças, ou seja, de dezessete a quarenta metros; é constituído de argola, ilhapa, corpo do laço e presilha. O homem gaúcho bem várias vezes anda sem o seu laço, que ele carrega enrolado e atado a uma das tiras de couro (tentos) existentes na parte posterior do lombinho.

“O laço, quando não está sendo utilizado, é conservado enrolado e guardado sobre o chão ou assoalho e nunca suspenso

na parede ou cabide, porque assim se tornaria ressequido. Não se deve também lubrificá-lo com sebo ou outra graxa, e sim passar-lhe um pedaço de carne verde, especialmente fígado de rês ou então, cobri-lo por alguns momentos com a bosta existente no bucho da rês, quando ainda quente, após a morte. O laço lubrificado com óleo, graxa ou sebo, ficaria muito mole, não permitindo uma armada bem aberta. A feitura do laço obedece ainda um costume anti-higiênico para o traçador. Toda a trança é molhada à saliva, para que melhor e mais perfeita se apresente. Cada perna vai saindo do seu manójo, recebendo a dose de saliva que a amolece e a ajusta ao traçado.

Carona - Peça dos arreios, constituída de uma sola ou couro, de forma retangular, geralmente composta de duas partes iguais cosidas entre si, em um dos lados, a qual é colocada por cima do baixeiro ou xergão, e por baixo do lombilho, e cujas abas são mais compridas que as deste.

Basto - Totalmente feito de couro. Partes acolchoadas e paralelas do lombilho ou serigote, que assentam no lombo do animal.

Peitoral - Peça dos arreios que cinge o peito do animal e a cabeça dianteira do lombilho. Há peitorais simples, constituídos apenas de uma tira de couro cru, e outros de luxo, trançados caprichosamente ou revestidos de metal e até de prata lavrada.

Badana - Pele macia e lavrada que se coloca, na encilha do cavalo de montaria, por cima dos pelegos ou do coxonilho, se houver. Há badanas de couro de vários animais, sendo as melhores as de couro de cervo ou de veado parlo.

Cabeçada - Peça de couro que, cingindo a cabeça do animal e passando-lhe por trás das orelhas, serve para segurar-lhe o freio na boca. Há cabeçadas chapeadas de prata ou feitas inteiramente desse ou de outros metais.

Cincha - Peça de arreios que serve para firmar o lombilho ou o serigote sobre o lombo do animal. A cincha compõe-se de: **travessão, barrigueira, látego, sobrelátego**. Também é chamada **chincha**.

Travessão - Parte da cincha, constituída de peça retangular de couro, com uma argola em cada extremidade. Por essas argolas passam os látegos que prendem o travessão à barrigueira, para apertar os arreios.

No cavalo encilhado, o travessão fica colocado sobre o lombilho no lugar onde senta o cavaleiro, debaixo dos pelegos. Há também o travessão dos estribos, constituído de peça semelhante à anterior, porém bem mais estreita, e também provida de argolas nas extremidades às quais são presos os loros.

Barrigueira - Peça integrante dos arreios. faz parte da cincha e é constituída de uma espécie de trama de barbante ou tiras de couro, com uma argola em cada extremidade, que, presa ao travessão pelos látegos, circunda a barriga do animal, a fim de manter seguro o lombilho.

Látego - Parte da cincha, constituído de uma tira de couro cru devidamente sovada, com três ou quatro centímetros de largura e mais de um metro de comprimento, a qual, presa a uma das argolas do travessão o une à argola da barrigueira, para apertar os arreios, no lado de montar, à esquerda do animal. A tira de couro semelhante, que fica do lado direito é chamada sobrelátego.

Bota - Calçado próprio para andar a cavalo, feito de couro, que envolve o pé e a perna. Bota de Garrão feita de couro verde, de vaca ou de potro. Para confeccioná-la, abatido o animal, é retirado o couro da coxa e adaptado ao pé e à perna da pessoa que vai usá-la de modo que a ponta do jarrete da vaca ou do potro corresponda ao calcanhar do homem. A costura é feita com certa folga para permitir a entrada e a retirada do pé. Os dedos, em geral, ficam de fora.

Barbicacho - Cordão, cadarço, ou presas à carneira do chapéu, uma de cada lado, que passa por baixo do queixo da pessoa que o usa, para, nos dias de vento ou nos serviços de campo, manter o chapéu firme na cabeça. Na parte inferior do barbicacho, é costume colocar-se uma borla.

Tirador - Espécie de avental de couro macio, ou pelego, que os laçadores usam pendente na cintura, do lado esquerdo, para proteger a roupa e o corpo do atrito do laço. Mesmo quando não está fazendo serviços em que utilize o laço, o homem da fronteira usa freqüentemente, como parte da vestimenta, o seu tirador que, por vezes, é de luxo, enfeitado com franjas, bolsos e coldre para revólver. Os serranos, dos campos de São Francisco de Paula, Cambará, Bom Jesus e Vacaria, não tinham o tirador como parte de sua indumentária,

e só passaram a usá-lo como **pilcha** para os rodeios tradicionalistas. Anteriormente, para os trabalhos de laço, na mangueira, usavam eles, à guisa de tirador, um peleguinho de lã curta, pendente na cinta, com o carnal para fora, a fim de proteger a perna esquerda do atrito com o laço no ato de cinchar.

Guaiaca - Cinto largo de couro macio, às vezes de couro de lontra ou de camurça, ordinariamente enfeitado com bordados ou com moedas de prata ou de ouro, que serve para o porte de armas e para guardar dinheiro e pequenos objetos.

Cuia - Cabaça. Porongo, ou, mais propriamente, cabeça de porongo que se usa para preparar o mate. Recipiente de barro, de louça ou de madeira, usado para se tomar mate. A cuia de chimarrão, ou de mate, feita de cabeça de porongo, é, muitas vezes, guarnecida de prata, artisticamente lavrada. Encontramos vários modos de confecção e diferentes matérias-primas utilizadas: cuia de guampa, de gaieta, de madeira torneada, de vidro, de porongo, de porcelana, de prata, ensacada no saco do touro, etc...

O porongo é o recipiente mais comumente usado como cuia, tendo como vantagem fácil, obtenção e o baixo custo.

O porongueiro é uma planta da família **Cucurbita - Ceeae**, a mesma da abóbora e moranga, a espécie é denominada cientificamente por **Lagenaria Vulgaris** (lagena: recipiente, copo).

É uma planta de hábito rasteiro, trepador, com folhas largas. O fruto ou cabaça, solta internamente as sementes quando seca, formando um chocalho. A época de plantio compreende os meses de setembro e outubro, coloca-se três a quatro sementes por cova.

O tipo de cuia desejada, pode ser delineada ainda com porongo em desenvolvimento amarra-se o pescoço do porongo com panos, ou fitas facilitando a formação da borda e boca da cuia.

Após cortada no formato desejado, desbasta-se a borda da cuia, suavizando o beijo. Raspa-se o bagaço das sementes com uma colher, e, finalmente, deixa-se curtir, antes de usá-la.

Para curtir e evitar gosto desagradável, colocar erva, ou mistura de erva, com cinza vegetal e água quente, deixando pousar por dois ou três dias.

Guampa - Chifre preparado para ser usado como copo ou como vasilha para guardar líquidos. Há guampas com trabalhos artísticos, como esculturas feitas nelas a canivete, ou revestimentos de prata ou de

ouro. Existem pequenas guampas, providas de uma tira de couro ou corrente metálica fina, que são conduzidas na parte dianteira do serigote e usadas para beber água nas travessias de rios e arroios, podendo ser enchidas de cima do cavalo.

### Conclusão

O Artesanato Campeiro é bem extenso, sendo que a maior parte das peças são feitas de couro de diversos tipos de animais.

As peles de animais diferentes possuem características próprias e são empregadas em manufaturas diferentes.

O couro é um produto que leva para o artigo acabado, algumas das características da sua história. É quase impossível conseguir-se partidas de couro e peles exatamente iguais e certos defeitos devem ser tolerados.

Este trabalho é apenas um esboço, cabendo a cada peão aprofundar-se mais nos assuntos aqui explanados para um melhor domínio da matéria.

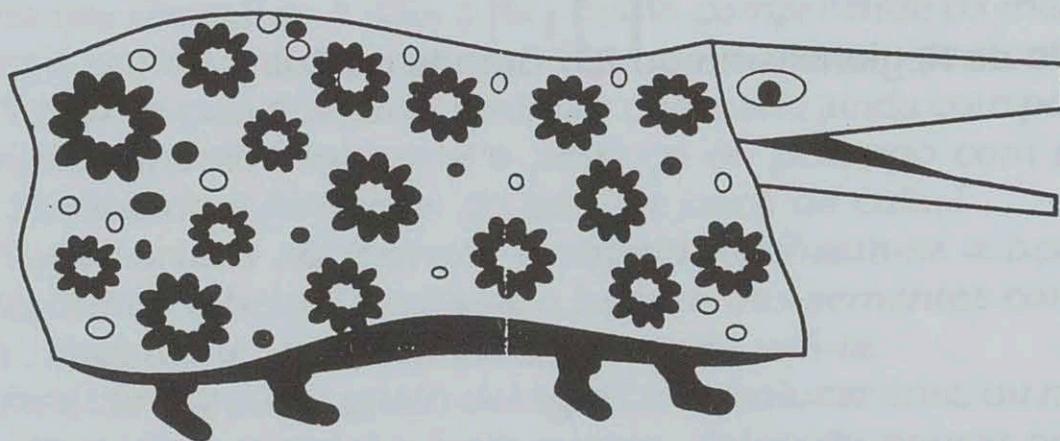
### Referências Bibliográficas

- *Enciclopédia Mirador;*
- *Enciclopédia Barsa;*
- *Jornal Buenas Chê;*
- *Dicionário de Regionalismo do Rio Grande do Sul.*

# II Encontro

Estadual de

# Folclore



**Sábado no Largo da Catedral às 9h**  
**Domingo na Feirarte da Beira Mar às 15h**  
**19 e 20 de agosto 95**  
**Florianópolis / SC**

## II ENCONTRO ESTADUAL DE FOLCLORE

Florianópolis, 19/ 20 de agosto de 95

### CONVITE

A Fundação Franklin Cascaes, órgão de cultura da Prefeitura Municipal de Florianópolis, tem a honra de convidá-lo para o II Encontro Estadual de Folclore, que se realizará nos dias 19 e 20 de agosto de 1995.

Promover, valorizar, incentivar, estimular e difundir a tradição, a cultura popular e as diferentes manifestações folclóricas decorrentes da formação étnica brasileira, visando assegurar a preservação e o intercâmbio entre os grupos.

### PROGRAMA

19/ 08

#### **Largo da Catedral**

9h - Abertura Solene, desfile e apresentação dos Grupos:

#### **Dança Afro-Brasileiras "Catumbi"**

Araquari

#### **Danças e Cantares Açorianos**

Biguaçu

#### **Danças Açorianas Arcos de Flores**

Laguna

**Oleiro**

São José

#### **Danças Folclóricas Polonesas**

#### **Danças Afro-Brasileiras**

Criciúma

#### **Danças Afro-Brasileiras Ajagunã de Palmares**

#### **Danças Afro-Brasileiras Angola Capoeira Mãe**

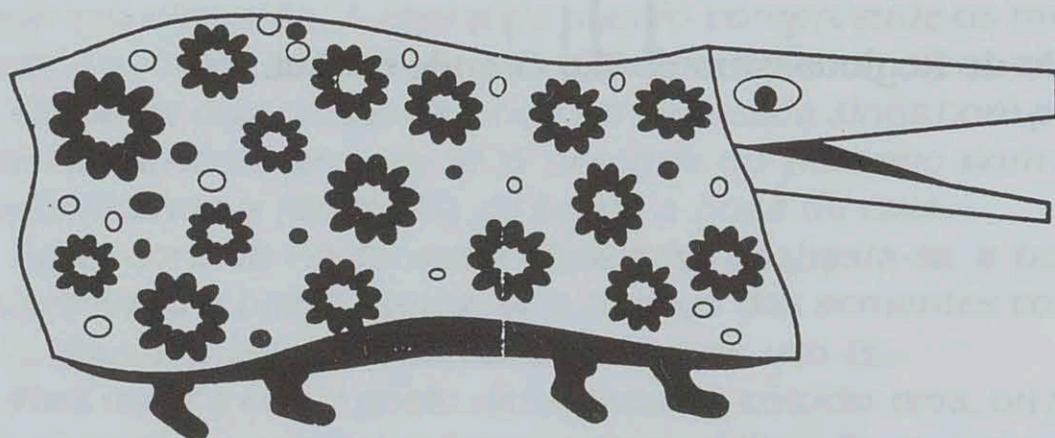
#### **Grupo Folclórico Boi Esperança**

Florianópolis

# II Encontro

Estadual de

# Folclore



**Sábado no Largo da Catedral às 9h**  
**Domingo na Feirarte da Beira Mar às 15h**  
**19 e 20 de agosto 95**  
**Florianópolis / SC**

## II ENCONTRO ESTADUAL DE FOLCLORE

Florianópolis, 19/ 20 de agosto de 95

### CONVITE

A Fundação Franklin Cascaes, órgão de cultura da Prefeitura Municipal de Florianópolis, tem a honra de convidá-lo para o II Encontro Estadual de Folclore, que se realizará nos dias 19 e 20 de agosto de 1995.

Promover, valorizar, incentivar, estimular e difundir a tradição, a cultura popular e as diferentes manifestações folclóricas decorrentes da formação étnica brasileira, visando assegurar a preservação e o intercâmbio entre os grupos.

### PROGRAMA

19/ 08

#### **Largo da Catedral**

9h - Abertura Solene, desfile e apresentação dos Grupos:

#### **Dança Afro-Brasileiras "Catumbi"**

Araquari

#### **Danças e Cantares Açorianos**

Biguaçu

#### **Danças Açorianas Arcos de Flores**

Laguna

**Oleiro**

São José

#### **Danças Folclóricas Polonesas**

#### **Danças Afro-Brasileiras**

Criciúma

**Danças Afro-Brasileiras Ajagunã de Palmares**

**Danças Afro-Brasileiras Angola Capoeira Mãe**

**Grupo Folclórico Boi Esperança**

Florianópolis

**Museu Cruz e Sousa**

16h - Palestra com o Prof. Dr. Paulo de Carvalho Neto, assessor do IBCEC/ UNESCO e Secretário-Geral da Comissão Nacional de Folclore, sobre **Folclore e Ecologia** e lançamento dos livros **Morrer pelo Brasil** e **História do Folclore Ibero-Americano**.

20/ 08

**Feirarte** - Beira Mar Norte

15h - Apresentação dos Grupos:

**Danças e Canções Folclóricas Italianas**

Urussanga

**Danças Folclóricas Ucranianas**

Mafra

**Danças Folclóricas Tirolesas**

Treze Tílias

**Danças Folclóricas Germânicas**

Itapiranga

**Danças Folclóricas Gauchescas**

Lages

**Boi-de-Mamão**

Jaguaruna

## **II ENCONTRO ESTADUAL DE FOLCLORE**

### **19 E 20 DE AGOSTO DE 1995**

### **FLORIANÓPOLIS - SC**

Santa Catarina, ao longo de sua história, acolheu diversos grupos étnicos e correntes colonizatórias, que para esta terra vieram em busca de um mundo novo, de melhores condições de vida, ou premidos pela força das circunstâncias.

A quantidade e a diversidade destes grupos, que inclui portugueses, açorianos, africanos, alemães, italianos, ucranianos e outros, contribuíram para construir neste Estado um extraordinário mosaico cultural.

Reunir num encontro as manifestações típicas destes diversos grupos, além de criar um evento de rara beleza, de grande receptividade popular, contribui para valorizar e preservar elementos significativos da nossa cultura.

É com este intuito que a Fundação Franklin Cascaes, órgão cultural da Prefeitura Municipal de Florianópolis, comprometida com o resgate, valorização e difusão do patrimônio cultural realiza o II Encontro Estadual de Folclore.

## GRUPO FOLCLÓRICO DO DISTRITO DE ITAPOCU

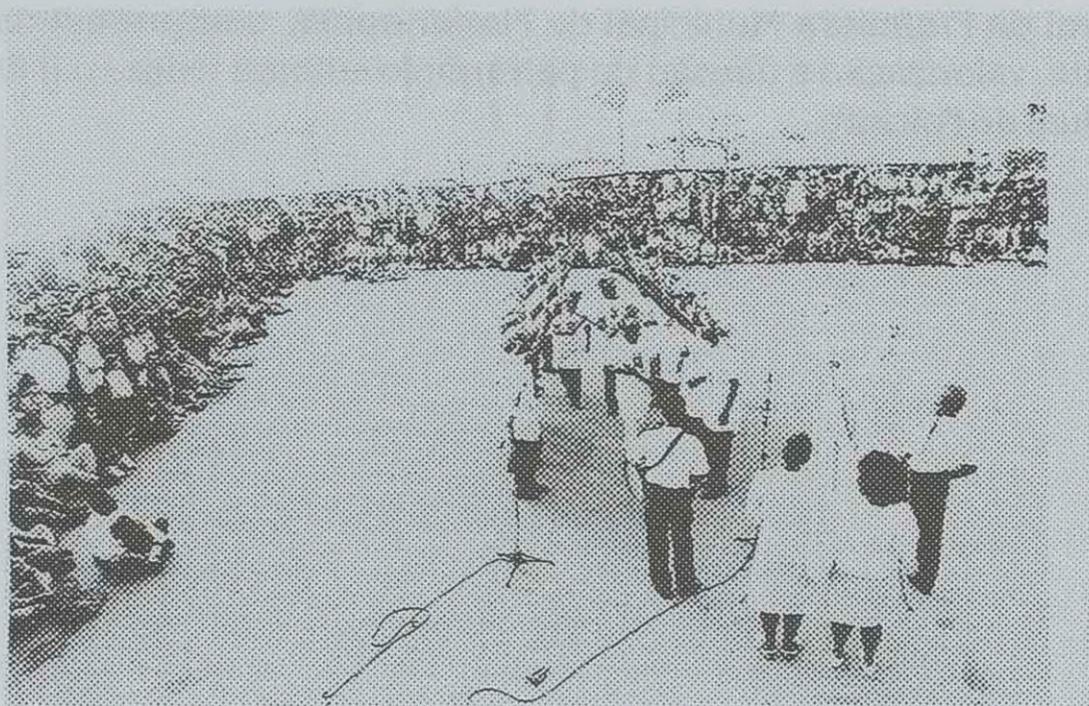
ARAQUARI/SC

Fundado em 1920 pelo escravo ANTÔNIO BANGALA, visando resgatar, preservar, valorizar e difundir a participação da etnia AFRO na formação do município de Araquari.

A dança do *catumbi*, *cacumbi* ou *ticumbi* é uma manifestação cultural popular Afro-Brasileira simbolizando uma guerra entre duas nações negras na disputa do poder. Originalmente o ritual era reproduzido através de um cortejo real encenado com movimentos coreográficos próprios, buscando preservar a identidade de cada nação e seu Soberano.

Cabe informar que no Estado temos dois grupos reproduzindo a dança do *catumbi*, o de Araquari e o Grupo do Capitão Amaro de Florianópolis, resgataado em 1994.

Coordenados por JOSÉ MARCELINO MARIA, vinte e seis pessoas encenaram o cortejo e a luta, acompanhados de cantos religiosos populares e dois tambores em madeira de olandim.



Araquari

## GRUPO FOLCLÓRICO DA PONTA DA BARRA

LAGUNA/SC

Criado em meados de 1994, o grupo busca preservar e valorizar a participação e os aspectos da cultura açoriana na formação do município de Laguna.

O grupo apresenta a dança do Arco-de-Flores, sendo sua origem atribuída aos açorianos.

Os componentes trazem consigo um arco feito com flores de papéis coloridos, encenando o movimento coreográfico denominado grachê.

São coordenados por MARIA ELIZABETH GUILHOR ANTUNES.



Laguna

## GRUPO FOLCLÓRICO DANÇAS E CANTARES AÇORIANOS

BIGUAÇU/SC

Representando a principal corrente colonizadora do município de Biguaçu, o grupo visa resgatar, valorizar, preservar e difundir aspectos da cultura açoriana através de cantos e danças, buscando um comparativo com os Açores e sua influência na formação cultural do município.

Fundado em maio de 1991, são reconhecidos como autênticos representantes do folclore luso-açoriano, principalmente pela diversidade de representação, como tocata, cantoria e bailadores.

Durante o II ENCONTRO ESTADUAL DE FOLCLORE interpretarão as cantorias: CHAMARRITA, PEZINHO, REMA-REMA, MANJERICÃO, TIRANA, MANÉ-CHINÉ e demonstrarão os movimentos coreográficos BELA AURORA e PALMAS.

ANA LÚCIA COUTINHO coordena o grupo de 22 pessoas.



Biguaçu

## GRUPO FOLCLÓRICO POLONÊS ORZEL BIALY

CRICIÚMA/SC

Fundado em 1979, representando a participação da etnia polonesa na formação do município de Criciúma, o grupo visa preservar, valorizar e difundir hábitos e costumes de sua riquíssima cultura.

Desde 1975 reúnem-se, informalmente, recordando canções folclóricas de sua etnia, e, no primeiro Centenário do Município de Criciúma, decidiram incluir movimentos coreográficos, retratando como o homem polonês alegre e diviniza a natureza e seu convívio social.

Apresentaram a tradicional dança da cidade de Lublin SUITA LUBELSKA, e a dança SUITA-KASZUBSKA sobre o Mar Báltico, acompanhados de cantos folclóricos das regiões Slaska e Trokak.

MAXIMILIANO MILAK coordena o grupo de 22 pessoas.



Criciúma

## **GRUPO DE DANÇAS AFRO-BRASILEIRAS FILHAS DE OLORUM**

CRICIÚMA/SC

Criado em maio de 1989, visa preservar, valorizar e difundir a participação da etnia Afro no processo de formação do município de Criciúma.

Com desenvoltura, quinze mulheres usando indumentária típica, encenam movimentos coreográficos que retratam aspectos da religiosidade Afro, como o momento de exaltação dos Orixás, divinizam, conscientemente, valores de seus antepassados e homenageiam seus deuses.

Atualmente o grupo é coordenado por ONÉLIA ALANO DA ROSA.



Criciúma

## CORAL PADRE LUIGI MARZANO

URUSSANGA/SC

Criado em meados de 1990, visa resgatar a difusão de canções populares da etnia italiana.

A musicalidade dos italianos é reconhecida universalmente, destacando-se no canto erudito, o tenor Luciano Pavaroti.

O coral é formado por 40 crianças, e no II Encontro Estadual de Folclore, interpretaram repertório variado de canções folclóricas de sua etnia. As canções são acompanhadas por movimentos coreográficos de dança.

Atualmente o grupo é coordenado pela professora ARLETE ZANIN SILVESTRIM.



Criciúma

## GRUPO FOLCLÓRICO DE CAPOEIRA ANGOLA-MÃE

FLORIANÓPOLIS/SC

Formado em meados de 1991, visa promover estudos e intercâmbio com capoeiristas de outras cidades no sentido de valorizar aspectos culturais da etnia Afro.

A Dança da capoeira, para este grupo, está relacionada com os costumes dos negros escravizados, e com o seu processo de segregação racial em sua constante luta pela liberdade. Para poderem sobreviver na marginalidade, os escravos fugitivos continuaram desenvolvendo a luta, como forma de fortalecimento. O deboche entre os lutadores faz parte do jogo para estimular consciência e atenção nos ataques e defesas.

Coordenadas por LUCIANO COSTA, vinte pessoas simulam a luta, relembrando a histórica libertação do escravo negro.



Florianópolis

## GRUPO FOLCLÓRICO "BOI-DE-MAMÃO ESPERANÇA"

FLORIANÓPOLIS/SC

Fundado em 1991, o Grupo busca estimular a prática de manifestações culturais populares pelas crianças, assegurando preservação e difusão de aspectos do folclore açoriano.

Apresentam o tradicional folguedo "Boi-de-Mamão", que aborda um tema épico.

Atualmente o grupo é coordenado por JOSÉ DA COSTA e JOÃO BAPTISTA SILVA.



Florianópolis

## GRUPO FOLCLÓRICO UCRANIANO VESNÁ

MAFRA/SC

Fundado em 1985, pelo padre JOSÉ WAUREK, visa preservar e valorizar aspectos da cultura ucraniana como a literatura, a dança, a música, suas comidas e indumentárias, seus instrumentos musicais, seus costumes, valores e tradições.

Destacamos sua musicalidade pela revelação de seus mais profundos sentimentos, principalmente o canto erudito, sempre acompanhados dos instrumentos Sopilka, Trembita, Rih, Volenka, Tzembale, Kobza, Bandurra, Violino e Bubem.

No II Encontro Estadual de Folclore, apresentaram cantos e danças populares, tradicionais da Ucrânia.

Atualmente o grupo é coordenado por LIZANDRO RUCHINSKI.



Mafra

## GRUPO FOLCLÓRICO VINO, AMORE E TRADIZIONE

URUSSANGA/SC

Fundado em 1988, tem o objetivo de resgatar e difundir a participação da etnia italiana no processo de formação do município de Urussanga.

Interpretarão diversas canções populares italianas, encenadas com alegres movimentos coreográficos que destacam-se pela riqueza e autenticidade do figurino, relacionado ao princípio do século XIX.

Apresentaram algumas Tarantelas, Danças Trentinas, Belluneses e Friulanas.

Atualmente o grupo é coordenado pela professora NEIDE PELLEGRIM.



Urussanga

## **GRUPO DE DANÇA FOLCLÓRICO TIROLESA SCHUMPLATTLER**

TREZE TÍLIAS/SC

Com a chegada dos imigrantes austríacos, em 1933, fundou-se o Grupo de Dança Folclórica Tirolesa visando preservar, valorizar e difundir a participação da cultura germânica no processo de formação e desenvolvimento do município de Treze Tílias, sendo considerada sua principal corrente colonizatória.

Ressaltamos os austríacos LORENTZ LEITNER e LUIZ METZLER pela sua coragem de resgatar e reproduzir graciosamente a dança popular da região do TIROL, aqui em nosso Estado.

O movimento coreográfico é caracterizado pelo sapateado acompanhado da Cítara (instrumento musical tradicional da Europa, cuja forma é um aperfeiçoamento da lira) popularmente conhecida como Viola.

Participaram da apresentação 15 integrantes do grupo, coordenados por ERWIN FELDER JÚNIOR.



Treze Tílias

## GRUPO FOLCLÓRICO IMIGRANTES

ITAPIRANGA/SC

Fundado em 1984 pelo professor PETER WEIRICH, visa preservar e difundir as tradições germânicas e sua participação no processo de formação do município de Itapiranga.

Estudantes de primeiro e segundo grau motivados na difusão de aspectos tradicionais da cultura germânica, legado de sua colonização, apresentaram movimentos coreográficos populares, ricamente acompanhados de cantos folclóricos alemães, brasileiros e cantos sacros.

Atualmente 39 pessoas compõem a encenação, coordenados por ELIZABETE STAHL e HIGINO ROYER.



Itapiranga

## GRUPO FOLCLÓRICO BARBICACHO COLORADO

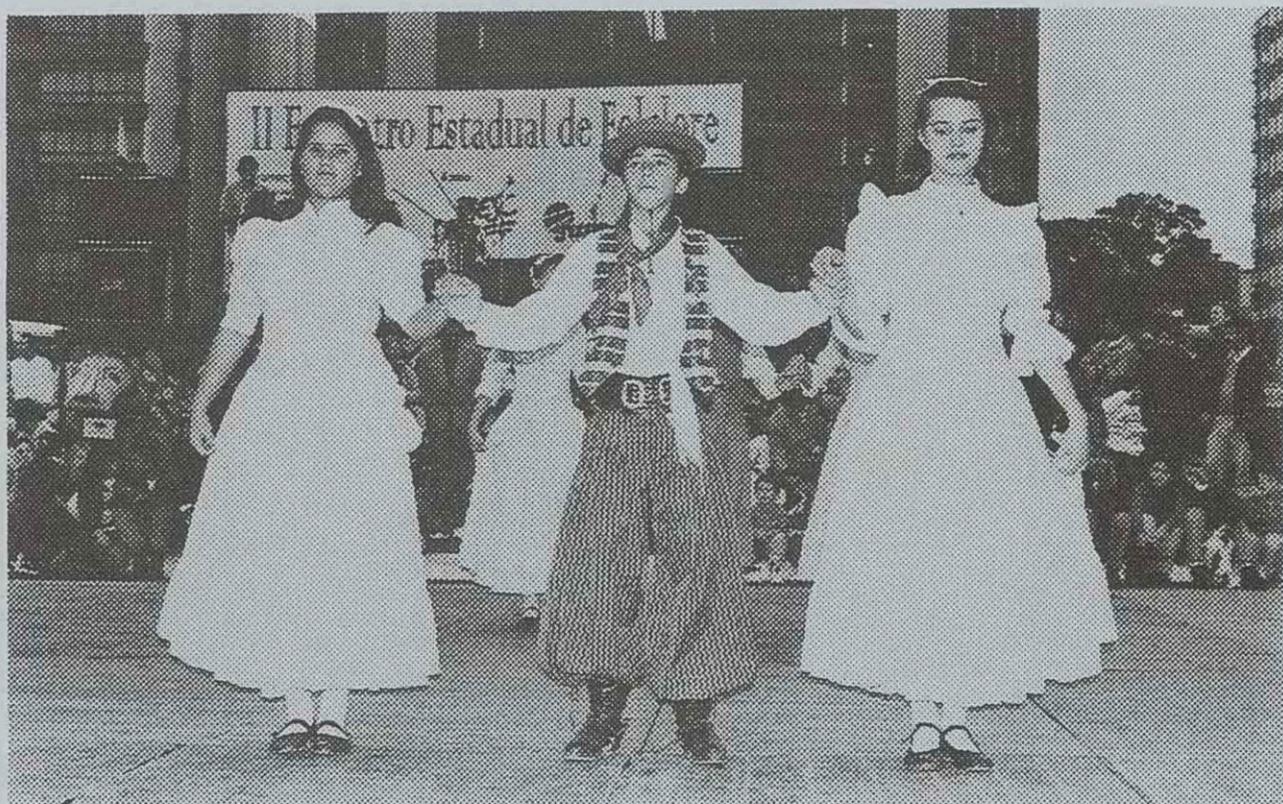
LAGES/SC

Fundado em 1961, na estância de Pinheirinhos, visa preservar e difundir os costumes, as tradições e os valores culturais do Planalto Catarinense.

Inspirado nos fatos históricos vivenciados pela heroína catarinense Anita Garibaldi, na Região, atribuíram o nome do grupo relacionando-o aos slogans "COLORADO ERA A FITA" e "BARRICACHO DE ANITA" buscando registrar a famosa Batalha do Rio Marombas.

No ritual, formam-se pares estilizados de peões e prendas no centro do salão, encenam contínuo reverenciamento ao gênero feminino.

Demonstrando elegância, generosidade e bravura, valorizam suas tradições, acompanhados de canções regionais.



Lages

## GRUPO FOLCLÓRICO CRU DE TEATRO

JAGUARUNA/SC

Fundado em maio de 1991, através do grupo jovem da paróquia local, visa resgatar e valorizar a participação dos açoritas no processo de formação do município de Jaguaruna.

Retomaram a prática de um dos folguedos mais tradicionais da região, o Boi-de-Mamão, reconstruindo-o com materiais de referência carnavalesca. O Boi-de-Mamão aborda um tema épico, morte e ressurreição do boi, onde o jogo entre o dramático e o trágico dão lugar ao lúdico e ao cômico, numa encenação leve e alegre.

Trinta e cinco pessoas, entre estudantes, comerciantes, funcionários públicos, professores, agricultores e operários participam do CRU, que segundo SIMONE WIGGWERS, coordenadora, o grupo ainda não está cozido.



Jaguaruna

PESQUISA E TEXTO: Prof. João Batista Costa e Prof<sup>ª</sup>. Maria Rosânia Tomaz  
FOTO: Edna de Marco

## XX FESTA DO FOLCLORE COLÉGIO SÃO LUÍS - RECIFE

### OBJETIVOS:

- proporcionar a vivência do folclore local, regional, nacional e de outros países;
- oportunizar uma maior integração dos alunos da mesma série;
- propiciar a participação integrada de pais, professores, funcionários, serviços, alunos, grupos culturais e consulados do Recife.



Kilian Glasner - 95  
2º ano - II grau

### Coordenação:

- Direção
- Serviços: SOP, SOE, SOR, DEFE, DEPAC
- Coordenadores de turma
- Prof. Givaldo (Educação Artística e Coordenador do DEPAC) **RECIFE - 1995**
- Prof. de Português: Edvard
- Coordenação Geral: Luísa Dourado

## **COLÉGIO SÃO LUÍS**

### **DANÇA INDIANA**

1º A

A Índia é um país subdesenvolvido, porém tem sua cultura rica e mística. Mesmo com séculos de invasões e influências estrangeiras, conseguiu preservar sua própria essência cultural e religiosa, mantendo ritmos e práticas sagradas.

Sua principal instituição é o matrimônio, que ocorre geralmente entre setembro e novembro. O casamento é, também, uma união entre a noiva, representando a vida e Kali, a deusa da Morte, festejando o ciclo da vida.

Todo ritual é dançado com significativos gestos e delicados movimentos, fazendo uma exaltação ao Deus do Amor, Krishna.

Sua dança é sensual e ampla, pois tem vários ritmos diferentes. Apesar de, às vezes, ser um pouco lenta, contagia com a sua magia.

### **TARANTELA**

1º B

O 1º Ano "B" vem homenagear, este ano, na Festa do Folclore, uma das danças mais tradicionais da Itália: a tarantela.

Esta é uma dança, sobretudo, de simplicidade, que era praticada pelos camponeses da região meridional da península italiana no final do século XVIII.

Constitui-se numa dança alegre, viva e bastante rítmica onde os bailarinos/camponeses portavam um pandeiro e davam o ritmo.

Ao mesmo tempo, também era uma dança de características fúnebres, dançada quando algum membro da comunidade era vítima da picada mortal da aranha tarântula.

### **DANÇA EGÍPCIA** **Adoração a Cleópatra**

1º Ano "C"

A dança egípcia, como o próprio nome sugere, teve origem no Antigo Egito, civilização que, por sua grandeza e beleza arquitetônica, encheram os olhos de muitos, dentre os quais, Cleópatra, sua rainha mais poderosa.

Nossa dança mostra um pouco da dimensão desse poder, que superou toda uma hierarquia machista. Naquela época, encontramos uma sociedade altamente dividida, na qual havia as elegantes damas de companhia de Cleópatra. Abaixo destas, os soldados e os servos; estes se vestiam pobremente em tons claros, devido a alta temperatura ambiente.

Com figurinos, adereços, cenários e músicas influenciadas pelo ritmo africano, tentaremos mostrar como o povo saudava a sua rainha.

Estão todos convidados a participar dessa festa que gira em torno de uma só pessoa: Cleópatra.

## **DANÇA CIGANA**

1º D

Um ritual de sangue é o que forma nossos laços.

Em uma roda de afetos estão nossos abraços e a cada lugar que passamos ficam nossos traços.

É uma nostalgia imensa que nos envolve em puro calor humano!

Calor que nos domina e ao redor do fogo dançamos.

Harmonia que incendeia e entre rodas brincamos.

E entre cores e alegria, entre mitos e magia que criamos toda uma fantasia.

Raízes no Oriente! Foi de lá que começamos a plantar cada semente.

Pelos países andamos, rastros nós deixamos a cada broto de nossa história.

Uma cultura em cada memória.

Mistura de todas as formas, sem normas.

Sigamos sempre trilhando.

Nos muitos cantos do mundo caminhando, pois seremos

eternamente

**CIGANOS.**

## **GALANTE**

2ºs Anos "A" e "B"

Os 2ºs Anos A e B homenageiam o folclore pernambucano, em reconhecimento à sua dança e cultura populares, caracterizadas pela alegria, sensualidade, espontaneidade e destreza. O nosso folclore alcança seu máximo em criatividade, vestido por ricos e variadíssimos figurinos fartos em cores, fitas e brilhos.

Na incapacidade de representar todas as danças, homenageamos, através de nosso cenário, no qual estão representadas figuras típicas do folclore pernambucano, como o maracatu, maracatu rural, bumba-meu-boi, o frevo e ao centro: O GALANTE.

O "galante" é uma dança de origem negra, adaptada a partir de tradições européias, na época da escravidão. Ao invés do luxo europeu de fitas e panos, os negros usavam papel e plástico, assim como arcos ornamentados de flores e fitas.

Essa dança, hoje extinta das brincadeiras, era encontrada na Zona da Mata do Estado de Pernambuco e nasceu de uma louvação a São Gonçalo do Amarante, já que na época da assinatura da Lei Áurea, os escravos foram render homenagem ao seu santo padroeiro e levaram consigo arcos enfeitados.

Composto por dois cordões - azul e encarnado - o galante, porém, sem a devida popularidade, pode ser considerado uma das danças mais bonitas do folclore de Pernambuco, exaltando ao máximo nossa cultura e criatividade.

## O BUMBA-MEU-BOI

2º C

Nascido no fim do século XVIII, em meio a escravos e gente pobre, trabalhadores do eito e de ofícios nas povoações interioranas, o bumba-meu-boi - ou *boi-bumbá*, *boi-surubim*, *boi-calemba*, *boi-de-reis*, *boi-de-mamão*, *três pedaços*, como também é conhecido - é o mais importante auto popular brasileiro, excelendo pela legitimidade temática e lírica, pela genuinidade nacional e pela grande influência que exerce sobre outras danças, como a *burrinha* da Bahia, o *cavalomarinho* pernambucano e o *cavalinho* maranhense.

Sua gênese é ponto de divergência entre os estudiosos, havendo duas versões: uma, afirma ser a dança uma sobrevivência totêmica tribal africana; outra, diz que ela provém de elementos orientais e europeus, concorrentes longínquos da versão brasileira.

É, dos folguedos brasileiros, o de maior significação estética e social; o primeiro a conquistar a simpatia dos índios durante a catequese. Modificações anuais no seu enredo (originalmente muito extenso) demonstram aumento no índice de aceitação popular.

Consta o auto, em linhas gerais, da figura de um boi, armação de madeira, sob a qual está um homem, dançando em resposta a uma música contagiante e aos chamamentos do capitão.

O nome, explica-se: "bumba!" é uma interjeição onomatopaica que designa estrondo de pancada ou queda. Bumba-meu-boi seria, então, "bate!" ou "chifra, meu boi!", atijando-se a partir daí, o animal, a fim de que se inicie uma das mais belas demonstrações de nossa cultura, em tão poucos pontos livros do artificialismo internacional.

**EIA, BOI! MOSTRA PARA O POVO QUE A FESTA VAI COMEÇAR!**

## **DANÇA ÁRABE DABKA**

2º Ano "D"

O povo árabe costuma manifestar sua exacerbada alegria e espontaneidade em diversos festejos. Tais comemorações, muitas vezes, não levam em consideração datas ou sequer locais, pois estes acreditam que a busca da felicidade independe de simples circunstâncias.

Uma evidente demonstração de alegria e contentamento é a Dabka, dança realizada principalmente na Palestina, Síria, Líbano e Iraque. Festejo popular onde se utilizam os trajes da ocasião, tais como a tradicional túnica e a hata (nas regiões desérticas); e camisas com mangas longas cobertas por um colete (nas demais regiões).

Há ainda uma belíssima evolução com espadas, despertando o espírito guerreiro em oposição à sensualidade das mulheres que as manipulam.

Vale salientar que a Dabka é mais freqüente em casamentos e grandes festas, onde grandes são também os anseios por felicidade.

COLABORAÇÃO DE GENTE DE FORA

## O EROTISMO, A FEITIÇARIA E O PUERIL NO FOLCLORE DO SAPO

Maria Conceição Tavares de Lima  
Associação Brasileira de Folclore  
Continuação do número anterior

### Folclore Americano

No folclore dos EUA, acredita-se que as rãs podem produzir chuvas, regular o clima, acalmar dores e curar doenças. Alguns crêem, ainda, que as rãs são espíritos maus, nascidos dos ossos de um gigante-devorador e que são causadoras de eclipses ao abrirem e fecharem a boca para a lua, como a mordiscá-la.

O sapo desempenha papel relevante no folclore latino-americano.

Felix Coluccio e Susana B. Coluccio, in: Dicionário Folklórico Argentino (Editorial Plus Ultra, 6ª ed., 1981, Buenos Aires, 700 p.) apresentam extenso verbete sobre o sapo (*Bufo Arenarum*). Registram os autores esse batráquio no contexto da medicina popular, na lenda, na superstição dos seus poderes mágico-maléficos, no exercício da bruxaria e da feitiçaria. No Chaco, a água em que se ferve um sapo é tomada como remédio para se curar asma. Em algumas regiões, cura verrugas. Para erisipela, dor de estômago, disenteria, picada de cobra, hemorragia nasal, hidropisia, passa-se um sapo vivo sobre a parte afetada; ou então um sapo morto e destripado, quando se deve passar a parte de dentro. Colocado em baixo da cama ou do travesseiro do doente, faz cessar a febre. No Chile, a cura de hemorróidas faz-se com o sapo frito em azeite. Cuspindo dentro de sua boca também se conseguem curas. Nos jardins, prevê a umidade da terra e propicia chuvas; na agricultura é usado contra larvas e insetos daninhos, porque os devora. Seus ovos são empregados para combater colites e outros "destemperos do ventre". Pendurado numa cocheira, afasta qualquer tipo de doença dos cavalos.

Na Argentina corre lenda guarani, relatando que Tupá (Deus), certo dia, tomou um pedaço de argila, enfeitou-o com as cores do arco-íris e moldou um lindo pássaro, que pôs-se a voar. Estava criado o beija-flor. Aná (o Diabo), tentando imitá-lo, procedeu da mesma forma,

mas, quando esperava que um belo pássaro voasse, viu cair ao chão um sapo, a saltar grotescamente.

O sapo tem o poder de azedar o vinho, mamar o leite das vacas, atacar o ninho dos pássaros e as colmeias, causar terçol, enfeitiçar pessoas e animais, provocar a raiva canina através de sua baba, emanar miasmas venenosos que empestam tudo o que atingem.

Às vezes, encontra-se no seu crânio uma pedra de ouro com virtudes mágicas, diz o povo.

Em Calchaqui, quando uma bruxa resolve causar mal a alguém, apanha um sapo e coloca-o de barriga para cima na entrada de sua cova, pronunciando três vezes o nome da pessoa que deverá sofrer o malefício. Na cova úmida, coloca uma trouxinha de pano contendo uma bolota feita com os cabelos da vítima e espetada com espinhos; essa trouxinha será "cantada" pelo sapo durante a noite. No dia seguinte, pede ao sapo que faça tal ou qual malefício ao dono dos cabelos - geralmente perda da razão.

Na Europa do século XVII, Shakespeare, no ato IV, cena I, de Macbeth (1605), dá receita de sopa do Diacho, onde entra o sapo em primeiro lugar.

.....

1ª Bruxa:

Toca a lançar na panela  
As substâncias da mistela.  
Sapo, que a dormir te inchaste  
Da peçonha que engendraste,  
Serás a coisa primeira  
A ferver nesta caldeira

.....

(Tradução de Manuel Bandeira. In: Folhetim nº 530, Folha de São Paulo, 03/04/1987).

## **Bruxarias**

O sapo é tradicionalmente poderoso ingrediente no exercício da bruxaria, companhia constante de bruxos e feiticeiros. É, igualmente, a encarnação do Diabo, entre outras. Esta é a imagem que foi projetada a partir da Idade Média.

Na Assembléia dos Réprobos (reunião de cultores do Demônio) da Alemanha do começo do século XIII, na região de Stedingerland, quando ali se apresentava um neófito, surgia uma espécie de rã ou de sapo, animal que era beijado nas partes traseiras, ou na boca, sugando-se

sua baba. (Julio Caro Baroja. In: As Bruxas e o seu Mundo. Ed. Vega, V, XV, Lisboa, 359 p.).

O mesmo autor menciona um tímpano existente no grande pórtico da Igreja de Moissac, onde se vê uma mulher com os seios envolvidos por serpentes e um sapo a cobrir-lhe o sexo.

Luiz Mott faz referência à presença do sapo na vida amorosa das bruxas européias. Menciona ele, como resultado da pesquisa na Torre do Tombo, Lisboa, que certa bruxa espanhola confessou perante o Tribunal da Inquisição, que o Diabo se lhe apresentava muitas vezes na forma de sapo. Outra mulher confessou que oferecia o seu seio ao seu sapo que, às vezes, se espichava e saltava diretamente do chão para o seu peito. (Etnodemonologia: aspectos da vida sexual do Diabo no mundo ibero-americano. In: Religião e Sociedade, 2 (12), out. 1985, 23 p.).

Santa Teresa D'Ávila (1515-1582) declara: "Estando eu conversando com certa pessoa, vimos vir até nós -e outras pessoas que ali estavam também o viram - uma coisa à maneira de um sapo grande, com muita ligeireza, mais do que estes costumam andar..."(p. 44). Mais adiante, ela interpreta esse sapo como um sinal de Deus para que se convertesse das conversações fúteis. (Obras Completas: Livro da Vida, Aveiro, Edições Carmelo, 1978).

Esta informação foi cedida à autora pelo antropólogo Luiz Mott, Salvador, BA.

O Jornal do Brasil de 25 de abril de 1989 traz extensa reportagem intitulada "Magos e Bruxas Comandam a Festa", registrando depoimento do Mago Paulo Coelho que ratifica o conceito de que "sapo é poderoso ingrediente" no exercício da feitiçaria. E continua: "Nos feitiços são utilizados ingredientes como sapos, morcegos, urubus, bodes, cobras, corujas,... Desses ingredientes, o sapo é considerado um dos mais perigosos".

O Secretário-geral do Conselho Deliberativo de Umbanda e Cultos Afro-Brasileiros, Jerônimo Vanzelotti, explica que "o sapo tem grande capacidade de assimilar as vibrações do feiticeiro, acumulando alta carga energética. O popular feitiço de costurar o nome da pessoa dentro da boca do sapo, funciona e provoca cegueira ou perturbações psíquicas que podem causar acidentes com morte ou invalidez permanente... O sapo também exala uma substância tóxica, quando fustigado, capaz de corroer o papel que está em sua boca".

No Livro de Sonhos dos Magos do Egito e da Caldéia (Ziloaustro, ed. Papelivros Ltda. 201 p.), o verbete Sapo remete a Rã, com as seguintes indicações: "Ver diversas, acautelai-vos de vossos inimigos; ouvi-las coaxar, infidelidade; agarrá-las, viuvez; comê-las, parto para

as casadas, noivado para as solteiras, novos amores para os homens".  
Seguem-se sugestões de números de sorte para o jogo do bicho.

Mas nem só bruxos e feiticeiros ocupam-se de batráquios.

A cultura de massas explora a fascinação despertada pelos poderes mágicos atribuídos a esses animais. Exemplo disso é o filme de horror "Frogs", exibido no Brasil com o nome "A Invasão das Rãs", dirigido por George Mac Cowan e estrelado por Ray Miland.

### **Cultura Erudita**

A cultura erudita igualmente os menciona com certa freqüência, valendo lembrar A Hora e a Vez de Augusto Matraga, de Guimarães Rosa, que registra este "provérbio capiau" no dizer do autor: "Sapo não pula por boniteza, mas porém por precisão".

Manuel Bandeira dedicou aos sapos poesia escrita em 1918 e publicada na sua Antologia (Livraria Editora José Olympio, RJ, 1982):

#### Os Sapos

Enfunando os papos,  
Saem da penumbra,  
Aos pulos, os sapos.  
A luz os deslumbra.

Em ronco que aterra,  
Berra o sapo-boi:  
- "Meu pai foi à guerra!"  
- "Não foi!" - "Foi!" - Não foi!"

O sapo-tanoeiro,  
Parnasiano aguado,  
diz: - "Meu cancionero  
É bem martelado.  
Vede como primo  
Em comer os hiatos!  
Que arte! E nunca rimo  
Os termos cognatos.

O meu verso é bom  
Frumento sem joio.  
Faço rimas com  
Consoantes de apoio.

Vai por cinqüenta anos  
Que lhes dei a norma:  
Reduzi sem danos  
A formas a forma.

Clame a saporaria  
Em críticas cétricas:  
Não há mais poesia,  
Mas há artes poéticas..."

Urta o sapo-boi:  
- "Meu pai foi rei!" - "Foi!"  
- "Não foi!" - "Foi!" - "Não foi!"

Brada em um assomo  
O sapo-tanoeiro:  
- "A grande arte é como  
Lavor de joalheiro,

Ou bem de estatuário.  
Tudo quanto é belo,  
Tudo quanto é vário,  
Canta no martelo".

Outros, sapos-pipas  
(Um mal em si cabe),  
Falam pelas tripas:  
- "Sei!" - "Não sabe!" - "Sabe!"

Longe dessa grita,  
Lá onde mais densa  
A noite infinita  
Verte a sombra imensa;  
Lá, fugido ao mundo,  
Sem glória, sem fé,  
No perau profundo  
E solitário, é

Que soluças tu,  
Transido de frio,  
Sapo-cururu  
Da beira do rio...

Os sapos, na realidade, não sentem frio, pois são animais pecilotérmicos. Bandeira usou, aí, a "licença poética", já assimilada na cantiga de ninar: sapo-cururu.

Balthazar Pereira, no seu Livro de Fábulas, expressa a Opinião da Rã

A coaxar no atoleiro,  
a rã viu bem de longe a estrella nas alturas,  
e sem poder medir do azul o espaço inteiro,  
deu alegre consolo às suas desventuras.

- Tenho família nobre... A sciencia a qualifica.  
Plinio, Linneu, Buffon deram-me glória e fama...  
Estrellas? Que vergonha! Alguém as classifica  
em lista, série ou grau dos animais da lama?

Fora do tremedal, fora do charco ou do brejo,  
outra cousa não há nem outra cousa existe  
e só do sapo-rei a majestade invejo,  
magra, comprida e fina, esverdinhada e triste.

...E a pernilonga rã abriu a boca enorme,  
estirou satisfeita o corpo todo;  
venturosa e tranqüila, almoça, janta e dorme  
nas podridões do lodo.

(Impresso na Typografia do Annuario do Brasil (Almanak Laemmert),  
RJ, 26/03/1925).

Na obra de Literatura Infantil, de Monteiro Lobato, o volume "Fábulas e Histórias Diversas" oferece quatro histórias em que a rã é personagem principal:

1. A Rã e o Boi - uma das versões em que a rã foi engolindo ar para ficar do tamanho do boi até estourar.
2. O Touro e as Rãs - em que os batráquios divertiam-se assistindo a luta de dois touros nas proximidades do brejo, desconhecendo o perigo que logo os atingiria, pois o touro surrado ali meteu-se a esmigalhar uma quantidade dos animaizinhos.
3. A Rã Sábia - sobre o casamento próximo de uma onça, para o qual "só uma velha rã sabidona torcia o nariz...". Aos outros animais,

intrigados com sua atitude, explicou que, casando-se a onça, nasceriam muitas oncinhas e, para matar sua fome... pobres dos outros animais.

4. O Rato e a Rã - em que um ratinho "inexperiente da vida" é convencido, pela rã, a conhecer as belezas da outra margem da lagoa; ao invés disso, quase morre afogado e, esperneando e gritando, consegue escapar. Um gavião, atraído pelo barulho, banqueteia-se com os dois, sem saber que estava castigando, ao mesmo tempo, a traição da rã e a imprudência do ratinho.

(Editora Brasiliense, São Paulo, 1962).

De Esopo é a fábula As Rãs que Pedem um Rei. Trata-se de rãs que viviam felizes no seu charco, quando cismaram de pedir a Júpiter que lhes desse um rei severo, que moralizasse os costumes. Júpiter sorriu do pedido e lançou-lhes uma grande viga. Pularam as rãs para cima dela e acabaram por achar que ela para nada servia. Desejavam outro rei. Júpiter, então, enviou-lhes uma cegonha - que logo começou a devorá-las, fazendo ouvidos moucos às reclamações. (Thesouro da Juventude, Vol. III, W.M. Jackson, Inc. Editores, RJ-NY, USA).

Observa-se a esperteza do sapo nesta história contada por João Alfaia e gravada pela Comissão Paulista de Folclore, em Cabelo Gordo, São Sebastião, litoral norte de São Paulo, em 1960:

Os personagens são a baleia, o leão e o sapo, este, com vontade de matar os outros dois. Apostou com o leão que o poria no mar e apostou com a baleia que a poria "lá em cima, no seco". Aposta aceita, amarrou uma ponta de forte corrente na barriga do leão; a outra ponta, atou-a à cauda da baleia. Conforme o combinado, ao som do seu assobio começaram os dois grandes animais a fazer força, cada um pensando que na extremidade oposta estava o sapo. Por fim, o leão conseguiu arrastar a baleia para cima de alta pedra. Neste momento, arrebenta-se a corrente, de tanto ser forçada, e o leão cai exausto, semimorto. A baleia ainda teve tempo de declarar ser o sapinho "o mais poderoso de todos". (Rossini Tavares de Lima. In: Abecê de Folclore. Ed. Ricordi, 6ª ed., 1985, 262 p.).

Outro sapo esperto conseguiu, certa vez, ir à festa no céu, mesmo sem saber voar. Meteu-se na viola do corvo.

Altino Berthier Brasil, in: Aru - O Sapo Encantado da Amazônia (D.O. Leitura. S. Paulo, 10 (114) novembro de 1991) ensina: "O sapo faz parte do folclore do rio Negro e do Urupês. A tradição consagra-o como mensageiro da sorte e da fartura". E continua, apoiado em Stradelli: "... uma roça só terá condições de sucesso depois que nela

aparece o desejado bando de arus. Quando os arus demoram a aparecer no roçado, o caboclo recorre a uma prática que aprendeu de seus ancestrais: Toma uma lasca de remo velho (chamado arupucuitá), relíquia guardada com carinho pela família, e que acredita ter poder mágico. Quando faz a queimada, atira ao fogo o fragmento, alimentando a certeza de que os arus serão atraídos; de que a chuva virá, o solo ficará adubado e o sucesso da colheita estará garantido”.

Em pesquisa de campo publicada pela autora ( Lobisomem: Assombração e Realidade. SP - Capital, 1983), assim foi exposto o sapo:

“Deve ser evitado pelas mulheres. Principalmente à noite e no mato, é preciso ter cuidado. Mulher que pula por cima de sapo engravida. A criança nasce meio gente e meio sapo. Aconteceu com uma amiga da informante, que deu à luz, na maternidade, a um mostrengo. Foi preciso chamar o delegado para que este autorizasse o médico a sacrificar o recém-nascido. Sapos gostam de mulheres. Uma moça abaixou-se, no mato. Um sapo entrou-lhe pelo corpo e ela morreu algumas horas depois, gritando desesperadamente”.

### **Benzeduras**

Toninho Macedo, diretor de grupo de teatro de aproveitamento estético de folclore (SP - Capital), traz na memória dos seus tempos de criança a seguinte benzedura para curar cobreiro ou lixa, praticada há mais de quarenta anos na região entre Matias Barbosa e Serraria, RJ, e que menciona o sapo. Eis o seu depoimento:

“Tomam-se três brasinhas e deve-se apagá-las na água quente. Com o carvão na mão, reza-se: Rezo este cobreiro, seja de sapo ou de sapão, de aranha ou de aranhão, de cobra ou de cobrão ou de outros bichos de qualquer nação. Que há de morrer tão seco como este carvão. Joga-se o carvão para trás. Repete-se três vezes”.

O mesmo informante forneceu esta outra reza, para o mesmo fim e da mesma procedência:

“Corto-te sapo, sapinho Maranhão,  
Bicho de toda nação,  
Três brotos de alecrim da Guiné  
Para o que der e vier.”

### **Feitiço Desmanchado, Feitiço Jogado**

A informante Suzana, 45 anos de idade, residente na Capital (SP), relatou, em novembro de 1987, que na Av. do Cursino (Capital - SP) havia uma senhora “especializada em desmanchar feitiços jogados nas pessoas”. A informante auxiliou-a no seguinte caso:

Procurou-a um rapaz queixando-se de impotência, mal que atribuía a "trabalho" mandado executar por ex-noiva despeitada. Desejava curar-se.

O procedimento foi como segue:

A "especialista" despejou, em um alguidar, sete garrafas de vinho. Ela, o consulente e mais cinco pessoas, entre as quais a informante ( ao todo sete pessoas ), fecharam um círculo à volta do alguidar. Palavras mágicas foram sendo pronunciadas pela "especialista em desmanchar feitiços". À medida que ela falava, o vinho pôs-se a borbulhar, cada vez com mais força, até produzir um sapo que foi crescendo, crescendo até estourar.

A explicação, segundo a informante, é que o feitiço tinha sido "jogado" através desse mesmo sapo, no rapaz, que após esse "trabalho para desmanchar" viu-se curado.

Em meados de 1986, a autora entrevistou um Sr. Francisco, no bairro do Brooklin, zona sul da Capital (SP), que não admitia ser chamado de "feiticeiro". Alegava que somente possuía "dons especiais para fazer trabalhos" e, na verdade, tanto os executava para o bem como para o mal, pois, no seu entender, "o que é mal para um é bem para outro". Declarou trabalhar com sapos e assim explicou a fórmula de "acabar com uma pessoa que está perturbando outra":

Colocava dentro da boca de um batráquio, após o que a costurava, um papel com o nome da "vítima" escrito a lápis pelo interessado em encomendar o "trabalho", acrescido de desenhos mágicos feitos por ele mesmo; quando o sapo morria, a pessoa cujo nome estava dentro da sua boca também morria, quase sempre de "ataque do coração".

O jardineiro e pedreiro Heleno, pernambucano de 76 anos de idade, radicado na Capital (SP) há 35 anos, gosta de conversar. E conta a seguinte estória:

"Nos tempos de antigamente", o cachorro cantava, e cantava melhor do que o sapo. Este, com inveja, disse ao cachorro que ele tinha a boca muito pequena; que se a tivesse maior, mais bonito cantaria. O cachorro acreditou. Chegando a casa, apanhou uma faca e rasgou a boca "de fora a fora". Depois disso, nunca mais pôde cantar.

O sapo aparece em expressões de linguagem, a exemplo deste trava-línguas:

"Olha o sapo dentro do saco  
O saco com o sapo dentro  
O sapo batendo papo  
E o papo soltando vento".

.....

(Rossini Tavares de Lima, op. cit.)

O ditado Sapo de fora não chia quer dizer que estranhos não devem opinar.

Engolir sapo é receber atitude desagradável, sem reagir.

Boca de sapo é a boca de mau agouro, aquela que faz prognósticos sombrios.

Sapo é chamado aquele que fiscaliza ou observa disfarçadamente (do que derivou o verbo sapear). Existe, nos observadores de jogo, o sapo de pé frio ( que dá azar ) e o de pé quente ( que dá sorte ).

Olho de sapo é o nome vulgar da *Exoftalmia* e apelido de quem possui pálpebras empapuçadas.

Sapinho são manchas brancas ou amareladas, produzidas por fungos, na mucosa bucal.

Sapo é ainda a moléstia do casco dos cavalos.

O sapo é também uma das figuras mascaradas que integram o "Cordão dos Bichos", do Carnaval brasileiro. Desfila aos saltos, imitando o comportamento do animal e, quando parado, sua postura.

O batráquio aparece, igualmente, na singeleza e doçura da cantiga de ninar:

Sapo-cururu  
Da beira do rio,  
Quando o sapo chia, morena,  
É qu'está com frio.

A mulher do sapo,  
Diz qu'está lá dentro,  
Fazendo rendinha, morena,  
Para o casamento.

Ou, segundo Câmara Cascudo (op. cit.):

Sapo-cururu  
Da beira do rio,  
Quando o sapo canta, ó maninha,  
Diz qu'está com frio.

Muita criança dorme, também, embalada pelo som da cantiga cuja letra começa assim:

"Meu amor mora no brejo,  
Na figura de um sapinho..."

O mito e a realidade rã / sapo sempre estiveram presentes na vivência do homem: nos altares, na bruxaria e feitiçaria, nos laboratórios de pesquisas científicas, nas mesas de refeição, nas estórias, nas lendas, na poesia, nas cantigas, nas artes, no bolso do moleque, no susto da menina, no medo das mulheres.

E o seu alegre coaxar, som primitivo ecoando já no raiar da vida no ambiente terrestre, continuará, nos brejos e lagoas, a enfeitar a ausência do sol, qual concerto dirigido pela Natureza, enquanto o *Homo Sapiens* assim o permitir.

Ficam aqui registrados agradecimentos a Mont Vernon Public Library (Mount Vernon, New York, USA), e à Biblioteca Monteiro Lobato (Capital - SP), pela contribuição oferecida à autora. A autora agradece ainda a assessoria do Professor Carlos Jared, do Instituto Butantan (SP), que lhe possibilitou informações científicas sobre o tema.

## **DE PIMENTA, CEBOLA, HORTELÃ E MEL COM... TERRA: QUE BARULHO É ESSE, O DOS FORROZEIROS?**

José Maria Tenório Rocha

De repente, "não mais que de repente", o Brasil se viu invadido por uma nova e forte ofensiva musical, que surgiu com "gosto de gás" (aliás gosto de terra, de pimenta-do-reino, de catuaba...).

Que invasão seria essa? Qual o conteúdo ou carga ideológica que daria suporte a essa nova revolução do som?

Uma simples olhadela nas denominações dessas bandas, nos faz perceber que esses novos ideólogos-compositores estão querendo alcançar. Uma rápida listagem desses conjuntos denuncia fartamente o que eles estão a pretender. Vejamos:

**As Bandas** - Cuscuz com leite; Sururu no coco; Mastruz com leite; Mel com terra; Chá de hortelã; Queijo com mel; Cebola ralada; Forró pimenta-do-reino; Só canela; Forró catuaba; Café cuado; Flor de cheiro; Forró legal; Os piratas do forró; Calango aceso; Cavalo de pau; Rabo de saia.

Não, não se trata dos ingredientes para uma garrafada que possa ressuscitar alguém, muito menos receita de bolo e, sim, as principais denominações destes grupos.

Esse empréstimo, a nível de título (apenas do título!), tomado às coisas culturais nordestinas mais populares, nos faz lembrar das propostas, metas da ideologização do romantismo e sua adaptação brasileira, do movimento modernista de 1922, ou mesmo de um pretenso Movimento Regionalista Nordeste de 1927 apregoado por Gilberto Freyre.

A exemplo desses três movimentos literários e culturais, a nova proposta musical deixa entender que eles pretendem cantar o Nordeste em tons dos mais telúricos possíveis e com tintas cada vez mais carregadas e sobretudo com grande desejo de patenteamento do produto. Esta afirmação se estriba na seguinte prática: é comum, em

meio à execução de qualquer música, o anúncio de qual conjunto aquele grupo pertence; tal anúncio é feito na mesma melodia e ritmo da música que se está executando.

Essa nordestinidade em excesso, conflita-se na prática, com vários elementos facilmente perceptíveis, dentre os quais:

\* há um afastamento radical das formas simples ( melhor, diria, singelas! ) dos trios nordestinos de forrós, compostos normalmente por sanfona, bombo e pandeiro ( ou triângulo ); na nova versão, os instrumentos musicais são os mais variados e arrojados e alguns usam até sintetizadores;

\* do ponto de vista da composição, os forrós, deixando suas formas musicais tradicionais ( baião, xaxado, polca, xote, etc. ) passou a aceitar o empréstimo cultural de ritmos alienígenas tais como o embalo do rock-and-roll, mesmo em sua versão brasileira, e se intitulam, verdadeiramente, como forrozeiros que executam FORROK, não o simples forró;

\* com respeito às execuções musicais, tocam não apenas as composições com cheiro de Nordeste, mas aceitam e gostam de interpretar quase todo o cancionário brasileiro atual e também o que faz sucesso em rádios e discos, que vão do samba ao rock e tons de reage, mesmo adaptados ao estilo de execução do forrok, com o mesmo balanço e os tons brejeiros.

Em tudo nesse movimento, em última análise, há a sinalização de um desejo bem patente de divisão do bolo dos mass-mídia. Os novos forrozeiros do Nordeste, não contentes com o sucesso internacional das fórmulas afro-baianas, dos Olodus e Timbaladas da vida, via Daniela Mércuri e Carlinhos Brown, sentem que se a ofensiva não for forte, bem pensada e dosada contundentemente, cairão por terra... ruirão!

Nesse jogo, que mais exala o cheiro da indústria, os forrozeiros sabem que o importante para o grupo industrial, não é o cantar ou executar bem, mas sim a condição de que barulho, zoada, trejeitos, macacada, também contribui para o faturamento forte das insaciáveis gravadoras, sempre atentas e prontas para lançar amanhã, aquilo que recebeu aplausos de milhões de pessoas, portanto, possíveis compradores dos Lps, Cds, Cassetes e mais, programas de televisão, shows em grandes estádios; tudo leva a um forte faturamento, objetivo

único e exclusivo das indústrias do audiovisual em termos internacionais e porque não sinalizar que o internacional aí, é quase que só o americano do Norte!

Tambores de um lado, sanfonas de outro e, no meio dessa festa, o rock, o reggae, o rap e tudo o mais que compõe o caldeirão musical que o brasileiro gosta de ouvir e bater palma; até onde...?

## A “QUEDA DA ALMA” NA CONCEPÇÃO POPULAR DE MACAU

ANA MARIA AMARO

A mortalidade infantil foi, desde sempre, um dos factores principais da auto-regulação populacional no Império do Meio. Daí, a explicação, quanto a nós, de que as mais variadas concepções que invadem o domínio do sobrenatural relativamente às doenças das crianças, tenham perdurado entre o povo, encontrando-se ainda, de certo modo, bastante vivas entre os chineses de Macau e também entre muitos euro-asiáticos de ascendência chinesa, mais ou menos próxima.

Um dos acidentes mais vulgares e também dos mais temidos relativamente às crianças é o *susto* provocado por queda, ou por intervenção de pessoa, coisa ou animal estranho ao seu mundo, ou que, inopinadamente, surja no seu caminho.

Em consequência do *susto* a criança perde o apetite, chora sem se perceber porquê, apresenta sintomas de crescente agitação, dá gritos inesperados e sem causa aparente, padece de insónias e, por fim, sobrevêm-lhe vômitos e diarreia, o pulso enfraquece e torna-se mais rápido, acabando por morrer.

Este *mal de susto* resulta da *queda da alma*, ideia que se mantém ainda viva entre muitos chineses e também, curiosamente, entre os povos ameríndios. <sup>(1)</sup>

(1) Entre os Kallawaya da Bolívia esta concepção e até o nome da doença são exactamente iguais aos dos chineses. (J. Vellard – Une ethnie de guérisseurs Andins, les Kallawaya de Bolivia, in “Terra Ameriga” Rev. A.A.I.S.A. n.º 41, Génova, Dicembre, 1989, p. 28).

Certos locais onde se julga que residem *maus espíritos*, porque ali se ouvem gritos ou gemidos, tais como fontes, águas correntes, poços, etc. são, naturalmente, muito temidos, tanto pelos ameríndios como pelos chineses e também pelos macaenses. Podem causar *mal de ar* ou provocar a *queda da alma*.

O diagnóstico de mal de susto, em consequência da origem sobrenatural que se lhe atribui é, por isso mesmo, precedido sempre por adivinhação.

Depois de feito o diagnóstico, o tratamento consiste em *chamar* ou reencontrar a *alma que caiu e ou se perdeu*, ou em obter a sua libertação no caso de *ter ficado prisioneira*.

É espantosa a coincidência da sintomatologia dos ameríndios com a que registamos em Macau e também da terapêutica empregada. A diferença consiste, apenas, em não termos encontrado em Macau uma sequência tão completa na descrição da doença, conhecida, em "patois" local, *por mal de susto* ou *subissalto*.

Tanto entre os chineses, como entre os povos andinos, era comum a cerimónia do *chamamento da alma* para o tratamento de doenças desta índole.

O *chamamento da alma* em Macau assume dois aspectos: utilização duma peça de vestuário do paciente, que se agita, à medida que

- 
- (2) No Norte da China, é esta cerimónia do chamamento da alma aquela que era vulgarmente praticada, não sendo comum, de acordo com os nossos informadores, qualquer prática de defumação para este fim.

A mãe, ou mais frequentemente a avó colocava uma peça de roupa da criança na ponta de uma haste de madeira e com ela na mão dirigia-se ao local onde a criança caíra, ou vira algo que a assustara, no caso de o conhecerem. Aí, agitando a roupa, gritava, chamando a criança pelo seu nome e dirigindo-se para casa, ao mesmo tempo que pedia à *alma da criança* que a seguisse, voltando com ela. No caso de não saberem o local exacto colocava-se a roupa sempre na ponta da haste de madeira, à porta de casa ou na *encruzilhada* da aldeia, gritando-se em altos brados, chamando-se a *alma da criança* e ordenando-lhe que seguisse a mãe (ou a avó) para casa.

Os camponeses mais incrédulos, quando a criança continuava a chorar sem que conseguissem quietá-la, admitiam que não se tratava de *queda da alma* mas de um *demónio* (um kwâi 鬼) ou de um *mau ar* ou mau espírito (Ché h'ei 邪氣) que lhe entrara no corpo. Nesse caso, escreviam num papel amarelo os seguintes dizeres:

"O céu e a terra são imensos. A minha casa tem um *mau espírito* que chora toda a noite. Todos os que passarem por aqui leiam este papel por três vezes e assim a nossa criança cessará de chorar".

Admitiam os camponeses que, denunciando à população da aldeia que havia ali um demónio ou mau espírito, este, uma vez descoberto, fugiria. Este papel era colocado numa parede ou numa árvore, próximo da casa da criança afectada.

se vai chamando pelo seu nome <sup>(1)</sup> e o *balouçar-do-porquinho*, defumação destinada ao tratamento de *sustos infantis*.

Relativamente aos adultos, usa-se, na Bolívia, o *banho de flores* que foi substituído, em Macau, pelo banho com água da decocção de *sete folhas*. <sup>(3)</sup>

Os *banhos de cheiro* e as *mezinhas de sete folhas* são, porém, mais usados em Macau, contra *savan*, *mau olhado* e *vento sujo*, doenças também de carácter mágico.

Contra *mal de susto*, a terapêutica mais popular usada pelos portugueses de Macau tanto para crianças como para adultos é, sem dúvida, a ingestão de pó de *pedra cordial* ou de Gaspar António, <sup>(4)</sup> preparação que se raspava com uma colher de prata e se tomava com um pouco de Água. Além desta, eram vulgares algumas *mezinhas de beber*, constituídas por ervas cozidas com coração de porco, usado,

As senhoras macaenses, idosas, que conhecemos nos anos 70, acreditavam que o susto infantil poderia provocar doenças cardíacas no futuro e daí, darem a "chupar" às crianças *pedra cordial* ou deixarem que *à más*, ou parentes chinesas mais ou menos próximas, *balouçassem o porquinho* quando uma criança de pouca idade ficava *morum* ou *tinhsosa* (chorona, birrenta e sem apetite), embora sem febre, ou com *febrinha* (febre ligeira) sem causa aparente. Admitia-se que tal estado resultava de susto provocado por animal ou pessoa, ou por outro agente, que a *pedra-ume* queimada no brazeiro viria a indicar.

O *balouçar do porquinho* é considerado, em Macau, uma prática chinesa. Contudo, nem todos os informadores a interpretam da mesma maneira. Por vezes é interpretada como *chamuscar o porquinho* devido à homofonia das palavras *tám* ( 沓 ) (balouçar) e *t'ám* ( 焗 ) (chamuscar) <sup>(5)</sup>, tendo a reza ou cantilena que a acompanha diversas variantes. Este facto sugere-nos, pois, uma antiga prática introduzida de algures e

(3) A água ou *chá de 7 folhas* consiste na decocção de folhas de salgueiro; *Aster garlachii* Hance (às vezes substituída por folhas de pessegueiro); louro; *Gynura segetum* (Lour.) Merr.; *Eupatorium chinense* L.; arruda e mangericão, às vezes substituído por folha de hortelã – *hortelã-sopa*, no falar da terra.

(4) Preparação à base de elementos minerais, cuja receita seiscentista constituía segredo dos Padres da Companhia de Jesus de Goa.

(5) É também possível que *t'ám* corresponda a aquietar ( 瀝 ) o que está plenamente de acordo com o objectivo desta prática.

adoptada pela população chinesa de Macau. Aliás, *balouçar o porquinho* consiste numa defumação da criança que se julga sofrer de *mal de susto*, prática que era e é ainda corrente em Portugal, quando se trata de afastar qualquer malefício por *artes de magia*.

Em Portugal, por exemplo, em certas aldeias beiroas, defumavam-se as crianças balançando-as em cruz sobre ervas aromáticas, que se faziam arder sobre brasas acesas e usava-s,e também, a defumação no tratamento de animais, passando um caco com brasas ardentes por debaixo deles, três, cinco, sete ou nove vezes, em cruz <sup>(6)</sup>. Às brasas juntava-se *erva do ar* (não identificada) <sup>(7)</sup>.

O nome de *erva do ar* parece apontar para uma terapêutica contra *mal de ar*. E é muito curiosa a coincidência entre esta prática e a concepção que ainda vive entre os macaenses e que supomos de origem portuguesa. A defumação era muito usada em Portugal ainda no sé. XVIII contra certas indisposições, geralmente contra dores de origem mal determinada <sup>(8)</sup>. É possível que se supusesse que estas *dores* fossem devidas a *ar*, tal como em Macau se admitia.

Uma adaptação macaense simplificada da prática de *balouçar o porquinho* consiste em juntar *n'gai héong* (艾香) *grãos de incenso macho* (grãos de incenso que lembram grãos de areia) com *grãos de alfazema* (flores secas de alfazema) <sup>(9)</sup>, e deitá-los sobre carvão em brasa, entoando a seguinte cantilena:

- ( 𪛗 猪 仔 ) Tám chü chái (Balouça-se o porquinho <sup>(10)</sup>)  
 ( 𪛗 牛 仔 ) Tám ngau chai (balouça-se o boizinho)  
 ( 𪛗 猪 ) Tám chü (Balouça-se o porco)  
 ( 𪛗 羊 ) Tám iéong (balouça-se o carneiro)  
 ( 𪛗 大 肚 娘 ) Tám tei tou néong (balouça-se o ventre da mulher <sup>(11)</sup>)  
 ( 猪 驚 ) Chü kéang (o porco tem medo)

(6) É de notar o número ímpar indicado.

(7) Leite de Vasconcelos. *Etnografia Portuguesa*, Vol. VII, 1980, pág. 41.

(8) Uma receita registada num manuscrito dos Arq. da B.P. e A.D. de Évora consiste em queimar o *pau de azinho sobre brazas tomando-se o fumo pelos narizes e se defumarão no necessário fumo humas estopas juntas que se porão na parte da dor apertando-as com um lenço*.

(9) O uso de alfazema faz-nos, de facto, lembrar a influência directa das defumações portuguesas.

(10) *Tám*, usado oralmente, tanto pode ser *tám* ( 𪛗 ) balouçar, como *t'ám* ( 𪛗 ) chauscar, como atrás já se disse.

(11) Alusão à *má influência* que se admite ter uma mulher grávida, à qual se atribui *séong hón* ( 雙目 ) ou *séong ngan* ( 雙眼 ) *duplo olhar*, o que faz lembrar o universal *mal de olhado* ou *quebranto*.

( 狗 驚 ) Kau kéang ( (o cão tem medo) <sup>(12)</sup>  
 ..... (segue-se uma série de nomes de animais)  
 (F... 惊 ) (Nome: F.... m'kéang!) O menino F.... não tem  
 medo!

Bate-se uma uma palmada no chão junto ao fogo, bate-se 2 a 3 vezes no peito da criança, puxa-se-lhe duas vezes pelo nariz e duas vezes pela orelha. Passa-se a mão sobre o fogo e depois sobre o rosto da criança.

Outra variante macaense consiste em juntar ao alúmen (pak fán - 白粉), ngai héong ( 艾香 ) incenso, pó lôk pei ( 菠 綠 皮 ) <sup>(13)</sup> cascas secas de toranja cortadas em estrela (em 4/4) e/ou tai chiu pei ( 大 蕉 皮 ) casca seca de figo vilão (banana) e entoar uma das seguintes cantilenas:

- ( 𪗇 猪 仔 ) Tam chü chai (balouça-se o porquinho)
- ( 𪗇 狗 仔 ) Tam kau chai (balouça-se o cãozinho)
- ( 𪗇 牛 仔 ) Tam ngau chai (balouça-se o boizinho)
- ( 𪗇 大 ) Tam tai (a criança tomar-se-á adulta) crescerá
- ( 听阿媽駛 ) Téang à má sai (e ouvirá os conselhos de sua mãe)
- ( 猪 惊 ) Chü Kéang (o porquinho tem medo)
- ( 狗 惊 ) Kau Kéang (o cãozinho tem medo)
- ( 牛 惊 ) Ngau Kéang (o boizinho tem medo)
- ( 人仔唔驚 ) Ian chái m'kéang (a criança não tem medo)
- ( 阿媽叫佢返口黎 ) A'má kiu kôl fan lòi (a mãe chama-o e ele regressa) <sup>(14)</sup>

Esta operação deve realizar-se durante três dias seguidos. Quando o alúmen, no fim deste período, toma a forma do ser ou coisa que provocou o susto e portanto a indisposição da criança, parte-se um pequeno pedaço, moe-se e esfrega-se com este pó, em forma de cruz, o peito do doente. O restante deita-se fora. Supunham as antigas senhoras de Macau que, se a criança sofresse de *mal de susto*, a pedra-ume aderiria às brasas, o que não sucederia, no caso contrário. Se o susto tivesse sido

(12) Aqui deve tratar-se de corruptela de otiva e ser ngau ( 牛 ) boi e não kau (cão).

(13) O nome original é lôk yâu pei ( 皮 綠 柚 ). Pó lôk pei ( 菠 綠 皮 ) é o nome popular.

(14) O hibridismo desta prática é muito interessante, porquanto a frase final evoca o chamamento da alma, de antiga tradição chinesa.

provocado por uma pessoa, a pedra-ume aderiria simplesmente às brasas, mas não tomaria qualquer forma especial; se o susto tivesse sido provocado por um animal ou coisa, a forma do causador do mal ficaria representada na pedra, por acção do calor.

Entre a população chinesa de Macau, era também considerada muito eficaz contra o mal do susto, colocar debaixo do travesseiro da criança (ou do adulto) um parão de lenha (ch'ai tou) (柴刀) embrulhado numa cabaia previamente defumada sobre papéis de culto (*papéis ouro-prata*) e pivetes a arder, entoando-se enquanto se defumava a cabaia da pessoa que sofreu o *mal de susto*, a seguinte cantilena:

- F.... (nome da criança ou da pessoa em questão),
- (快點返口黎) fai ti fan lói (volta depressa)
- (唔須驚) M'sai kéang (não tenhas medo)
- (豬唔驚) Chü m'kéang (não receies o porco)
- (牛唔驚) N'gau m'kéang (não receies o boi)
- (狗唔驚) Kau m'kéang (não receies o cão)
- (貓唔驚) Mau m'kéang (não receies o gato)
- (摩羅仔唔驚) Mo lo chai m'kéang (não receies o mouro)
- (黑鬼唔驚) Hak kwai m'kéang (não receies o negro)
- (乖乖地) Hak kwái tai (aquieta-te, toma-te dócil)
- (聽亞爸亞媽驚) Téang á Pá, á Má, wá (ouve o que diz o teu pai e a tua mãe)
- (十二個精神) Sap i có cheng san (os 12 bem-estar)
- (翻彩) Lo fan (traz contigo)<sup>(15)</sup>.

Os papéis votivos devem ser queimados no próprio local onde a pessoa sofreu o susto, principalmente, no caso de queda ou de atropelamento. É por isso que esta cerimónia pode realizar-se em plena rua. Depois de finda a cantilena embrulha-se o parão na cabaia ou peça de roupa que acabou de ser defumada e entrega-se à mãe (no caso de ser uma criança) a qual deve colocá-la sob o travesseiro da cama, onde o doente repousa. É de notar que nestas defumações a operadora nunca

(15) "Regressa (trazendo contigo)" os 12 bem-estar, isto é, *completamente bem* de saúde e de boa disposição. Aparece-nos, aqui, uma nova fórmula do *chamamento da alma*.

(16) É de assinalar que, no Norte da China é a mãe ou a avó quem, geralmente se encarrega do *chamamento da alma*, cuja queda se verificou num determinado local.

deverá ser a mãe da criança que sofreu o susto <sup>(16)</sup>.

Quando se defuma uma criança a pessoa que realizou a cerimónia, ao entregá-la à mãe ou ao pai, deve dizer: Kwai Kwai tei fan m'sai kéang ( 乖 乖 地 唔 須 驚 ) (sossega, não tenhas medo), Iat kau fan tau tin kong ( 瞓 覺 到天 亮 ) (dorme um sono descansado até de manhã):

Nunca recolhemos esta versão entre os *filhos-da-terra* de ascendência portuguesa, mas, apenas, entre alguns e muito poucos de ascendência chienesa próxima.

De notar, nesta cantilena, é a referência aos mouros (antigos guardas da polícia de Macau) e aos *negros* muito temidos, noutros tempos <sup>(17)</sup>, terror que perdurou, aliás, entre muitos chineses e antigos portugueses de Macau.

Aliás, qualquer que seja a variante da cantilena, esta cerimónia é um mero "chamamento da alma" de cunho puramente chinês, embora a defumação seja de carácter popular nitidamente português.

Outra variante que nos foi transmitida não em chinês mas em tradução portuguesa, para além das frases introdutórias, é a seguinte:

"T'âm Chü Châi T'âm Chü Châi ....."

"Chamusquemos o *leitão*, a fim de tirar o susto, que lhe foi causado numa rua ou travessa, por voz alta ou baixinha; qualquer fenómeno natural; areia ou pedra volante; gongo ou tambor; panchões; cobra, rato ou gato; aranha ou barata; coisa do mundo invisível ou visível; *sâi ngán* (mulher grávida, ou mulher ou homem que usa óculos, ou insecto de 4 olhos) que chegou a voar ou apareceu às duas por três; *sâi ngán*<sup>(18)</sup> que está longe ou perto; *sâi ngán* conhecido ou desconhecido; *sâi ngán* que está de luto; velho ou novo; maior ou menor e, conseqüentemente, para que ele tenha apetite formidável, pense sempre em comer e beber, pense em comer durante o dia e em dormir quando anoitecer.

Ponhamos aqui a toranja, pedra-ume e casca de banana, que servem para lhe tirar o susto. Depois de chamuscado o "leitão" ficará sempre bem de saúde, crescerá rapidamente e trará boa sorte aos pais.

Chamusquemos-lhe o pernéo, para que se torne avó;

(17) Noutros tempos, as crianças macaenses eram ameaçadas com o *moço fuzido* (escravo *cafre* fúgido) à maneira do *papão* das crianças europeias.

(18) *Sâi ngan* (4 olhos) equivale ao *duplo olhar* (*séong ngan* ou *séong hón* atrás referido).

(19) Versão do Sr. Luís Gonzaga Gomes, sinólogo e historiador macaense.

chamusquemos-lhe o anus, para que se torne avô”<sup>(19)</sup>.

Nesta variante há a particularidade de se empregar o termo *sâi ngan* ( 四眼 ) (quatro olhos) ou *séong ngan* ( 雙眼 ) – duplo olhar, concepção muito próxima da do *quebranto* português, que tem aliás, em Macau, diversos significados.

É curioso notar, porém, que os processos da Inquisição Portuguesa registaram uma prática que lembra a fusão de alúmen, mas que se realizava com *chumbo* e servia para benzer os endemoninhados. Os estalos que dava o chumbo, ao derreter, davam a conhecer a *rebeldia do espírito que atormentava* a criança ou o possesso, o que nos leva, de facto, a interrogarmo-nos quanto à origem mágica de tal prática de Macau.

Para defumar ou balouçar o porquinho usava-se um fogareiro de barro em estilo chinês com brasas acesas<sup>(20)</sup>.

Porém, para defumação das casas, as senhoras macaenses possuíam, dantes, uma cassoleta ou defumador geralmente em liga de cobre, com tampa trabalhada e perfurada, dentro do qual se colocavam os *aromas* e debaixo dele cinzas quentes, que os faziam evolar-se, perfumando-se, assim, os quartos, a roupa, etc..

*Perfumar* consistia, pois, nos tempos antigos, em queimar substâncias aromáticas tais como incenso, *pastilhas*<sup>(21)</sup>, *pevides*, *alfazema*, folhas e gálbulas de eucalipto, etc., que comunicavam a sua fragância ao ambiente. Contra o mofo e como defensivo contra *males de susto*, *savan* e *vento sujo*, não havia casa portuguesa em Macau, noutros tempos, onde se não queimasse pelo menos *bisbim*, incenso e/ou *alfazema*<sup>(22)</sup>.

Aliás, a tradição popular do uso da defumação contra certas doenças, principalmente contra cefaleias, foi, no Ocidente, uma velha prática da medicina erudita que o povo conservou. Já Plínio aconselhava as defumações, afirmando que o *perfume da erva doce alivia as dores de cabeça*.

Contra a própria peste, durante a Idade Média e já muito posteriormente em plena Renascença, eram indicados *perfumes* e

(20) É de notar que o uso de fogareiros de barro para defumação é muito semelhante ao das aldeias portuguesas, nomeadamente na região saloia.

(21) Pastilha aromática à base de *bisbim* (benjoim).

(22) Parece-nos nítida a crença de influência chinesa no *mau ar* que impregna os velhos casarões pouco soalheiros, com cheiro a mofo e que pode causar, por isso, as mais variadas doenças ou incômodos aos seus moradores.

*defumações* como profilaxia. Contra traças e outros insectos as defumações não só em Macau, como noutros pontos da Terra, são, também, ainda hoje consideradas muito úteis, constituindo nítidos vestígios de antigos rituais de purificação.

Em caso de mal de susto, tratando-se de uma criança de colo era também costume em Macau colocar-se-lhe sobre o peito uma almofada *para o coração não saltar* e assim não vir a padecer, no futuro de doenças cardíacas.

É ainda frequente entre a população chinesa no caso de queda, bater-se no chão, no local onde a criança tiver caído, para castigar o *espírito* que poderia tê-la assustado penetrando no seu corpo <sup>(23)</sup>. Os portugueses de Macau, tal como os portugueses europeus, costumam fazer o mesmo, mas com objectivo diferente: apenas para sossegar a criança, mostrando-lhe que o *local* que a magoara, fora, prontamente, castigado. É natural que ambas as práticas tenham uma origem comum. Aliás, esta segunda é muito frequente entre nós em Portugal.

São várias as *mezinhas* usadas em Macau para defumação quer de crianças durante a cerimónia de *balouçar o porquinho* quer contra mau ar, mofo, traças, moscas e outros insectos.

Seguem-se algumas das receitas mais populares usadas com carácter mágico contra sustos ou indisposições de crianças.

– *Mezinha para defumação contra susto* (receita de tradição oral)

É frequente verem-se, em Macau, cascas de banana (*figo vilão*), cortadas em quatro quartos, a secar sobre peneiras de bambu, ou suspensas nas portas, tal como as cascas de tangerina ou de toranja. São destinadas a ser queimadas com alúmen, em lugar das cascas de toranja, nas populares defumações de *balouçar o porquinho* para *tirar susto* às crianças.

– *Defumação ou fomentação para crianças* (receita de tradição oral)

Mistura-se *azeite verde* (óleo de amendoim) com eucalipto num tacho de barro ou numa cassoleta própria para incenso. Coloca-se sobre cinzas quentes e deixa-se evoluar o aroma.

---

(23) Há aqui uma confusão nítida entre a *queda da alma* e o *mal-de-ar*.

– *Defumação com alfazema* (receita de tradição oral)

Em vez de se usar o azeite verde e as folhas de eucalipto, pode usar-se, apenas, alfazema, que era adquirida nas *boticas* portuguesas.

A alfazema é a *Lavandula spica* L., originária da Pérsia e do Sul da Europa. Usa-se em defumadoiros de norte a sul de Portugal, em benzeduras e em sortilégios contra malefícios.

Em várias aldeias de Portugal é, ainda, costume defumar-se as crianças sobre a lareira, onde se deitam ramos de alecrim<sup>(24)</sup> sobre as cinzas quentes, balouçando-as em cruz. A correspondência é perfeita.

– *Chá de pelo-pé* (receita de tradição oral)

Esta palavra aparece, por vezes, nos velhos cadernos de receitas de culinária e de mezinhas das senhoras de Macau, sem significado expresso. Ouvimos, às senhoras macaenses, chamar *polopé* e *polopei* à casca de toranja, por deturpação de *pó lôk pei* ( 菠綠皮 ), nome chinês da casca de jamboa<sup>(25)</sup>. O *chá de polopé*, tal como o chá de casca de toranja, são usados contra sustos, o que nos leva a crer que *polopé*<sup>(26)</sup> é, realmente, casca de toranja.

– *Mezinha suzo-barata*

*Suzo-barata* é o nome de Macau dado às pequenas bolas pretas que se vendem nas farmácias chinesas, geralmente envolvidas por hastilhas finas de bambu e que não são nem mais nem menos do que excrementos esféricos de escaravelhos.

Segundo informadores chineses, na China do Norte é costume

(24) O alecrim é, de uma maneira geral, uma planta de carácter sobrenatural que não só é usada para defumação, mas também no Domingo de Ramos, como espécie principal do ramo bento que, depois, queimado é considerado um bom protector por ocasião das trovoadas.

(25) *Jamboa* é o nome dado em *patois* de Macau à toranja (*Citrus grandis* Osbeck.), cujo nome clássico chinês é iau ( 柚 ).

(26) É possível, porém, que *pelo-pé* seja, aqui, o equivalente a *pelo-do-pé* isto é, pêlos pubianos que se usavam no Brasil, sob esta designação, como "elixir de amor" e, portanto, como mezinha de carácter mágico.

(27) É de registar que este simples, conhecido por *châu keong* ( 臭薑 ) – *gingibre de mau cheiro* em tradição literal, entra também nalgumas receitas de *mezinha para lavar contra mal-de-ar* ou *savan*. É ainda conhecido por 蜚螂脚 蜚螂脚虫

enterrar-se em pequenos covachos bolas do diâmetro de 3 a 5 cm, feitas com bosta de búfalo. Aí desenvolvem-se rapidamente os escaravelhos que depositarão nas bordas dos seus ninhos os excrementos esféricos com valor medicinal <sup>(27)</sup>.

Tanto contra *susto* como contra *mal-de-ar* esta mezinha é muito estimada, tanto na China como em Macau.

O escaravelho chinês é o *Xylotrupes dichotomus* L.

Alguns informadores macaenses consideravam que o chamado *chá de sete folhas*, usado em lavagens contra *mal-de-ar* também surtia efeito no caso de *mal-de-susto*. Contudo, ao que parece, reinava entre as senhoras portuguesas de Macau uma certa confusão entre o *chá de sete folhas* e o *chá de sete estrelas* (chat seng chá – 七星茶), específico para crianças, mas usado contra doenças gastro-intestinais <sup>(28)</sup>.

Além da *pedra cordial*, <sup>(29)</sup> havia quem usasse, em Macau, *pó de aljofre* (pérola moída no *sá pun* – 沙 璽) aberto com água ao qual se juntava, por influência chinesa, uma pitada de *pó de carimbos* (cinábrio) <sup>(30)</sup>. Este pó cozido com coração de porco (usado homeopaticamente) é, também, considerado muito eficaz contra sustos e futuros males cardíacos.

## CONCLUSÕES

Da análise das práticas não terapêuticas da medicina popular de Macau relativas ao *mal-de-susto*, parece ser possível tirar algumas conclusões interessantes:

– A plasmação das crenças nas influências sobrenaturais, levadas

---

(28) Esta composição é, aliás, constituída por 12 simples que se vendem em pacotinhos nos ervanários de Macau, já triturados e prontos a serem fervidos no *gargu* (bule de barro que vai ao lume). Deve ministrar-se às crianças durante três dias consecutivos contra indisposições intestinais, acompanhadas de febre ligeira.

(29) A pedra cordial de Goa ou de Gaspar António é um preparado à base de simples minerais que data do séc. XVII e constituía uma "receita de segredo" da botica dos Padres Jesuitas. Ainda há, em Macau, quem possua e utilize esta *pedra* nos nossos dias.

(30) O cinábrio (HgS), é um produto tóxico, usado em medicina chinesa como antiespasmódico e sedativo em casos de taquicardia de natureza nervosa e ainda no tratamento de convulsões infantis. É, também, considerado pelos taoístas uma substância dotada de poderes sobrenaturais.

provavelmente de Portugal, com as que são próprias da mentalidade do Oriente.

– A semelhança cultural existente no domínio da interpretação das doenças de carácter mágico e da respectiva terapêutica entre os chineses e os sul-ameríndios, o que parece ir em apoio das teses que defendem antigas migrações de povos asiáticos para o Continente americano, por via marítima ou através das Aleutas.

– Uma possível influência portuguesa nas práticas de defumação (*fumigação*) realizadas pelos chineses de Macau.

– A ausência da crença no *mal-de-lua* tão difundida em Portugal, relativa às crianças, entre os portugueses de Macau.

Apenas encontramos, ali, a ideia, também vulgar entre nós, de que a Lua produz manchas nos corpos das crianças quando as futuras mães passeiam ao luar com objectos metálicos sobre o ventre. No entanto, é de assinalar que, no Sul de Portugal, é usada a cânfora, que lembra o alúmen e também a “cor da lua” nas práticas de carácter mágico contra as convulsões infantis de causa desconhecida e por alguns informadores<sup>(31)</sup> analogadas com o *mal-de-lua*.

– O paralelismo entre as defumações de Macau com as que se realizam nas aldeias portuguesas “balouçando-se em cruz”, as crianças, sobre ervas aromáticas, que ardem sobre brasas de um pequeno fogareiro, contra *quebranto*, *mal-de-lua* e outras indisposições consideradas de origem sobrenatural.

– Resta encontrar uma explicação para a fórmula *tam chü chai* (*balouçemos o porquinho*) utilizada como fórmula introdutória de todas as rezas ou “cantilenas” que acompanhavam em Macau as defumações infantis. *Chü* (porco) é uma palavra homófona de *chü* ( 鑄 ) (fundir metais), ( 誅 ) (punir), ( 侏 ) (anão), ( 珠 ) (pérola), ( 住 ) (morar)<sup>(32)</sup>, ( 硃 ) (cinábrio), ( 炷 ) (pavio de vela), ( 主 ) (senhor), ( 貯 ) (acumular), ( 株 ) (tronco de árvore). Por outro lado, o porco é um símbolo de prosperidade e de abastança. Será usada a palavra com valor simbólico ou será simples corruptela, fruto de transmissão de otiva?<sup>(33)</sup>.

(31) Baixo Alentejo; Distrito de Beja.

(32) Verbo auxiliar para indicar continuidade de acção.

(33) É de registar que, em Macau, o termo *chü chai* ( 猪仔 ) (porquinho ou leitão) se usava, em sentido figurado, para designar “emigrante que se vende para trabalhos forçados”.

\*

Ponto de encontro de diferentes etnias, herdeiras de diferentes tradições, Macau é, de facto, um exemplo flagrante de convergência cultural, que está na base da identidade dos macaenses (portugueses euro-asiáticos) como grupo, alcançada no decurso de quatro séculos de história.

#### BIBLIOGRAFIA

- AMARO, Ana Maria – “Contribuição para o estudo da flora médica macaense”, in *Bol. do Instituto Luís de Camões*, Vol. I, pp. 53-66, (Macau), 1966.
- AMARO, Ana Maria – *Medicina popular de Macau*, Ed. do I.C. M. (no prelo).
- BATALHA, Graciete Nogueira – *Glossário do Dialecto Macaense*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1977.
- GOMES, L. Gonzaga – *Chinesices*, Ed. Notícias de Macau, Macau, 1952.
- VASCONCELOS, J. Leite de – *Etnografia Portuguesa*, Vol. VII, Lisboa, 1980.
- VELLARD, J. – “Une ethnologie de guérisseurs Andins, les Kallawaya de Bolivie”, in *Terra Ameriga Rev. da A.I.S.A.*, n.º 41, (Génova), Dicembre, 1980.

## APRECIÇÕES DIVERSAS

Doralécio Soares

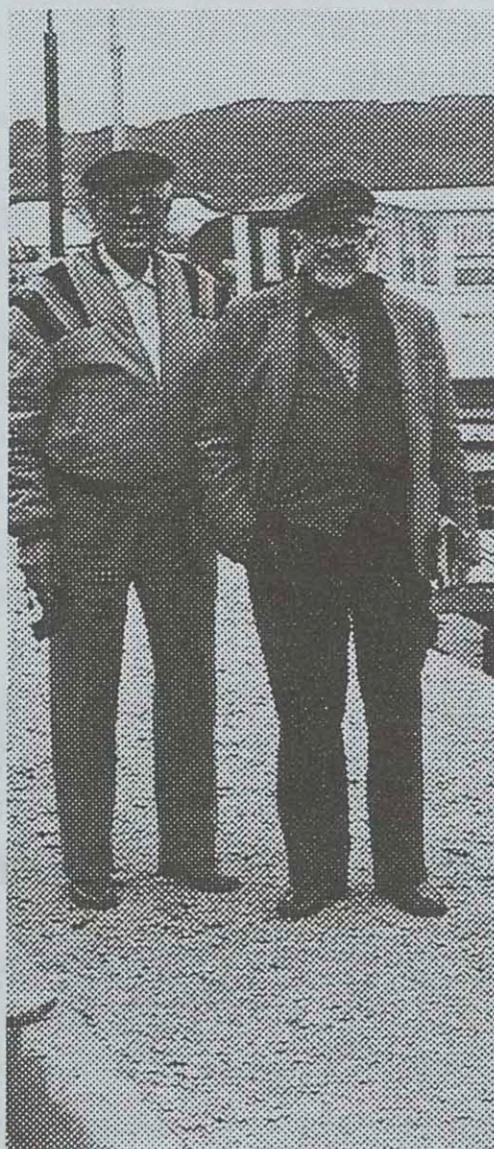
### Florianópolis - SC.

O escritor Paulo Carvalho Neto, Secretário Geral da Comissão Nacional de Folclore, foi o Conferencista do II Encontro Catarinense de Folclore em Florianópolis, promovido pela Fundação Franklin Cascaes.

Membro do Corpo Diplomático do Brasil, com passagens por vários países do continente Sul-Americano, sempre se destacando na sua atividade cultural frente às embaixadas que sempre atuou, principalmente na Bolívia. É autor de um elevado número de obras de cunho literário brasileiro e de nossa Cultura Popular. Sua passagem por Florianópolis foi rápida, mas de alto valor cultural diante dos assuntos abordados pelo ilustre homem de letras.

A Fundação Franklin Cascaes foi agraciada com inúmeras obras de sua autoria autografadas pelo ilustre escritor.

A presente foto registra a sua presença em companhia do presidente da Comissão Catarinense de Folclore, num recanto da Marina da Lagoa da Conceição, após saborear os "frutos do mar", em um dos conceituados restaurantes ali existentes.



## Florianópolis, SC - COSTA DA LAGOA

O Grupo Folclórico Infanto-Juvenil da Costa da Lagoa - GRAÇA CARNEIRO, fundadora do grupo, é uma carioca, arte-educadora que trocou a vida atribulada de sua terra-natal, para a tranqüilidade da ilha de Santa Catarina, se localizando na Costa da Lagoa da Conceição, onde desenvolve projetos comunitários culturais na área do folclore e das raízes-afro-brasileira. Trabalhando com crianças e jovens em atividades "artístico-culturais", na temática do desenho, pintura, modelagem e teatro, objetivando integrar a comunidade através da arte-educação-lazer. Com a edição primorosa da Revista BOI-DE-MAMÃO, além da educadora, está presente também o seu grupo orquestral, oferecendo à nossa Ilha uma publicação da "Editora PAPA-LIVRO", do dinâmico livreiro Vilson Mendes, cuja performance destaca-se pelos inúmeros títulos editados por sua Empresa.

A Comissão Catarinense de Folclore, ao inserir neste Boletim a valiosa publicação, o faz, levando a essa dinâmica professora o prazer de vê-la figurar entre as pessoas de destaque na cultura catarinense.



## **Florianópolis, SC**

Revista "A FIGUEIRA". - O poeta Abel B. Pereira, editor da citada Revista de poesia foi um dos agraciados com o "Certificado e a Placa Comemorativa", que a Academia Catarinense de Letras, no seu Jantar Comemorativo de encerramento do Ano de 1995, outorgou a várias figuras que se destacaram nos meios culturais do estado catarinense nas últimas décadas.

Abel Pereira é uma figura incansável na área cultural do Estado, sempre presente com sua Revista "A FIGUEIRA".

Quem se relaciona com os meios editoriais sabe com que dificuldade se enfrenta para se editar uma revista ou livro, atualmente, no Brasil. Mas esse almejado Homem de Letras é um incansável lutador, com a sua revista totalmente voltada para a Poesia, a qual é, no gênero, uma das melhores publicações que no momento se apresenta em Santa Catarina.

## **Belo Horizonte - MG**

Da Comissão Mineira de Folclore, presidida pelo companheiro folclorista Sebastião Rocha, recebemos o completo CMFL - Notícias ANO I - Nº 5, Janeiro de 1996 com informações diversas sobre o movimento cultural relacionado ao folclore no estado de Minas Gerais, no qual este Boletim registra as colaborações de TEXTOS & REFLEXÕES - Mestres: Zanoni Neves. O FOLCLORE É FRUTO DA VIVÊNCIA: Amelinha Chaves. RENATINHO BIKE: Francisco de Vasconcellos.

## **Belo Horizonte - MG**

### SESC - Serviço Social do Comércio de Minas Gerais

Mais uma vez cumprindo o ritual de divulgação cultural, o SESC de Minas Gerais edita o Calendário Mineiro, desta feita, divulgando a importância dos dezesseis "rios" que integram a bacia fluvial do Estado, capitaneado pelo caudaloso Rio São Francisco, que se integra à população além de fronteiras no processo de prestação de serviços à zona ribeirinha por onde passa.

A Comissão Catarinense de Folclore, registrando o recebimento desse importante calendário cultural, cumprimenta o Dr. Robison Corrêa Gontijo, pela sua magnífica atuação frente a esse importante órgão, prestador de serviços na área comunitária que ocupa no grandioso Estado Mineiro. Estende este cumprimento ao empresaria do do

Comércio de Minas, sem o qual dificilmente seria possível atingir a meta alcançada. Estendemos a nossa admiração à valiosa equipe de trabalho do ilustre Diretor, cujo dinamismo é registrado na cooperação dos seus integrantes.

## **Rio de Janeiro - RJ**

Braulio do Nascimento - LITERATURA ORAL: LIMITES DA VARIAÇÃO.

Braulio do Nascimento, Vice Presidente da Comissão Nacional de Folclore, apresentou no IX Encontro Nacional da ANPOLL - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística - em Caxambu, Minas Gerais, de 12 a 16 de junho de 1994, a Comunicação, cujo título grafamos acima. O tema abordado, baseado em extensa bibliografia, disse da sua complexidade aparentemente simples, mas de conclusões complexas.

A evolução das palavras tão propagadas por Braulio do Nascimento na seqüência da temática da Literatura Oral, envolvidas pela semiologia dos conceitos emitidos nos elementos lingüísticos, coloca os assuntos abordados da "Literatura Oral", tem o seu papel preponderante. É, portanto, uma Comunicação valiosa.

BIBLIOTECA PÚBLICA DO ESTADO RJ

## MÁRIO SOUTO MAIOR

Cronologia e Bibliografia por  
Lúcia Gaspar

Num trabalho dos mais gratificantes, a Biógrafa Lúcia Gaspar, após extensa pesquisa, reuniu em um só volume, títulos e conceitos da substancial obra do Escritor Mário Souto Maior.

Destacou a atuação do folclorista, escritor e bibliógrafo nos seus mais recônditos aspectos, do andamento existencial de um homem que, agraciado com os mais importantes títulos culturais, vem dando a Pernambuco e ao Brasil projeção internacional através de suas obras em estudos relacionados com o homem e a mulher nos seus usos e costumes.

Na conceituação do folclore, Mário Souto Maior analisa todos os aspectos dos costumes do povo, deduzíveis através de sua imaginação pesquisadora cultural, sociologicamente falando.

A biógrafa Lúcia Gaspar soube analisar com profundidade a obra do renomado escritor pernambucano.

Quer nos trabalhos individuais ou de parceria, Mário Souto Maior é o mesmo homem; simples, afável e generoso na valorização dos que com ele buscam nas reflexões sensoriais a valorização do indivíduo nos seus mínimos aspectos.

Parabéns a você, Lúcia Gaspar, por destacar merecidamente a obra de um escritor do porte de Mário Souto Maior.

### **Recife - PE**

#### **O PUXA-SACO - Aqui, Ali e Acolá**

Mário Souto Maior

O livro "*O Puxa-Saco - Aqui, Ali e Acolá*", Recife, 1993, tomou o número trigésimo, na relação das obras editadas por Mário Souto Maior, vindo a seguir, o trigésimo primeiro, *A Paisagem Pernambucana*, de parceria com Leonardo Dantas.

*O Puxa-Saco*, acrescido do *Aqui, Ali e Acolá*, reúne valiosas informações culturais na área da Cultura Popular e do Folclore, envolvendo o autor em passagens hilariantes na sua vida de homem

estudioso de todos os aspectos que diz respeito à área da cultura popular, relacionada com a maneira de pensar, sentir e viver do labutante do autor.

O autor analisa, de uma maneira graciosa e simples, os usos e costumes de um povo, onde a sua vivência se consubstanciou inteiramente, registrando tudo de belo nos seus detalhes culturais, despercebidos pela grande maioria das pessoas que somente vêem e não sentem o seu envolvimento no cotidiano que os cerca.

O *Puxa-Saco - Aqui, Ali e Acolá* veio se reunir ao conteúdo das outras trinta obras que a versatilidade cultural imaginativa, nos oferece no transcorrer de sua existência.

Ao fazer este registro nesta quadragésima sétima edição deste Boletim da Comissão Catarinense de Folclore, o fazemos agradecendo ao autor esta sua valiosa contribuição ao Folclore Brasileiro.

## UMA PITADA DE FOLCLORE

Maria do Rosário Souza Tavares de Lima

### São Paulo - SP

Eis aí uma "pequena grande obra" da professora Maria do Rosário Tavares de Lima. É uma obra pequena em número de páginas, mas de um valor informativo incomparável. A autora soube sintetizar o que obras volumosas procuram transmitir prolixamente, muitas vezes obrigando o leitor interessado em aumentar os seus conhecimentos na área do folclore, perdendo tempo nas considerações desnecessárias do autor.

Maria do Rosário Souza Tavares de Lima, com a sua obra "*Uma Pitada de Folclore*", evita que isso aconteça, pois nos transmite o essencialmente necessário, numa transmissão sucinta, principalmente para o estudante abraçados com volumosas apostilas obrigatoriamente estudadas.

As bibliografias inteligentemente usadas confere informações de grande valia, resumidamente transcritas, indicando ao leitor interessado o caminho do encontro das obras contactadas. Para o estudante leigo interessado em ampliar os seus conhecimentos na área do folclore é recomendável iniciar os seus estudos através de "*Uma Pitada de Folclore*", da autora acima citada.

São estas as considerações que este Boletim insere em suas páginas sobre esta "pequena grande obra", da ilustre professora Maria do Rosário.

### **Recife - PE**

#### **BRASIL - PORTUGAL - aquele abraço: Mário Souto Maior**

A farta produção literária de Mário Souto Maior o coloca como um dos escritores mais produtivos do Brasil.

Os temas surgem aos borbulhões numa seqüência constante de produção literária nos mais diversos sentidos. Creio que antes do encerramento do ano de 1995, o escritor pernambucano nos ofereceu mais esta obra. Desta feita: "*Brasil-Portugal - aquele abraço*". Li-o de uma peitada só e me deliciei com a seqüência de anedotas envolvendo os "portugueses cá da terra". De fato estava faltando em nossas bibliotecas uma obra nesse sentido, envolvendo as brincadeiras anedóticas entre os portugueses e brasileiros. Não as vejo como depreciativas aos nossos irmãos lusos, visto que nesse sentido dizem que os brasileiros também são gozados em Portugal.

Com "*cheirinho de alecrim numa casa portuguesa, com certeza*", de Fátima Quintas e "*portugal brasil e eu*", de José Constantino Ferreira, encerra Mário Souto Maior, mais uma de suas produções.

### **Caruaru - PE**

#### **NOÇÕES DE FOLCLORE**

"*Noções de Folclore*" é mais uma obra do intelectual professor Aleixo Leite Filho, de Caruaru, PE.

É uma obra onde o autor, servindo-se de textos de renomado mestre da Cultura Popular Brasileira, transcreve importantes trabalhos de autores diversos na área do folclore, procurando valorizar a sua obra.

No desenvolvimento de *Noções de Folclore*, o autor procura transmitir ao estudante e aficionados da Cultura Popular, conhecimentos que os levarão a conhecer essa importante ciência, cada vez mais estudada e discutida em Conferências, Encontros, Festas e Congressos, não somente de natureza nacional, mas também, internacional.

Nas referências bibliográficas, Aleixo Leite Filho nos fala da sua voracidade de leitura. Nos trabalhos transcritos, registramos: "Folclore

na Escola" - Augusta Clarice Sarmiento, idem Saul Martins. "Magos, Enigmáticas Personagens" - Maria Brigido. "Bandas de Pifanos" - Mário Souto Maior. "Mestre Davi e Carrancas" - Domingos Diniz. "Músicas Folclóricas" - Adércio Simões Franco. "Bumba-Meu-Boi" - Roberto Câmara Benjamim. "História da Farmácia" - Gastão Villobalde. "Poesia Popular" - (Não Folclórica) - Hidelbrando Campestrini. "Pitoresca Época dos Trovadores" - Kurt Pahlem, além de trechos importantes de outros assinalados pelo autor. É uma obra que oferece aos estudantes da nossa Cultura Popular, nosso Folclore, informações preciosas, sendo também repositório de indicações aos que efetivamente desejarem se aprofundar melhor na ciência pouco valorizada, mas constante em todas as áreas do conhecimento humano. É uma obra que recomendamos a sua leitura.

### **Belo Horizonte - MG**

MINAS GERAIS - Maria de Lourdes Dias Reis. Obra de poesias inteiramente voltada para o que existe de belo e grandioso em Minas Gerais. O que mais poderemos acrescentar diante do que escreveram sobre a obra, Duflio Gomes, João Etienne Filho, Jair Barbosa da Costa, Cristina Agostinho e Saul Martins.

Ao registrar neste Boletim, *Minas Gerais*, da poetisa Maria de Lourdes Reis, o fazemos transcrevendo o que escreveu na última "orelha" da obra, o Antropólogo e Cientista, Doutor Saul Martins, mineiro da velha guarda, cuja contribuição cultural ao Estado mineiro é grandemente reconhecida pelo seu povo:

"Sabe-se que a **prosa** visa à comunicação - seu uso ou valor essencial; a **poesia** visa à expressão. Isto não impede que uma destas formas literárias assumam a função da outra, acidentalmente. Mas, é de rigor que se conheça a diferença. No primeiro conceito, subentende-se a transmissão de um conteúdo informativo ou fatural: no segundo, entende-se que se quer passar a outrem a idéia de beleza.

Este livro alcança dois objetivos: instrui o leitor sobre aspectos relevantes de nossa vida social e econômica, ao mesmo tempo em que satisfaz emoções, causando-lhe estesia.

O esmero da linguagem começa com o título bem posto, revelador de um dos principais característicos de mineiridade, o arraigado senso de posse, uma herança, certamente, dos cristãos-novos ou judeus renegados, que aqui se fixaram nos primórdios da colonização. Gerais significam a chapada ou cerrado típico, o sertão,

os campos extensos e desabitados das terras mineiras, que são minhas, uai!, **minhas gerais**.

Por si mesma, esta segunda edição demonstra o sucesso da primeira, que se esgotou em menos tempo do que o previsto. Ademais, houve pedidos sem conta de amigos e colegas interessados na reedição da obra, porque foi bem recebida nos colégios por alunos e professores, empregada sobretudo em leitura e interpretação de textos.

Há versos ontológicos em **Minhas Gerais**, por exemplo, aqueles em que a Autora transborda o inconsciente assim: "sou o ontem, sou o hoje que sobrou do nada, sou a ponta da corda da cisterna que se deixou escapar".

Descrevendo as figuras de barca do Rio São Francisco, ela diz que "as carrancas não são feias". Concordo, plenamente. Aliás, não há feio. Existe, sim, ausência ou negação do belo.

Maria de Lourdes Reis não é uma iniciante, pois já publicou três livros e escreve com freqüência em periódicos da Capital e do interior. Sua vida intelectual é bastante cheia e múltipla, realiza pesquisas de folclore, é professora graduada em História e jornalista de merecida estima".

Belo Horizonte, 27 de agosto de 1991.

*Saul Martins*

*Antropólogo -*

*(Doutor em Ciências Sociais - Folclorista)*

**Florianópolis - SC**

## **"Jornal O ESTADO"**

O Arquiteto e Jornalista Valmyr Bittencourt é um desses colunistas dominicais do Jornal O ESTADO, que tem leitores certos. Sou um desses que, além de lê-lo, recorto as suas crônicas, pela objetividade que as mesmas reúnem. Os assuntos focalizados nos oferecem aspectos culturais dos mais diversos, relacionados à sua permanência estudantil na Europa, principalmente na França. Voltando às suas raízes, tem dado ao nosso Estado a sua contribuição cultural, seja na sua especialidade de professor de Arquitetura da UFSC, onde milita, ou no Jornal já citado, com suas magníficas crônicas dominicais, o temos sempre ativo para gáudio dos que o lêem e com ele convivem. E assim, neste Boletim, registramos as figuras populares marcantes de um passado não muito distante.

## Figuras Populares de Florianópolis

Recordo alguns personagens que fizeram parte do nosso folclore urbano, enfeitando o dia-a-dia com suas características originais e inesquecíveis. **Papo Amarelo**: Não perdia procissão, e marcou aquela do Senhor dos Passos, quando todos cantavam "Os anjos, todos os anjos...", e alguém gritou - Papo Amarelo! E ele responde no próprio cântico - Papo Amarelo é a ... - Os irmãos **João** e **Antônio** (este, o mais brabo), que ficaram assim doentes devido a um incêndio em sua casa, quando meninos. Eles moravam muito tempo, de favor, na Praça Olívio Amorim, e eram muito queridos por todas as famílias, nunca lhes faltando almoço, dinheiro e presentes. - **Capitão**: Era uma mulher com muitos filhos, vomitando improperios intermináveis, quando provocada. - **Bomba de 25**: Era uma preta que ganhou o apelido dos vizinhos pela sua brabeza. - **Barco a Quatro**: Ela trabalhou como doméstica em muitas casas. Falavam que ganhou a pecha porque teve muitos homens na vida. Ao correr atrás dos irreverentes, parecia que seus penduricalhos iam dar volta ao mundo. - **Navia**: Também conhecido como "Dente de Ouro". Veio da marinha mercante, e depois de tantã se dizia o dono dos navios que atracavam na Rita Maria. - **Marrequinha**: Encasquetou que era autoridade de trânsito e, às vezes, se plantava num cruzamento criando a maior confusão. - **Ivo Bode**: Era outro, de festas religiosas. Quando mexiam com ele ficava possesso, ameaçando com uma vara e chacoalhando as partes. - **Manduca**: Freqüentador assíduo do Mercado, onde ganhava um dinheirinho fazendo carretos. - **Pandorga**: Caminhava mal, pra lá e pra cá. - **Bicudinha**: Quase sempre pernoitava em casa diferente e assim nunca sabia aonde morava. - **Marta Rocha**: Era uma pedinte - o inverso da miss. - **Corvina**: Muito aborreceram o coitado, pela sua delicadeza... - **Bento**: Era um andarilho, catador de rua. "Quantas hoje? - Três com a tua mãe!" - **Adolfo**: Ele se julgava proprietário dos melhores automóveis da cidade. Certa vez, o Dr. Aderbal Ramos da Silva desembarcava do seu carro, perto dele. Deu-se, então, o seguinte diálogo: "Num quês comprá ele? - Compro, toma aqui o dinheiro (passando uns trocados) - Pode levá. É teu!". - **Plip-Plip**: Andando pela cidade ou nos ônibus, parecia um grilo com seu "plip-plip" discreto e intermitente. - **Babão**: Sempre em confusões com a polícia. - **Traça**: Inconfundível, com aquela maquiagem bandeirosa. - **Araponga**: Vendedor de jornais, e conhecido pelos seus tiques e trejeitos. - **Globô**: Marcou época nas tardes da praça, com o seu grito forte e grave. - **Bataclan**: Propagandista e, nas horas vagas, estava sempre em trajés esportivos. Constantemente fazia suas corridas, passando pelo Centro. Acredito que o seu recado era - o exercício faz bem para a saúde. - **Espiridião**: Circulava pelos cafés do Centro, vivendo de expedientes. Certa

vez, inventou a rifa de um cabrito. O Dr. Djalma Moellmann foi o premiado. Encontrando-o, reclamou, obtendo a promessa: "Hoje à tarde vou deixar amarradinho lá no seu terreno". À tardinha, o sortudo foi buscá-lo, e encontrou um carneirinho de plástico na grama. - **Nega Tita:** Tinha muitos filhos. Numa ocasião, uma senhora pretendeu adotar um deles, e ela reagiu: "Qués fio é? Vai dá como ô di!".

# **GRUPO DE DANÇAS FOLCLÓRICAS DA UFOP**

## **Introdução**

A UFOP é uma universidade que, embora situada em Ouro Preto, cidade patrimônio da Humanidade, berço histórico das artes e da cultura mineira e brasileira, desenvolve muito poucas atividades de caráter artístico e cultural, envolvendo a sua comunidade.

Já há dois anos, o DEEFI vem colocando a DANÇA FOLCLÓRICA entre as disciplinas oferecidas aos alunos de todos os cursos de graduação da UFOP. Durante esse tempo, em vários momentos, colocou-se a possibilidade de, com o apoio de outros setores da universidade, constituição e um grupo de danças folclóricas na UFOP. Com a convocatória do MED (Ministério da Educação e do Desporto) foi solicitada e concedida alguma verba para a aquisição de tecidos para a confecção de trajes. Com este pequeno impulso, estamos organizando, em contato com outros setores como o IAC e o Grupo Aruanda de Belo Horizonte, o início dos trabalhos de implantação do nosso Grupo de Danças Folclóricas.

## **Objetivos**

Oferecer aos alunos, professores e funcionários da UFOP e comunidade de Ouro Preto oportunidade de envolvimento com atividades artístico-culturais oferecidas pelo Grupo de Danças Folclóricas da UFOP.

Registrar e documentar as manifestações de dança folclórica da região dos inconfidentes através de um projeto de pesquisa.

Levar o trabalho da dança folclórica para as escolas de primeiro e segundo graus da região dos inconfidentes através do treinamento de professores vinculados à rede pública e particular de ensino.

## **Metodologia**

Ensaios de peças do folclore regional, nacional e internacional com ênfase nas manifestações regionais de Ouro Preto e Mariana. Técnicas teatrais e de expressão corporal para suporte aos integrantes. Estudo do Folclore como elemento sócio-cultural.

## Resultados

Atualmente, após abertas as inscrições, temos em torno de quarenta integrantes, além de um bolsista do curso de História que será responsável, sob orientação, de realizar o trabalho de pesquisa das manifestações de dança folclórica da região. Os ensaios terão início ainda no mês de novembro. Também está sendo executado o levantamento estético da primeira dança a ser trabalhada, o "São Gonçalo", para posterior confecção dos figurinos.

### "GRUPO DE DANÇAS FOLCLÓRICAS DA UFOP"

Orientadores:

Prof<sup>a</sup> Ida Berenice Heuser de Prado

Prof<sup>a</sup> Maria Cristina Rosa.

Bolsista Otávio Luiz Machado Silva

## PALHAÇO

Saul Martins

O Palhaço é sempre o oposto da pessoa que o encara ou que o esconde atrás da máscara e da fantasia.

O palhaço é o símbolo da alegria.

Em geral, na vida cotidiana, o palhaço é introvertido! Mas, tornado palhaço através da máscara, da pintura e da roupa, ele se torna extrovertido, fica desinibido. É que a máscara esconde sua personalidade verdadeira, *ela* faz com que o palhaço seja outra pessoa. A máscara é indumentária, a pintura abre-lhe o caminho para a liberação de energia.

### **O diretor José Roberto e a análise dos palhaços**

Não há como negar que eles são uma arte da resistência. Premidos pela neurose urbana, estão se transformando em peças raras, raríssimas. Com exceção das grandes companhias internacionais, que costumam ocupar áreas centrais, os palhaços dos pequenos circos estão cada vez mais remetidos para os extremos das cidades, enclacados em *cafundós*, na periferia da periferia. Este não é, contudo, um sinal de todo criticável, porque os palhaços não devem ser entendidos como figuras distantes do tom popular. Ao contrário.

É exatamente esta "esperteza do povo", como identifica o diretor de teatro José Roberto Alvarenga, 42 anos, estudioso do assunto, que faz do palhaço um símbolo de intensa originalidade. No circo, ele nasceu meio por acaso, conforme indicam as poucas publicações do gênero. Difícilimas, aliás, de serem encontradas no Brasil. Alvarenga foi buscá-las na Europa, onde estudara. Ainda assim, conseguiu comprá-las somente em sebos, na França. Uma das edições mais minuciosas foi produzida por Fellini, um cineasta encantado com o mundo do picadeiro.

Em seu livro, "Os Palhaços", que acabou se transformando em filme, Fellini registra a aparição da figura do palhaço, caracterizada em circo, a partir da segunda metade do século passado. Espontaneamente, diz o cineasta, ele nasceu depois que um cavaliço, tentando entreter o

público durante a passagem de um número para outro, promove um espetáculo desastrado, recheado de tombos e outras trapalhadas. "Foi tão cômico que as apresentações tiveram que ser repetidas e viraram sucesso", descreve o diretor de teatro citando a pesquisa de Fellini.

Constam também do registro histórico do cineasta as afirmações de que o cavaliariço usara uma roupa emprestada, larga e disforme. O empregado do circo se chamava Tom Billing e tinha o apelido de "Augusto". A primeira passagem cômica se dera em território alemão. Mas a figura brejeira, confusa e estonteante é apenas uma das faces deste ser hilariante que ficou conhecido pelo mesmo apelido de Billing. A outra cara-metade surgiria mais tarde e seria conhecida como "Clown" - viria representar a transposição, para o picadeiro, das relações polarizadoras da sociedade.

Assim, "Clown" assume a postura autoritária, repressiva. "Vai travar, com Augusto, o mal vestido, desajeitado, uma relação tipo pai e filho, mestre e aluno, policial e vagabundo, proprietário e despossuído", teoriza José Roberto Alvarenga. Ele diz que as encenações instantâneas, sem qualquer preparação de texto vingaram até o final do século passado. A partir daí, são preparados textos - os esquetes - que conduzem a trama. "São todos textos de resistência, que refletem os antagonismos das classes sociais", acrescenta Alvarenga.

Tal clareza - avalia - tem se perdido aos poucos pelo tempo. Sobretudo a televisão, identifica o especialista, vem pausterizando a figura do palhaço. Mas é mesmo nos pequenos circos, nas espeluncas de lona rasgada, abandonadas à própria sorte, que os artistas do riso - "por intuição, sem qualquer visão formal, acadêmica" - vem resistindo. E mantendo original uma imagem que desafia a padronização do picadeiro urbano. Com todas as suas neuroses devastadoras.

### **Do circo para a vida, muitas alegrias e horas de tristeza**

Fomos colher, sem qualquer aviso prévio, as impressões que algumas pessoas guardam sobre a figura do palhaço. Seu sentido poético, filosófico, fantástico, transcendental, sociológico, harmônico. Ei-las:

"O palhaço não teve uma influência direta em minha atividade artística. Mas na minha vida social, representou e representa tudo o que sempre se propôs: alegria inocente, fantasia, relaxamento. E todas as vezes em que vou ao circo - nunca deixo de ir - o momento que mais

espero é o da aparição do palhaço. Sempre quis ganhar uma guaraná que o palhaço estivesse oferecendo lá do picadeiro". (Celso Adolfo, 36 anos, cantor e compositor).

"O palhaço me lembra o contraste sobre a tristeza e a alegria.. Nunca me deu unicamente a noção de alegria. O desenho de seu rosto, triste, imagino que é para teatralizar, porque, quando teatraliza, o palhaço fica alegre e é a força de sua dramaticidade que faz dele um palhaço, faria lago parecido a um pierrô". (Eloíse Frota, 36 anos, pintora e escultora).

"Acho a figura do palhaço muito bonita. Ela tem um efeito catártico. Ela ridiculariza os poderosos, os que estão no poder, os iracundos. Representa o lado risonho da vida. Me lembro de Chaplin ridicularizando Hitler. Podemos dizer que o palhaço é um subordinado derrotado, mas ao mesmo tempo um vencedor, porque enfrenta os poderosos em seu campo. Ele luta, na verdade, é com o ridículo". (Domingos Girolletti, 42 anos, cientista político).

## ZUMBI: 300 ANOS, AGORA

Abrimos espaço nesta edição para registrar o recebimento do *Projeto Edição*, do escritor Márcio Almeida, do Município de Oliveira.

Promoção: Universidade do Estado de Minas Gerais - Secretaria do Estado da Cultura de Minas Gerais. Prefeitura do Município de Oliveira - Casa da Cultura "Carlos Chagas - Associação dos Congadeiros de Oliveira - Programa "Memória e Identidade Regional" - UEMG - INESP.

A publicação em forma de Jornal reúne uma série de artigos relacionados à Memória dos negros no Brasil.

Na impossibilidade de publicá-los todos, destacamos o artigo de Domingos Diniz - Presidente da Comissão Mineira de Folclore, sob o título de "Congado: uma Manifestação Folclórica - Devocional". Registramos ainda os títulos dos artigos: "Zumbi, um Símbolo de Luta", de Aluísio Pimenta; "Zumbi e Liberdade", de João Bosco Ribeiro; "Zumbi 300 Anos de Luta", de Diva Moreira; "Abolição", de Pedrina de Lourdes dos Santos; "Escola e Diversidade Étnico-Cultural: Algumas Reflexões", de Nilma Lino Gomes, trabalho amplo de renomada profundidade; "Escravidão: Substituição do Índio pelo Negro", de Ari Laranjo Filho; FESTA DO ROSÁRIO. "Projeto Registra História Oral de Congadeiros"; "Esses Negros na Rua no Meio da Noite", de Carlos R. Brandão. registramos, ainda, "Batucada", de Wagner Torres e "Faça Sol ou Faça Tempestade", de Adão Ventura - Os Escravos de Padre Antônio Vieira. - "Negritude Torturada", de Ari Laranjo Filho; "A Congada em Oliveira, de Hugo Pontes; "Brasil dos CAMPI Ainda não Recebe o Povo Negro", de Benedita da Silva (Senadora); "O Negro em Oliveira", de Márcio Almeida; "História de Oliveira", de L. Gonzaga da Fonseca - 1961; "Esse Velho Vento da Ventura", de Paulo Pinheiro Chagas; "A Festa do Rosário Como Tema de Artes Plásticas e Visuais de Oliveira"; e, finalmente, "A Situação do Negro de Hoje", de Márcio de Almeida. Culturalmente, a publicação é um atestado de alto valor científico que deveria ser transformada em Cadernos Culturais pelo Governo do Estado e distribuído a todas as Escolas do 1º e 2º grau, porque não dizer, do Brasil.

GOVERNO DO ESTADO DE PERNAMBUCO  
SECRETARIA DE TURISMO, CULTURA E ESPORTES  
FUNDARPE  
CONSELHO ESTADUAL DE CULTURA

## QUEIMA DA LAPINHA

Elza Loureiro

Ao longe ouvem-se os cantos das pastorinhas. Todos correm à rua para ver a Lapinha.

A Lapinha é conduzida por duas pastoras, a mestra (vestida de encarnado) e a contramestra (vestida de azul). No centro vem a Diana (de encarnado e azul) com as palhinhas da manjedoura. As pastorinhas formando dois cordões vêm atrás da mestra e da contramestra.

Em procissão com lanternas acesas, e cantando:

A nossa Lapinha

Já vai se queimar (bis)

E nós pastorinhas

Já vamos chorar (bis)

Queimemos, queimemos

A nossa Lapinha (bis)

Com cravos e rosas

Com tudo que tinha (bis)

Chegando ao seu destino, geralmente adro de uma igreja, na noite de 6 de janeiro, colocam a armação (Lapinha) no chão, fazem uma roda e vão girando em torno, e cantando:

A nossa Lapinha

Já está se queimando (bis)

E nós pastorinhas

Já estamos chorando (bis)

Com as velas queimam a Lapinha:

A nossa Lapinha

Já se queimou (bis)

Em brasas de fogo

Já se acabou (bis)

Com emoção e os olhos lacrimejando, cantam ao se despedir:  
 Que dor eu sinto  
 No meu coração (bis)  
 De ver a Lapinha  
 Tornar-se em Carvão (bis)  
 A nossa Lapinha  
 Queimou-se agora (bis)  
 E nós pastorinhas  
 Já vamos embora (bis)  
 A nossa Lapinha  
 Já se queimou (bis)  
 Até para o ano  
 "Se nós vivas for" (bis)

The musical score is handwritten and consists of three staves. The first staff begins with a treble clef, a key signature of two flats (B-flat and E-flat), and a 3/4 time signature. The melody starts with a quarter note 'A', followed by a series of eighth and quarter notes. The lyrics under the first staff are: "A NOS - SA LA - PI - - NHA JÁ VAI SE QUEI -". The second staff continues the melody with lyrics: "-MARA A -MARA E NOS PAS - TO - RI - NHAS JÁ VA - - MOS CHO -". The third staff concludes the piece with lyrics: "-MARA E -MARA QUEI -" and "FINAL -VAS FOR". The score includes various musical notations such as slurs, repeat signs, and dynamic markings like 'p' (piano) and 'f' (forte).

### Origem da Lapinha

Outrora, nos lares católicos, de 24 de dezembro a 6 de janeiro, festa da Epifânia, "erguiam-se os presépios, uns humildes e outros grandiosos e ricos, atraindo as atenções de todos com a finalidade de louvar a Deus Menino do Presépio de Belém".

O Presépio é tido como uma criação de São Francisco de Assis, em Grécio (Itália), no ano de 1223, quando quis solenizar a noite de Natal com uma representação do nascimento de Cristo. Conseguindo uma licença do Papa, escolheu uma lapa (gruta) e fez transportar para ela um jumento, um boi e uma manjedoura; sobre as palhas, colocou um Menino Jesus e, de cada lado, pôs as imagens da Virgem Maria e de São José, celebrando neste Presépio uma missa. Esse costume se generalizou em todo o mundo católico.

No Brasil, a primeira notícia foi do cronista Frei Jaboatão que, referindo-se a Frei Gaspar diz o seguinte: "Foi devotíssimo de mistério inefável, o nascimento de Cristo, fazendo naqueles dias, além de suas particulares devoções, pouso do Deus Menino em Belém para nascer nos religiosos o maior afeto a esse mistério, e ali dizia algumas louvações, e fazia suas devotas representações ainda depois de muito velho, pois faleceu em 1635, com a idade de 93 anos. Era a época ( de 24 de dezembro a 6 de janeiro) em que se reunia a família e os visitantes, diante deste frondoso ameno oratório - o Presépio".

O Pastoril cantado diante do Presépio, com algumas modificações, chegou ao nosso século. Os cantos e as danças acrescentados foram aos poucos sendo invadidos por influências mundanas tanto que em 1801, Azevedo Coutinho, então Bispo de Olinda, lançou o seu protesto contra as pastorinhas, "pelas mudanças verificadas nos seus propósitos, isto é, porque a mundanidade escureceu a pureza dos autos antigos".

Popularizou-se o folguedo, desapareceu o Presépio no pastoril e novos cantos, ao sabor do povo, vão sendo acrescentados pelas pastoras: são agora os Pastoris de Presépios.

Da adoração do Presépio ficou a Lapinha, os cantos, os enfeites e a queima no dia 6 de janeiro.

Na década passada houve uma tentativa de divulgar os tradicionais Presépios, distribuindo um mapa, onde se via o roteiro com nome de rua e número da casa que ainda conservava o costume de armar o Presépio de Natal.

Lapinha, em Pernambuco, é o arco que enfeita a Lapa, Gruta ou Presépio, onde se encontra a cena, geralmente estática, do nascimento do Menino Deus. É um arco de folhas de coqueiro trançadas, enfeitado de rosas de papel, encarnadas e azuis.

A queima da Lapinha é uma tradição que deve ser preservada.

Na matriz de Casa Forte tivemos outra queima, saindo a procissão das pastorinhas do Sítio da Trindade, às 23 horas, com a presença de outros Pastoris e da comunidade. Em Olinda tivemos quatro queimas, sendo muito concorrida a queima efetuada no adro da Igreja do Bonfim.

## **Referências Bibliográficas**

- CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore brasileiro**. Rio de Janeiro, Instituto de Educação e Cultura, 1962. 795 p.

- FALCÃO FILHO, Dr. **A jornada do Natal**, entrecho lírico - pastoril (s.n.t.) mimeografado.
- GOES, Maria de Lourdes Xavier de Andrade & LIMA, Ana Halleynita de Andrade. **Aspecto do folclore de Pernambuco**. Recife, Companhia Editora de Pernambuco - CEPE, 1975.
- LOBO, Fernando & BRANDÃO, Theo. **Folguedos natalinos; pastoril**. Maceió, Universidade Federal de Alagoas, 1975.
- LOUREIRO, Elza. **Do presépio ao pastoril**. SNT. Mimeografado. 1964.
- LOUREIRO, Elza. **Pastoris de Pernambuco**. Mimeografado. 1976. Monografia apresentada à UNICAP.
- VALENÇA, João & VALENÇA Raul. **Presépio**. Recife, 1963. Mimeografado. 28 p.
- VALENTE, Waldemar. **Pastoril**. Recife, Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais.

## CONGADO: UMA MANIFESTAÇÃO FOLCLÓRICO-DEVOCIONAL

Domingos Diniz  
Da Comissão Mineira de Folclore

Muitas eram as nações negras da África, no século XVI. Como em todos os povos da época, as nações negras tinham seu estado de poder, seus reis, rainhas e generais e capitães. Possuíam suas línguas, seus costumes, suas crenças, seus mitos. Cuidavam da terra. Havia até quem cuidasse da mineração, da fundição do ferro, do ouro e outros metais. Estes povos negros foram arrancados de suas terras e transportados como bichos, em navios negreiros, para terras distantes e totalmente adversas. Aqui chegando, perderam dignidade de seres humanos e se tornaram escravos, meros objetos nas mãos dos senhores portugueses. Arrancaram-lhe a terra, a liberdade, até a própria vida. Difícil foi tirarem-lhe a cultura.

Foi justamente apoiados nesta cultura que os negros conseguiram sobreviver, em terras do Brasil, a todas as formas de cativeiro. Cativeiro ainda existente neste final do 2º milênio da era cristã, mascarado de novas formas. Um dos mais fortes exemplos da cultura negra é o congado ou reinado de Nossa Senhora do Rosário. Essa devoção veio com os negros, pois na era pré-colombiana os frades dominicanos e franciscanos já haviam levado o rosário de Maria à África.

O congado se espalhou por todas as regiões do Brasil, cada qual com suas peculiaridades, suas variantes. Homogênea, contudo, na essência, na fé, no sagrado.

E Minas, o congado é uma das manifestações folclórico-devocionais de maior incidência. Seguindo-se as folias de Santos Reis. Há manifesta tendência entre os estudiosos do assunto e até congadeiros em não considerarem o congado como um fato folclórico. Os mais ortodoxos apóiam no fato de se tratar de uma manifestação sagrada. Outros, acham que o termo *folclore* está por demais gasto e de uso pejorativo. De fato há muitos equívocos quanto ao emprego do vocábulo. Primeiro, por ser a palavra híbrida - formada de palavras de duas línguas diferentes; segundo, os termos que lhe servem de apoio

- "cultura" e "povo" - também são de grande extensão e de menor compreensão. Ambos levam a equívocos.

Por ser sagrado o fato não deixa de ser folclórico e, por ser folclórico, não deixa de ser sagrado.

Heidegger nos diz que o sagrado é destino dos homens e dos deuses. É o que decide inicialmente acerca dos homens e dos deuses, sejam quem sejam, como sejam e quando sejam.

Apliquemos ao folguedo CONGADO ou REINADO às características básicas para que um fato seja folclórico, segundo o folclorista Aires da Mata Machado Filho.

1) SER POPULAR em oposição ao oficial ou comezinho. O congado é popular por essência. Um saber vulgar que não se aprende nas escolas, nas igrejas, na teologia. 2) DURADOURO e não efêmero. Basta dizer que no início dos anos 1.500 já se registrava o bailado de congo, em Recife. Em Minas, desde os albores do séc. XVIII. 3) TRADICIONAL e não transmitido pela escrita e outros meios habituais de comunicação. Transmite-se o congado oralmente de pessoa para pessoa, de geração para geração, ou por imitação. 4) COLETIVO, não individual. O congado ou reinado é, por natureza, coletivo, social. 5) ANÔNIMO e não de autor conhecido. O autor desta manifestação perdeu-se no tempo, caiu no domínio público e continua vivo até hoje. 6) FUNCIONAL, que tem destinação, serventia. O congado tem por serventia a união entre os de cor negra e por destinação a fé, a devoção do rosário de Maria, a São Benedito.

Como se vê, o congado é um fato folclórico, sem contudo abdicar de sua importância na cultura popular; sem perder a condição de sagrado.

Para o folclorista Saul Martins, em *Congado, família de sete irmãos*, a festa é de devoção, um ritual sagrado, embora o profano a ela se associe e se constitua em 4 partes: 1) REINADO - O estado da coroa; 2) EMBAIXADA - A parte dramática, a luta entre embaixadores. Mário de Andrade qualifica o congado como dança dramática; 3) AS GUARDAS - Candomblé, congo, moçambique, catupê (pé), caboclinhos, marinha, vilão e cavaleiros de São Jorge (esta em extinção); 4) TODOS OS FIGURANTES - A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário.

Observemos que no congado estão expressas as três fontes básicas da formação da cultura brasileira. Africana - candomblé, congo, moçambique e catupê. Portuguesa - vilão e Cavaleiros de S. Jorge. Indígena - os caboclinhos.

O congado em Oliveira, é uma festa de grande importância. A cidade toda participa. O povo - ricos e pobres, pretos e brancos - sai

para as ruas e praças. No rosto de cada um se estampa a alegria, o prazer de estar vivendo a fé ao Rosário de Maria.

Os ritmos contagiam e todo mundo balança e tresbalança o corpo, como os próprios congadeiros. Dá-se a festa no princípio de setembro. Os congadeiros e brincadores deixam de lado, por um instante, suas condições de oprimidos, de excluídos e se projetam como reis e rainhas, príncipes e princesas, generais e capitães, alferes e brincadores. O mais importante para eles: filhos devotos e amados de Nossa Senhora do Rosário.

Confundem-se e se confraternizam o sagrado, o profano, o lúdico. A ancestralidade de um povo que, cada vez, se torna mais viva, mais atuante.

Resistimos - cantam e gritam mais de mil vozes.

# NOTICIÁRIO CULTURAL DE SANTA CATARINA E DE OUTROS ESTADOS

## APRESENTAÇÃO

Santa Catarina é uma potência cultural. Nossa diversidade cultural encanta o Brasil e o mundo mas é preciso que ela floresça e frutifique ainda mais.

O lançamento do "**Projeto Cultura Viva**" é o marco decisivo para a implementação do Sistema Estadual de Cultura, uma prioridade definida em nosso Plano de Governo, com o objetivo básico de preservar, incentivar, valorizar e divulgar a cultura catarinense.

É na reavaliação do conceito de cultura que reside a ousadia deste programa moderno, objetivo e realista, que certamente inovará a ação do Estado em benefício de um desenvolvimento democrático, equilibrado e principalmente mais justo.

Nesse sentido, o "**Projeto Cultura Viva**" torna-se um dos mais abrangentes planos deste Governo, envolvendo todas as Secretarias de Estado e garantindo a ampla participação da sociedade civil, no estímulo à criatividade, ao pensamento, ao debate, à solidariedade, à liberdade de expressão e, enfim, à conscientização do processo cultural em que estamos inseridos.

Muito mais que um ousado plano a ser cumprido, estamos iniciando uma grande campanha cultural por uma Santa Catarina cada vez melhor para todos nós catarinenses, confiantes no futuro.

PAULO AFONSO EVANGELISTA VIEIRA  
Governador do Estado de Santa Catarina

*Agora os artistas catarinenses têm a oportunidade e recursos significativos para realizar suas produções.*

*O Projeto Cultura Viva está lançando editais de concorrência nas mais variadas formas de expressão cultural para a concessão de meios e prêmios, descobrindo, incentivando e valorizando nossos talentos.*

## **CONCURSO PARA USO DE ESPAÇOS DO CIC**

Para a ministração de oficinas de arte nas áreas de: artes plásticas ( pintura, gravura, litogravura, xilogravura, desenho, escultura, cerâmica, tecelagem manual, papel artesanal e fotografia); teatro, história da arte, música, cinema, vídeo, literatura e dança.

## **CONCURSO DE APOIO ÀS BANDAS MUSICAIS**

Auxílio financeiro - R\$ 50.000,00

Destinados à aquisição e reparação de instrumentos musicais, compra de uniformes, partituras, equipamentos de informática para a reprodução de arranjos de partituras para dez bandas.

## **CONCURSO DE APOIO AOS GRUPOS MUSICAIS**

Auxílio financeiro - R\$ 49.000,00

Destinados à gravação de Cds.: Cinco de música popular e dois de música erudita. No valor de sete mil cada um.

## **CONCURSO DE APOIO AOS CORAIS**

Auxílio financeiro - R\$ 30.000,00

Destinados à aquisição e compra de uniformes, partituras, equipamentos de informática e gravação, beneficiando ddez grupos.

## **CONCURSO DE APOIO AOS GRUPOS DE DANÇA**

*(clássica, jazz, moderna, contemporânea)*

Auxílio financeiro - R\$ 50.000,00

Destinados à renovação de equipamentos e montagem de espetáculos de dança para dez grupos.

## **CONCURSO DE APOIO AOS CIRCOS**

Auxílio financeiro - R\$ 30.000,00

Destinados à compra ou renovação de equipamentos e à introdução de novos números no seu espetáculo, para três grupos.

**CONCURSO DE APOIO AOS GRUPOS DE CULTURA POPULAR**  
(açorianas, afro-brasileiras, alemãs, austríacas, polonesas, italianas)

Auxílio financeiro - R\$ 50.000,00

Destinados à compra ou renovação de figurino e à introdução de novos números no repertório, para 15 grupos.

**CONCURSO DE APOIO AOS GRUPOS DE TEATRO**

Auxílio financeiro - R\$ 50.000,00

Destinados à compra ou renovação de equipamentos e montagem de espetáculo, para dez grupos.

**CONCURSO NACIONAL DE DRAMATURGIA ÁLVARO DE  
CARVALHO**

*(categorias adulto e infantil)*

Concessão de Prêmios - R\$ 16.000,00

Tendo como objetivos divulgar autores nacionais, revelar textos inéditos, aprimorar o gosto pela dramaturgia, incentivar novos autores e contribuir com o engrandecimento da dramaturgia nacional. Cinco mil para os primeiros colocados, categoria adulto e infantil e três mil para os segundos colocados.

**CONCURSO DE APOIO AO CINEMA E VÍDEO**

Auxílio financeiro - R\$ 80.000,00

Destinados à realização de filmes cinematográficos de curta metragem 35mm, de 30 mil. Dois projetos de telefilme com cópia em vídeo de dez mil para cada um.

**CONCURSO DE APOIO À FOTOGRAFIA**

Auxílio financeiro - R\$ 15.000,00

Destinados à execução e montagem de cinco exposições individuais de fotografia, de folders, catálogos e cartazes destinados à divulgação e documentação de exposições de fotografia.

**CONCURSO DE APOIO ÀS ARTES PLÁSTICAS**

Auxílio financeiro - R\$ 30.000,00

Destinados à execução e montagem de exposições de arte no

Estado, individuais de três mil ou coletivas de cinco mil, bem como a confecção de cartazes destinados à divulgação e documentação de exposições.

### **CONCURSO PERMANENTE DE BALLE**

Objetivo - Criação do corpo de Ballet do Estado de Santa Catarina.

Local - Espaço do CIC.

**FLORIANÓPOLIS - SC**

## **CULTURA LOCAL RECEBE UMA DOSE EXTRA DE INCENTIVOS**

### **FOTOGRAFIA**

*Projeto irá distribuir um total de R\$ 500 mil entre os três concursos a serem realizados*

O governo do estado lançou ontem à tarde, em Florianópolis, o projeto Cultura Viva, cujo alicerce são 10 editais e três concursos nacionais, que distribui um total de R\$ 500 mil. Hoje os editais estarão disponíveis na sede da Fundação Catarinense de Cultura (FCC), em prefeituras e publicados no Diário Oficial do Estado. O Cultura Viva reedita o Concurso de Apoio aos Circos, esquecido há 12 anos, e cria o de Apoio à Fotografia. A Secretaria de Cultura e Comunicação (Seccom) quer que o projeto estabeleça um marco na democratização do setor.

As comparações com antigos governos são inevitáveis. "No governo Kleinübing, os editais somaram R\$ 9.660,00. Os grupos de teatro receberam R\$ 600,00", chamou a atenção do secretário de Cultura e Comunicação, Paulo Arenhardt, eufórico com a efervescência oriunda do projeto, cujo desenvolvimento está em suas mãos. Ele conta com o seu fôlego e de toda a equipe da FCC para não deixar que a ebulição perca a temperatura.

O concurso de fotografia premiará cinco propostas de exposições individuais no estado, confecção de catálogos, folders e cartazes para divulgação e documentação das mostras com R\$ 3 mil cada uma. A categoria de cinema e vídeo, para a realização de dois curtas-metragens em 35 mm, e dois vídeos receberão, respectivamente R\$ 30 mil e R\$ 10 mil. O concurso vale para produções inéditas e ainda no papel. O tema será "Histórias Catarinenses". O teatro vai ganhar R\$ 50 mil - a serem distribuídos entre 10 grupos. Todos os circos que estejam em atividade em Santa Catarina podem concorrer à verba de R\$ 30 mil, que será repartida entre três beneficiados. A identificação das canções com a cultura catarinense será um dos critérios a contar no julgamento das propostas do Concurso de Apoio a Grupos Musicais. Cinco beneficiados na categoria de música popular e dois na erudita vão dividir a verba de

R\$ 49 mil, recurso destinado à gravação de um CD. As bandas musicais também terão apoio - R\$ 50 mil será dividido entre 10 vencedores. E a ser destinada à execução e montagem de exposições de arte, individuais ou coletivas em Santa Catarina, confecção de catálogos, folders ou cartazes para a divulgação da mostra, R\$ 30 mil - divididos entre cinco artistas que apresentarem projeto individual ( R\$ 3 mil para cada um ) e três grupos de artistas ( R\$ 5 mil cada ). Ainda serão contemplados as categorias dança ( R\$ 50 mil para 10 grupos ), dança popular ( R\$ 45 mil para 15 grupos ) e corais ( R\$ 30 mil para 10 grupos).

Os concursos nacionais são o 2º Salão Victor Meirelles e Prêmio Cruz e Sousa de Literatura - a serem lançados no final deste mês - e o de Dramaturgia "Álvaro de Carvalho", que terá inscrições abertas até o dia 22 de setembro.

### **GRUPO FOLCLÓRICO É OFICIALIZADO**

O município de Águas Mornas, instituiu oficialmente o seu primeiro Grupo Folclórico Germânico, que se apresentou na IV Festa da Hortaliça, realizada no início do mês. O grupo que foi fundado e é mantido pela Prefeitura Municipal, através do Conselho Municipal de Cultura, foi montado com o objetivo de difundir e dinamizar, através da dança, a cultura germânica. A instituição do grupo de danças, faz parte do projeto de resgate da cultura alemã, que colonizou a região.

"A constituição do Grupo Folclórico Germânico de Águas Mornas é o resultado do esforço de muitos em prol da cultura, da arte e da difusão do folclore, em nível municipal e regional", disse o assessor cultural, Toni Vidal Jochem. Oito casais ensaiaram durante um ano e dois meses, em curso oferecido pela prefeitura, a partir de 23 de abril do ano passado.

O Grupo Folclórico deverá se apresentar em festas, bailes, encontros culturais, festivais, de toda a região. Os trajes foram confeccionados de acordo com o figurino folclórico do estado de Hunsrück, na Alemanha, local de onde veio a maioria dos imigrantes que se estabeleceram na sesquicentenária Colônia de Santa Isabel.

# **CONGRESSO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA DE SANTA CATARINA**

**04 a 07 de setembro de 1996**

## **REGULAMENTO**

1. O Congresso será realizado na cidade de Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina.

2. A língua oficial do Congresso será a portuguesa.

3. As inscrições estarão abertas a especialistas em História e Geografia, nacionais e estrangeiros.

Parágrafo único - Os sócios do IHGSC são membros natos do Congresso.

4. As contribuições versarão exclusivamente sobre História e Geografia de Santa Catarina, dentro do temário seguinte:

4.1. História de Santa Catarina:

História Social;  
História Política;  
História Econômica;  
História Cultural.

4.2. Geografia de Santa Catarina:

Estruturação do Espaço e Regionalização;  
Industrialização e Urbanização;  
Migrações Internas;  
Representação Cartográfica: As novas técnicas.

5. O Congresso se desenvolverá através de conferências, painéis, mesas redondas, comunicações e demais meios que se fizerem necessários.

6. As comunicações deverão ser enviadas, em resumo de uma ( 1 ) lauda, até 01/03/1996, ao IHGSC, em Florianópolis, SC, Caixa Postal D-1582, e, na íntegra, até a data máxima de 01/07/1996, não podendo exceder 10 laudas (de 30 linhas) datilografadas com espaço 2 (dois).

§ 1º - Cada trabalho será submetido à apreciação da Comissão Organizadora do Congresso, que comunicará ao autor, dia e hora da apresentação.

§ 2º - A apresentação de cada trabalho não poderá ultrapassar o tempo de 15 (quinze) minutos.

7. O preço da inscrição será de US\$ 50,00 por pessoa.

8. Os congressistas terão direito a participar das atividades culturais e sociais do programa oficial.

9. As passagens e traslados, bem como refeições e alojamentos, serão de responsabilidade de cada congressista. A comissão organizadora indicará hotéis de diversas categorias.

10. As inscrições dos congressistas que desejarem apresentar comunicações se encerrarão a 01/03/96 e as dos demais participantes, a 01/08/1996.

11. A Organização do Congresso promoverá a publicação dos anais com os textos dos trabalhos, na língua original, bem como as conclusões finais.

Toda correspondência deverá ser enviada para:

CONGRESSO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA DE SANTA CATARINA  
a/c Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina  
Palácio Cruz e Sousa  
Caixa Postal D-1582  
88010-970 - Florianópolis, SC - Brasil  
Tel.: (048) 221- 3502

## PÉRICLES PRADE ABRE SUA JAULA AMOROSA À NOITE

*Poeta lança hoje seu sétimo livro de poemas: uma viagem para além do cotidiano insípido*

Carlos Damião

---

### **Resistência**

*Cactus não engulo*

*nem pregos*

*pedras ou agulhas*

*Só não resisto*

*ao escorpião: seu coração*

*de vidro moído*

*As pontas de ferro*

*O êxtase*

*O trespasseamento*

---

Péricles Prade apresenta ao público catarinense, hoje, às 20h 30 min, no Museu Histórico de Santa Catarina (Palácio Cruz e Sousa) mais uma antologia de poemas - a sétima -, intitulada "Jaula Amorosa".

O poeta volta à praça para reafirmar, em múltiplos tons, a paixão pela palavra e pelas imagens, num livro enxuto e belíssimo, revelando a intensidade de um trabalho voltado para a construção poética com traços inegavelmente surrealistas e, sobretudo, originais.

O leitor habituado à poesia tradicional por certo se surpreenderá com a elegância fantástica (no sentido estético) de Péricles Prade. Mas não deixará de se envolver com o universo mítico, com a transcendência das imagens e com o rigor técnico (e emocional) das palavras.

Mas o leitor tradicional não encontrará, como bem assinala Carlos Felipe Moisés, no posfácio, um poeta confessional preso na jaula amorosa. Prade inverte a perspectiva da poesia fácil e busca o caminho

mais inventivo, mais criativo e original - naquele ponto, inexato, em que poesia e artes plásticas se tocam.

Diz Moisés: "Ao longo de sua trajetória poética, que se estende já por mais de um quarto de século, Péricles Prade parece seguir a risca o 'Conselho' de Fernando Pessoa: Cerca de grandes muros quem te sonhas". Não que se trate de uma poesia obsessivamente confessional, introspectiva, torturada pela busca ansiosa da auto-identidade, como a pessoana. Ao contrário, em relação a si mesmo nosso poeta no geral não hesita nem questiona, preferindo abster-se, mas isso paradoxalmente acaba resultando na afirmação categórica da própria identidade. Quando se avizinha desse território predileto do lirismo, que é a subjetividade, sua atitude é a do disfarce, expresso numa incessante proliferação de imagens de sabor surrealista, que cumprem a função, não de explicar, mas de mostrar o Eu, em sua ebulição onírica, pré-conceptual. Ao contrário de Pessoa, que busca ordenar o caos interior pela auto-indagação explanatória, Prade se esforça em registrar ou simular esse caos, naquele estágio anterior à sua assimilação pela consciência".

Uma leitura atenta e, por certo, apaixonada, há de revelar, para quem se aventure a conhecer "Jaula Amorosa", um denso painel cultural: Prade lida com o estilo oriental (o haikai) com extrema maestria, ao mesmo tempo em que confirma intimidade com a cultura grega - e todos os seus mitos -, abrindo asas para o transbordamento de emoções e seduções.

São versos que com certeza arranham a concepção do tradicional, transgridem, para além da imaginação, pela beleza da construção e pelo trajeto da palavra. Um trajeto de extraordinária elaboração e sensibilidade.

Com Prade, o leitor viaja para muito além do cotidiano insípido.

**O autor** - Péricles Prade é catarinense de Timbó (no então distrito de Rio dos Cedros, quando esse ainda pertencia àquele Município). É poeta, contista, professor universitário, crítico literário e de artes plásticas, ensaísta e membro de expressivas entidades internacionais, nacionais e estaduais.

Autor de dezenas de obras no campo da Literatura, da História, da Filosofia e do Direito. Foi secretário do Estado, da Justiça e Cidadania no primeiro semestre deste ano.

Jornal O ESTADO: 22/08/95

## Noticiário

### Florianópolis - SC

O Presidente da ASSOCIAÇÃO CATARINENSE DE IMPRENSA - CASA DO JORNALISTA, Cyro Barreto, o Presidente da ASSOCIAÇÃO DOS JORNALISTAS DE TURISMO DE SANTA CATARINA, Manoel Timóteo de Oliveira, o Presidente da ASSOCIAÇÃO CATARINENSE DE PROPAGANDA, Celso Cover, os Grãos-Mestres do GRANDE ORIENTE DE SANTA CATARINA, GRANDE ORIENTE DO ESTADO DE SANTA CATARINA E GRANDE LOJA DE SANTA CATARINA, respectivamente nas pessoas de José Carlos Pacheco, João José Amorin e José da Cruz Medeiros, têm a honra de convidar Vossa Excelência para as solenidades comemorativas ao 164º aniversário da fundação da Imprensa e da Maçonaria Catarinenses, que serão realizadas no próximo dia 28.

*"... e onde existir claridade, haverá horizonte".*

*Jerônimo Coelho*

### Julho, 28

10 h

Culto Ecumênico celebrado pelo Padre Pedro Koeller e Reverendo Wilian Schisler Filho na Praça 15 de novembro, em Florianópolis - Santa Catarina.

Colocação de flores junto ao busto de Jerônimo Coelho.

Saudação da Maçonaria.

Retreta da Banda do 63º BI

18 h 30 min

Solenidade na sede da ACI à rua Victor Meirelles nº 55, 2º andar.

Abertura pelo Presidente da ACI.

Homenagem da Câmara Municipal a ACI, com a entrega de miniatura da Ponte Hercílio Luz, pelo Vereador D.J. Machado.

Palestra do Jornalista Florentino Caminatti Jr. "Retrospectiva da Imprensa Brasileira - 50 anos".

Entrega do Título de Sócio Honorário ao Governador Paulo Afonso Evangelista Vieira.

Destaque Político: Deputado Pedro Bittencourt.

Destaque Empresarial: Osvaldo Moreira Douat.

Destaque Comunitário: RBS - rede Brasil Sul.

Destaque Literário e Cultural: Jornalista Doralécio Soares.

Destaque Jornalístico: Jornalista Carlos Fehlberg

Destaque Institucional: Jornalista Osmar Schlindwein.  
Destaque Público: Conselheiro Armando Calil Bulos.  
Homenagem da ABRAJET - SC, ao jornalista Nagel Mello.  
Coquetel de Confraternização.  
Participações especiais: Banda do 63º BI e Coral Magnificat Vocale.

### MENSAGEM

“O homem que sabe servir-se da pena, que pode publicar o que escreve e que não diz a seus compatriotas o que entende ser a verdade, deixa de cumprir um dever, comete o crime de covardia e é um mau cidadão”.

Júlio Ribeiro

### FLORIANÓPOLIS - SC

# 75 ANOS

FUNDADA EM 30 / 10 / 1920

Após a solenidade de inauguração das novas dependências da ACADEMIA CATARINENSE DE LETRAS pelo Excelentíssimo Senhor Paulo Afonso Vieira, eminente Governador do Estado, com a bênção de Sua Excelência Reverendíssima, o Arcebispo Dom Eusébio Oscar Scheid, SCJ, será realizada a sessão de posse do professor JALI MEIRINHO, na Cadeira nº 30.

---

A Academia Catarinense de Letras sentir-se-á honrada com a presença de V. Exa. e Exma. Família à posse do historiador

Jali Meirinho

na Cadeira nº 30, cujo Patrono é

Manoel Joaquim de Almeida Coelho, e

que teve como último ocupante o acadêmico

Jaldir Bhering Faustino da Silva.

Saudará o novo Acadêmico o confrade

Carlos Humberto Pederneiraas Corrêa.

Pascoal Apóstolo Pítsica

Presidente

Paschoal Apóstolo Pítsica faz as honras da casa para o novíssimo imortal Jali Meirinho durante a inauguração da nova sede da Academia Catarinense de Letras - O ESTADO - Coluna Social: Urbano

## FLORIANÓPOLIS - SC

### ACL completa 75 anos e ganha nova sede

Foi inaugurada ontem a nova sede da ACL (Academia Catarinense de Letras) em Florianópolis. É uma nova área dentro do Centro Integrado de Cultura pelo menos cinco vezes maior do que a que ocupava anteriormente no próprio CIC. A ACL, que está completando 75 anos de fundação, também recebeu R\$ 15 mil do governo do estado.

A nova sede tem 500 metros quadrados, onde estão distribuídos uma sala de reuniões, um arquivo contendo informações sobre todos os antigos e atuais acadêmicos, um pequeno museu, que abriga as condecorações, uma biblioteca com sete mil volumes e um auditório de 150 lugares. Segundo o presidente da ACL, Paschoal Apóstolo Pítsica, "estamos realizando um antigo sonho de ter dependência condignas para funcionar. Mais do que a área física, a nova sede significa que estamos sendo tratados com respeito pelo governo".

**História** - A ACL foi fundada em 1920 pelo advogado e escritor José Boiteux. São 40 cadeiras, por onde já passaram alguns dos maiores nomes da literatura catarinense. Não apenas escritores, mas historiadores, ensaístas e críticos. Todo membro é escolhido pelo voto direto dos outros integrantes. Podem concorrer aqueles que preencham algumas condições, como ser brasileiro, ter expressão no meio cultural,

livros publicados e tradição em Santa Catarina.



Paschoal Apóstolo Pítsica faz as honras da casa para o novíssimo imortal Jali Meirinho durante a inauguração da nova sede da Academia Catarinense de Letras - O Estado - coluna social URBANO

Os candidatos serão selecionados através de edital publicado depois da morte de um dos acadêmicos.

As reuniões culturais na academia acontecem uma vez por mês, sempre às quintas-feiras.

## **FLORIANÓPOLIS - SC**

A FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA, ATRAVÉS DO  
**MUSEU DE ARTE DE SANTA CATARINA**  
CONVIDA PARA A ABERTURA DAS EXPOSIÇÕES:

SALA ESPECIAL HARRY LAUS:  
**WILLY ZUMBLICK (SC) - PINTURAS**

ESPAÇOS EDUARDO DIAS, MARTINHO DE HARO E VICTOR MEIRELLES:  
"SUITE VOLLARD, PICASSO - UMA INTERPRETAÇÃO PARANAENSE".  
DESIGN - AIDA BOAL ( RJ )  
COMODATO BESC / MASC - ACERVO

## **FLORIANÓPOLIS - SC**

---

PORTO DO CAIS, têm o prazer de convidar Vossa Senhoria para o coquetel de lançamento do fascículo C. RONALD - FCC - EDIÇÕES, Série Hoje e, do mesmo autor, o livro de poemas CUIDADOS DO ACASO - JOÃO SCORTECCI EDITORA - SP.

Data: 18 de outubro de 1995

Local: Bar e restaurante PORTO CAIS, Ponta do Sambaqui - Fpolis.

---

## **FLORIANÓPOLIS - SC**

### **OESIA & ARTE**

Happening cultural. Melhor expressão para classificar o duplo evento promovido, noite de quarta-feira, no Espaço Cultural Fernando Beck, do Badesc: inauguração da mostra de gravuras em metal de Guido Heuer e lançamento do livro "Alquimia da Paixão", com que o

jornalista Carlos Damião marcou seus 20 anos de militância poética, editado pela Terceiro Milênio. De parabéns o presidente do banco, Ivo Vanderlinde, e Neusa Barbi, organizadora da promoção.

\* \* \*

No entra-e-sai da noitada, o conselheiro Salomão Ribas Júnior, o prefeito Sérgio Grando, Ricardo e Carmem Quirino, Ênio Branco, José Bessa, vereador Ricardo Baratieri, o secretário de Cultura e Comunicação, Paulo Arenhart, e o adjunto Roger Bittencourt, Valquíria Rafael, presidente da Fundação Catarinense de Cultura, Salim Miguel, Neide Archanjo, o presidente da Academia Catarinense de Letras, Paschoal Apóstolo Pítsica, Doralécio Soares, o poeta Lindolf Bell, Arthur Monteiro, Renato Endres, Juarez e Ilse Losso, Marcelo Petrelli, José Carlos Bressane, Chandal Meirelles Nasser, Angelita Corrêa, Fernanda Paim Neves, Fátima Roth, Mariza Ramos, Ciro Barreto, Gilberto Nahas, Eloy Peixoto, João Alves Cruz, Dircéa Binder, Marcelo e Mônica Passamais, entre muita gente mais.



No espaço cultural do Badesc, o bate-papo animado dos professores Sílvio Coelho dos Santos, paulo Fernando Lago e a vereadora Zuleika Lenzi. O ESTADO - 07 / 07 / 95.

## **SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA - SC**

### **LIVRO REVELA FATOS SOBRE COLONIZAÇÃO ALEMÃ EM SC**

*AUTOR AFIRMA QUE A META É PRESTAR UMA HOMENAGEM AOS ANTEPASSADOS, ALÉM DE ENSINAR OS JOVENS*

“Não me considero historiador, nem mesmo escritor, apenas um pesquisador, que resolveu juntar dados para homenagear os antepassados que, com seus exemplos frutíferos podem transmitir uma mensagem para futuras gerações”. A frase é de Aderbal João Philippi, empresário e bacharel em Direito, autor do livro *São Pedro de Alcântara - A Primeira Colônia Alemã em Santa Catarina*. “O primeiro de uma série”, segundo o próprio autor, que garante ter material para, no mínimo, mais três títulos. Hoje será realizada a noite de autógrafos no espaço cultural da Caixa Econômica Federal, no Kobrassol - São José, a partir das 19 horas.

Tudo começou, quando há cerca de 10 anos, Philippi decidiu montar a árvore genealógica da sua família.

Cada fato novo era cuidadosamente registrado e guardado. “Sempre fui muito curioso, desde menino gostava de conversar com minha avó sobre acontecimentos importantes da nossa família”, diz. Passou a entrevistar pessoas idosas, pesquisar em arquivos de cartórios e igrejas. “Os dados eram bastante esparsos e falhos, forçaram-me a pesquisar em diversas fontes. Foi quando constatei que a maioria dos meus ascendentes fazia parte do grupo que fundou a Colônia São Pedro de Alcântara”, conta Philippi.

“A parte de história, consegui através do livro do Jacinto Antônio de Matos - *A Colônia do Estado de Santa Catarina*, editado em 1917. As pesquisas genealógicas, através da tradição oral (lembança dos familiares), que era pouca e em geral, distorcida. Eu tinha que achar o ponto de equilíbrio”, recorda. O autor se empenhou ainda em resgatar a parte dos registros paroquiais de casamentos e batizados, ocorridos entre 1869 e 1925, que foi destruída, com o passar do tempo.

O livro apresenta três partes distintas: Subsídios para a História de São Pedro de Alcântara, Documentário e Genealogia. “Escrevi esta

obra sem nenhum compromisso acadêmico. Meu compromisso era comigo mesmo, de apresentar fatos verdadeiros”, assegura. “Deixo material para historiadores, romancistas e cineastas, que poderão trabalhar em cima desta pesquisa”, complementa o “escritor diletante”, como ele se define. Apesar desse desprendimento, o autor matriculou-se como ouvinte, em duas cadeiras do curso de mestrado - História Oral e Demografia (Histórica). Também estudou três semestres de alemão, para não correr o risco de escrever nomes e sobrenomes errados. Mesmo dizendo-se cansado com os lançamentos e noites de autógrafos, Aderbal Philippi admite que gostou da experiência e adianta que já tem tema definido para os próximos trabalhos: Colônia Santa Isabel, Colônia de Teresópolis (onde nasceu) e Alemães na Ilha de Santa Catarina no Século XIX. O livro atual, pode ser adquirido na Livraria do Arcebispo, Rua Esteves Júnior, capital.

O ESTADO: 04 / 06 / 95.

## **FLORIANÓPOLIS- SC**

EDY LEOPOLDO TREMEL

### **APRENDENDO A VIVER**

**Academia Catarinense de Letras**

## **CONVITE**

Sarau lítero-musical  
comemorativo dos 75 anos de fundação da A.C.L.  
e lançamento do livro **“Aprendendo a Viver”**,  
do Acadêmico **Edy Leopoldo Tremel**.

Data: 30 de outubro de 1995 (segunda-feira)  
Local: sede da ACL - Centro Integrado de Cultura / CIC  
Av. Irineu Bornhausen, 5600 - Florianópolis - SC

## PROGRAMA

.Sarau LÍtero-Musical

**Edy Leopoldo Tremel** (barítono) "La Mia Canzone al Vento", de Bixio  
**Neuza Abreu** (soprano) "Ó Doce Mistério da Vida", de Victor Herbert  
**Sylvia Amélia Carneiro da Cunha** (poetisa): "Florianópolis" e "Poema do Tempo"

**Enos Rinaldi** (baixo) "Canção da Pulga", de Moussorgski

**Lilian Teixeira** (soprano) "Valsa da Musetta", da Ópera La Boheme, de Puccini

**Arthur Pereira e Oliveira** (poeta) "Mar" e "Vem"

**Diva Alves** (soprano) "Quem sabe", de Carlos Gomes

**Dorival Pansani** (tenor) "Caro mio Ben", de Giordani

**Leatrice Moelmann Pagani** (poetisa) "Florianópolis Eu Te Amo" e "Fogacho"

**Jairo Braz** (baixo) "La Callunia" da Ópera "Il Barbieri di Siviglia", de Rossini

**Clovis Faggion** (piano)

. Lançamento do livro "**Aprendendo a Viver**"

### BLUMENAU - SC

UNIVERSIDADE REGIONAL DE BLUMENAU  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO  
DIVISÃO DE PROMOÇÕES CULTURAIS  
EDITORA DA FURB  
INSTITUTO DE PESQUISAS SOCIAIS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Convidam V.Sa. para a Noite de Autógrafos dos livros:

MERCADOS X PRODUTOS  
NEGOCIAÇÕES INTERNACIONAIS  
**Dalton Daemon**

O OUTRO LADO DA HISTÓRIA: O PAPEL DA MULHER  
NO VALE DO ITAJAÍ (1850 - 1950)

**Maria Luíza Renaux**

A FISCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO PELOS VEREADORES:  
MANUAL DE ORIENTAÇÃO

**Raulino Jacó Brüning**

INDÚSTRIA E URBANIZAÇÃO NO NORDESTE  
DE SANTA CATARINA

**Vilmar Vidor**

Dia: 09 de novembro de 1995

**FLORIANÓPOLIS - SC**

### **CONVITE**

O INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO  
DE SANTA CATARINA tem o prazer e a honra de convidar

V. Exa. para a sessão solene de comemoração  
do centenário de nascimento

do seu Sócio LUIZ OSVALDO FERREIRA DE MELO  
(Jorn. OSVALDO MELO),

e após a mesma terá lugar a sessão de autógrafos da Consócia  
ROSELYS

VELLOZO KODERJAN com o seu livro

**"Os Curitibanos e a Formação de Comunidades Campeiras  
no Brasil Meridional (Séculos XVI - XIX)".**

Será orador oficial da solenidade

o confrade Dr. PÉRICLES LUIZ DE MEDEIROS PRADE.

Florianópolis, maio de 1993.

Walter F. Piazza

Presidente

Local: Auditório do Palácio Cruz e Sousa.

Data: 25 de junho de 1993.

Convite  
Centenário de nascimento do  
Jom. Luiz Osvaldo Ferreira de Melo  
N. Desterro (Florianópolis) 21.06.1893  
F. Florianópolis, 25-07-1970



#### PROGRAMA - CONVITE



**O INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SANTA CATARINA**  
e a **ACADEMIA CATARINENSE DE LETRAS**  
têm o prazer de convidar V. Exa. para a sessão que fará realizar em

comemoração do centenário de nascimento do Prof. CUSTÓDIO F. DE CAMPOS e de solene encerramento do Ano Acadêmico de 1995.

LOCAL: Auditório do Palácio Cruz e Sousa

DIA: 22 de novembro de 1995

## **PROGRAMA**

### **1ª Parte:**

#### **Abertura**

CUSTÓDIO FRANCISCO DE CAMPOS: o homem e a obra, por WALTER F. PIAZZA, em nome do IHGSC e da ACL.

Palavras de agradecimento, em nome da família, pelo Dr. NUNO DE CAMPOS.

### **2ª Parte:**

Saudação aos novos sócios pelo Orador do IHGSC, Acadêmico CARLOS ALBERTO SILVEIRA LENZI.

Entrega dos Diplomas.

Agradecimento em nome dos Sócios Admitidos.

Lançamento do livro "DITOS E FEITOS", de autoria do Prof. Custódio F. de Campos.

## **SÓCIOS ADMITIDOS**

### **HONORÁRIOS**

FRANCISCO ERNESTO DE OLIVEIRA MARTINS (AÇORES)

## **EMÉRITOS**

ALCIDES ABREU  
ALMIRO CALDEIRA DE ANDRADA  
ANTÔNIO ADOLFO DE LISBOA  
CELESTINO SACHET  
MARCÍLIO JOÃO DA SILVA MEDEIROS  
ROBERTO MUNDEL DE LACERDA

## **EFETIVOS**

ALESSIO BERRI  
ALTAIR WAGNER  
CESAR LUIS PASOLD  
DAVID VIEIRA DA ROSA FERNANDES  
ELIANE VERAS DA VEIGA PACHECO  
ELIZABETH FARIAS DA SILVA  
LILIAN MENDONÇA SIMON  
MARIA MARGARETE SELL DA MATA  
NILCE TEREZINHA MASSIGNAN SALVADOR  
WALDIR JOSÉ WANDALL

## **CORRESPONDENTES**

JOSÉ SEBASTIÃO WITTER (São Paulo)  
WASHINGTON BAPTISTA MIRALLES (Uruguai)

**ACADEMIA CATARINENSE DE LETRAS**  
**Recordando - Nereu Corrêa**

CADEIRA Nº 40

PATRONO:

**VIRGÍLIO VÁRZEA**

Nascimento: 06. 01. 1863

Falecimento: 29. 12. 1941

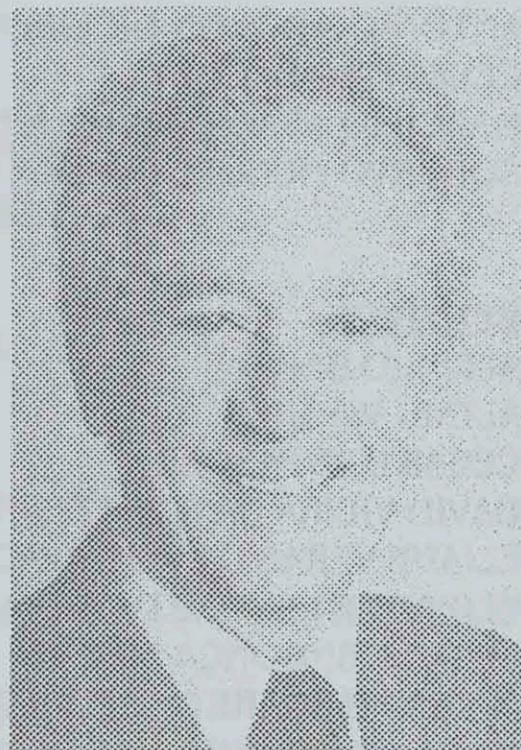
1º OCUPANTE:

**NEREU CORRÊA**

Nascimento: 18. 07. 1914

Posse na ACL: 21. 08. 1960

Falecimento: 25. 12. 1992



A **Sessão de Saudade** em que a Academia-Catarinense de Letras reverenciará a memória do acadêmico Nereu Corrêa, será realizada no dia 8 de julho de 1993 (quinta-feira), às 18:00h, no auditório da instituição, no Centro Integrado de Cultura Professor Henrique da Silva Fontes (Agrônômica).

Paschoal Apóstolo Pítsica  
Presidente da ACL

**Nereu Corrêa** de Souza nasceu em Tubarão. Escritor de primoroso estilo, concorreu para projetar, mais ainda, as atividades culturais do Estado de Santa Catarina.

Mestre e pensador, erudito e profundo, foi um dos melhores e mais conceituados ensaístas do Brasil, quando semanalmente colaborava, com seus estudos e pesquisas, nos suplementos literários do Estado de São Paulo, do Correio do Povo, de Porto Alegre e em outros, de vários Estados.

Chegou, por isso, a ter seu nome cogitado para a Academia Brasileira de Letras. Essa sua condição de escritor de renome nacional fez com que se articulasse a sua candidatura, que só não prosperou devido à enfermidade que o afastou das lides literárias.

Escreveu **TEMAS DE NOSSO TEMPO**, em 1953; **DEMOCRACIA, EDUCAÇÃO E LIBERDADE**, em 1964; **O CANTO DO CISNE NEGRO E OUTROS CANTOS**, em 1964; **CASSIANO RICARDO - O PENSADOR E O POETA**, em 1970; **A PALAVRA**, em 1972; **PAULO SETUBAL EM SC**, em 1978; **A TAPEÇARIA LINGÜÍSTICA DE OS SERTÕES**, em 1978; **POEMAS ESCOLHIDOS DE LUÍS DELFINO**, em 1982; **PERFIS E RETRATOS EM VÁRIOS TONS**, em 1986; **NO TEMPO DA CALÇA CURTA**, em 1988 e **VITRAIS DO TEMPO**, em 1989.

Na presidência da Academia Catarinense de Letras levou avante o seu projeto de reerguê-la, dinamizá-la e projetá-la como instituição cultural das mais expressivas do Estado de Santa Catarina.

**ITAJAÍ - SC**

## II ENCONTRO CATARINENSE DE PRIMEIRAS PRENDAS I ENCONTRO CATARINENSE DE PEÕES BARRIGAS -VERDES



18 E 19 DE NOVEMBRO DE 1995

### PROMOÇÃO

PREFEITURA MUNICIPAL DE ITAJAÍ

### PROGRAMAÇÃO

---

DIA 18/ 11/ 95 - SÁBADO

---

**08:00 h** - Recepção e credenciamento

**11:00 h** - Abertura Oficial

**12:00 h** - Almoço

**13:30 h** - Apresentação dos trabalhos pelas 1<sup>as</sup> Prendas Regionais e Peões Barrigas -Verdes.

**15:00 h** - Palestra: Raízes da América.

Palestrante: Homero Franco

**16:00 h** - Café

**17:00 h** - Palestra: Relações Interpessoais - Tradição e Indumentária

Palestrantes: Osmar Lopes de Souza e Eudes Maria Pereira da Silva

**19:30 h** - Jantar

**21:00 h** - Tertúlia - Apresentação Artística do Município de Itajaí

---

**DIA 19/ 11/ 95 - DOMINGO**

---

**08:00 h** - Café

**09:00 h** - Palestra: Folclore em Santa Catarina

Palestrante: **Doralécio Soares**

**10:00 h** - Continuação dos Trabalhos das 1<sup>as</sup> Prendas

**11:00 h** - Palestra: Contestado

Palestrante: Nilson Tomé

**12:00 h** - Almoço

**13:30 h** - Apresentação Artística

**14:30 h** - Confraternização e Encerramento

## **CONVITE**

A Diretoria, a Coordenadoria Artística, as Primeiras Prendas e o Peão Barrigas-Verdes do MTG-SC, têm a honra de convidar as Primeiras Prendas e os Peões Barriga s-Verdes Regionais e de CTGs para participarem do evento em epígrafe, a realizar-se nos dias 18 e 19 de novembro de 1995, no Colégio Estadual Deputado Nilton Kukcer, em Itajaí (8<sup>a</sup> R.T.), conforme programa. Pelo comparecimento de todos, desde já agradece.

**A COMISSÃO**

## **MENSAGEM**

Viver é ser jovem!

A vida não é ficar esperando os dias passarem, em ordem cronológica, isso não é viver.

Viver é traçar objetivos que incentivem a vontade de ter vida, aproveitando cada momento, vivendo intensamente como se fosse o último dia de nossas vidas.

Viver é manter-se jovem. A juventude não é um período da vida, ela é um estado de espírito, um efeito da vontade, uma qualidade da imaginação, uma intensidade emotiva, uma vitória da coragem sobre a timidez, do gosto da aventura sobre o amor ao comodismo.

Não se envelhece por haver vivido um certo número de anos, fica-se velho quando se abandona seu ideal. Os anos enrugam a face, a renúncia ao ideal enrugam a alma. As preocupações, as dúvidas, os temores, os desesperos são inimigos que lentamente nos inclinam para a terra e nos tornam pó antes da morte.

Jovem é aquele que se admira, que se maravilha e pergunta, como criança insaciável: "E Depois?".

Jovem é aquele que desafia os acontecimentos, encontra a alegria no jogo da vida.

És tão jovem quanto a tua fé. Tão velho quanto à esperança. Tão velho quanto o teu desânimo, teu abatimento.

Serás tão jovem enquanto te conservares receptivo ao que é belo, bom e grandioso, sensível da mensagem da natureza, do homem e do infinito. Lembre-se "Navegar é preciso, viver não é preciso".

**Sindia de Almeida Rech.**  
**Primeira Prenda do MTG-SC 94/ 95**

## **DIRETORIA DO MTG - SC**

### **DIRETORIA EXECUTIVA**

FERNANDO REUSING - Presidente

GASTÃO MAGALHÕES MACIEL - 1º Vice Presidente

ANTÔNIO ERALDO S. VIEIRA - 2º Vice Presidente

JULIO TADEU ALVES DE LIMA - 3º Vice Presidente

MANOEL COSTA MARTINS - Secretário Geral

GUIDO WIGGERS - 2º Secretário

LUIZ CARLOS RÉGIS - Tesoureiro Geral

EROTIDES MUNIZ DOS SANTOS - Presidente de Honra

SERGIO VOLPI - Diretor Adjunto da Presidencia

Dr. MURAD MUSSI SOBRINHO - Consultor Jurídico

JONI R. DINA ROWSCKI - Coordenador G. Cêampeira e coordenadores

ALCIR R. ROGÉRIO DO AMARAL - Coordenador G. Artística e Posteiros

ITAMAR S. MATTOS - Presidente Conselho Deliberativo e Conselheiros

MARCIO C. COSTA - Diretor Depto Cultural e Componentes

ENI MARIA RANZAN - Diretora Depto Imprensa e Componentes

## **ORGANIZAÇÃO**

SINDIA DE ALMEIDA RECH - 1ª Prenda do MTG - SC 94/ 95

MARINA SEBEM CAMARGO - 1ª Prenda Juvenil do MTG - SC 94/ 95

SCHAIANE SANTOS MARCON - 1ª Prenda Mirim do MTG - SC 94/ 95

SILVIO C. LOPETEGUI - Peão Barriga - Verde do MTG - SC 94/ 95

ALCIR ROGERIO DO AMARAL - Coordenador Artístico do MTG - SC 94/ 95

ELIANE FURTADO - Posteira da 8ª Região Tradicionalista

GRUPO ARTÍSTICO AMIGOS DA TRADIÇÃO

CTG INDEPENDENTES DA QUERÊNCIA

CTG BARRIGA-VERDE

CTG RANCHO NOVO

## **CARTA A DORALÉCIO SOARES**

Caro Doralécio Soares:

Mercê do zelo com que você tem servido nossa gente, quer no Folclore, no Artesanato ou nas Letras, a comunidade lhe vota a mais sincera estima e lhe consagra as mais respeitadas considerações e grande admiração ao seu trabalho. A consagração do seu nome como benemérito ilustre, apaixonado por esta terra, e com vivo interesse pela nossa cultura popular, justifica a homenagem solene que merecidamente a Biblioteca Pública Municipal Professor Barreiros Filho, presta-lhe.

Honra-se o Município distinguindo-o o prêmio justíssimo dos grandes serviços prestados à cultura. Honra-se a comunidade prestando-lhe tão merecida homenagem, gratíssima ao nosso coração, reconhecido de há muito pela sua poderosa abnegação pelas coisas da terra que soube acolhê-lo quando aqui chegou nos idos de 1935, vindo do Recife.

Com maior júbilo, pois, com o mais caloroso entusiasmo, queremos dizer-lhe o quanto orgulhosos nos sentimos por ver tão condignamente apreciada a sua inteligência, o seu trabalho e seu caráter. Queremos manifestar-lhe este sentir e ao mesmo tempo solicitar que nos conceda a honra de parabenizá-lo pela inauguração do "Espaço Cultural Jornalista Doralécio Soares", o que fará lembrar para sempre o ato de justiça que um governo de sã razão e consciência praticou, e o júbilo com que todos nós admiradores convictos do seu trabalho, sentimos por ver assim premiado quem tão nobremente soube empenhar-se no seu trabalho de valorizar a cultura popular.

E, terminando, diremos ainda, sem a mais livre sombra de lisonja, e tão somente como expressão exata do que pensamos, e do que sentimos, que não fomos nós que lhe prestamos uma homenagem, mas você é que prestou a nós.

*Colunista: Rubens Silveira*

**RECIFE - PE**

**UNBEC - COLÉGIO SÃO LUÍS - MARISTA**

Av. Rui Barbosa, 1104 - Graças

Fone: 222. 6724

CGC. 10.847.382/003-09

52050-000 - RECIFE - PE

Do: Colégio São Luis

Ao: Prof. Doralécio Soares

Recife, 07 de dezembro de 1995.

Vimos, pelo presente, agradecer ao ilustre jornalista, escritor e pesquisador, a publicação da notícia, sobre a nossa Festa do Folclore, no Boletim Catarinense.

Para nós foi muito gratificante ver o nosso trabalho valorizado a nível de Brasil, por um pernambucano que não esqueceu as suas raízes.

Aproveitamos a oportunidade para desejar um Feliz Natal e um Ano Novo repleto de realizações pessoais e profissionais.

Com estima e  
consideração,

Maria Luísa Dourado

Supervisora

**FLORIANÓPOLIS - ESTREITO - SC**

**SEMANA  
DO  
FOLCLORE**

21 A 25 DE AGOSTO

BIBLIOTECA MUNICIPAL PROF. BARREIROS FILHO  
Rua João Evangelista da Costa, 1160 - Bairro de Fátima

**PROGRAMAÇÃO**

**21 A 25 DE AGOSTO**

**21/08 - 2ª FEIRA**

10 hs. - Abertura da Exposição sobre Folclore

**22/08 - 3ª FEIRA**

Dia do Folclore - Palestra sobre o folclore, com Peninha - UFSC.

16 hs. - Inauguração do Espaço Cultural "Jornalista **Doralécio Soares**"  
com coquetel e

apresentação da Dança do Pau-de-Fita, com o Grupo do  
Loteamento Jardim das  
Palmeiras.

**25/08 - 6ª FEIRA**

16 hs. - Workshop da Oficina de Teatro "O Boi-de-Mamão"

\* Premiação dos Concursos Gráfico e Literário

\* Demonstração de Oleiro e Rendeira

**FLORIANÓPOLIS - SC**

O Banco de Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina S.A. - BADESC e a editora TERCEIRO MILÊNIO têm o prazer de convidar Vossa Senhoria para o coquetel de lançamento do livro

## **NOVA HISTÓRIA DE SANTA CATARINA**

de Silvio Coelho dos Santos

**Data:** 18 de maio de 1995

**Hora:** 19 horas

**Local:** Espaço Cultural Fernando Beck - BADESC  
Av. Mauro Ramos, 1277 - Florianópolis - SC

### **FLORIANÓPOLIS - SC**

A Editora da UFJF e a Livraria Atualidades Didáticas têm o prazer de convidar V. Sa. para o lançamento do livro *FOLCLORE LITERÁRIO E LINGÜÍSTICO*, do Prof. Antônio Henrique Weitzel, às 19h 30 do dia 30 de agosto de 1995, no Forum da Cultura, à rua Santo Antônio, 1112.

### **FLORIANÓPOLIS - SC**

#### **Artista explora a flora como fonte de inspiração**



A artista plástica Maria Aparecida Galvão, a Mag, expõe a partir de hoje até o dia 15, no hall da Reitoria da UFSC, 20 pinturas explorando o tema "flores". A proposta inicial, segundo Mag, é mostrar uma nova tinta criada por ela usando pigmento e verniz. Essa tinta é aplicável em qualquer suporte. Nesta exposição, a artista pintou sobre eucatex. "Resolvi pintar flores porque é um tema alegre que permite múltiplas variações, e indo do figurativo ao abstrato com a mesma vivacidade".

Mag dedica-se às artes plásticas desde 1987, tendo participado de várias coletivas e individuais. Participou também da confecção da "Grande Escultura" de cerâmica, monumento esculpido em 1992, em frente ao Centro de Convivência da UFSC.

Em 1990 a artista viajou para a Espanha onde permaneceu por dois anos aprimorando suas técnicas em cerâmica, escultura, desenho e pintura. Estudou com a conceituada escultora e pintora espanhola Maria Luíza Compoy. Na terra de Picasso, participou de uma coletiva e fez parte do grupo de esculturas, que liderados por Compoy, produziram uma obra permanente para o Banco Mag criou uma nova tinta com verniz Biubal, de Madrid.

O ESTADO: 30/ 05/ 95.

## **FLORIANÓPOLIS - SC**

A Rio Fundo Editora/ RJ, através de seu distribuidor para Santa Catarina, Livros Luis Lunardelli, tem a honra de convidar V.Sa. e Exma. Família para o lançamento do livro *AS DESQUITADAS DE FLORIANÓPOLIS*, contos de Salim Miguel.

Local: Museu Cruz e Sousa - Praça XV

## **FLORIANÓPOLIS - SC**

### **O Sindicato dos Eletrecitários de Florianópolis - Sinergia - convida você para 3 eventos culturais:**

1. Abertura da Mostra FOTO GRAFANDO TRABALHADORES, com trabalhos de Sérgio Luiz da Silva, Jucemar S. Simões, Josué Correia, João A. Schambeck, Eduardo Fortkamp e Deuci Napoleão Gilioli.
2. Lançamento Estadual do 2º Concurso Literário Conto & Poesia.
3. Lançamento do livro "Lei de Concessões - Análise", de Delman Sérgio Ferreira, editado pela Intersindical dos Eletrecitários do Sul do Brasil.

8 de dezembro - sexta-feira - Café Matisse (CIC) - 18 horas  
Haverá apresentação musical.

## **FLORIANÓPOLIS - SC**

A Propague e as Editoras Paralelo 27 e Lunardelli juntamente com o Restaurante Pirão têm a honra de convidar V.Sa. para o lançamento do livro:

### **"OH! QUE DELÍCIA DE ILHA"**

Raul Caldas Filho

**DATA:** 20/ 02/ 95

**LOCAL:** Restaurante Pirão Beira Mar Norte

**FLORIANÓPOLIS - SC**

A Prefeitura de Florianópolis e a Fundação Franklin Cascaes convidam para o lançamento do livro POESILHA. Publicação das vinte e uma poesia vencedoras do Prêmio Franklin Cascaes de Literatura - ano 2, ilustrado por artistas plásticos da Ilha.

12 de dezembro

Fratellanza Restaurante

R. Trajano, 342

(Escadaria do Rosário)

Debate com a Comissão Julgadora (Cléber Teixeira, Leonor Scliar-Cabral e Maria Lúcia Camargo) e poetas vencedores.

Coquetel de lançamento e exposição das obras produzidas por artistas plásticos locais que ilustram o livro POESILHA.

## **FLORIANÓPOLIS - SC**

A Associação Coral Ítalo-Florianopolitana, comemorando o segundo aniversário de sua fundação, convida Vossa Senhoria e família para o 2º Concerto

### ***RIVIVERE CANTANDO***

**DATA:** 1º de dezembro de 1995

**LOCAL:** Teatro Álvares de Carvalho - Florianópolis - SC

## **FLORIANÓPOLIS - SC**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

PRÓ-REITORIA DE CULTURA E EXTENSÃO

EDITORA DA UFSC

A Editora da UFSC, o Curso de Pós-Graduação em Letras - Literatura Brasileira e Teoria Literária, e a União Brasileira de Escritores de Santa Catarina, têm a satisfação de convidar para o lançamento em Florianópolis do novo livro de Emanuel Medeiros Vieira, **MEUS MORTOS CAMINHAM COMIGO NOS DOMINGOS DE VERÃO**. Na oportunidade haverá debate com o escritor sobre as tendências atuais da ficção brasileira.

**DATA:** 07 de dezembro de 1995

**LOCAL:** Auditório do Centro de Comunicação e Expressão - UFSC

## **NOTICIÁRIO**

### **FLORIANÓPOLIS - SC**

A Universidade Federal de Santa Catarina, através do Núcleo de Estudos Açorianos, tem a honra de convidar Vossa Senhoria e Ilustríssima Família para a abertura da Exposição **CULTURA AÇORIANA - 247 anos de História em Santa Catarina**. Na oportunidade apresentar-se-ão a Cantoria do Divino Espírito Santo do município de Imbituba e o Terno de Reis do município de Garopaba.

**ABERTURA:** 12 de abril de 1995 às 20:00 horas

**PERÍODO:** 12 de abril a 07 de maio de 1995

**LOCAL:** Grande Galeria do Centro Integrado de Cultura - CIC

### **CULTURA AÇORIANA - 247 anos de História em Santa Catarina**

A Arte como forma de expressão cultural de um povo, manifesta-se sob vários aspectos.

Pensando nesta visão abrangente da Arte, apresentamos, no mesmo espaço visual, diversões enfoques da cultura de base açoriana do litoral catarinense, fruto do processo povoador ocorrido em meados do século XVIII (1748-56).

A Arquitetura, a Religiosidade, o Saber, o Fazer e o Imaginário dos descendentes de açorianos catarinenses apresentam traços de originalidade, que os tornam especiais no contexto da cultura luso-brasileira existente no território nacional.

Os artistas participantes desta mostra expressam, nas diversas linguagens, a essência da Arte na cultura do novo "açoriano".

**NÚCLEO DE ESTUDOS AÇORIANOS / UFSC**

## **ARTISTAS CONVIDADOS**

ALDO BECK

ALDO NUNES

DENISE COSTA

DOMINGOS FOSSARI

ELIAS ANDRADE

ISRAEL ANDRADE

ISRAEL ALBI SILVEIRA

LAURO CALDEIRA DE ANDRADA

ROSI INES MONTEIRO

- Maquetes "CASARIO AÇORIANO", confeccionado pelos alunos de Arquitetura da UFSC.

- "ALTAR DO DIVINO ESPÍRITO SANTO", do Município de Imbituba.

### **FLORIANÓPOLIS - SC**

A Fundação Catarinense de Cultura através da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina, tem o prazer de convidar V.Sa. e sua família para a solenidade das comemorações do seu 141º aniversário, com o coquetel que oferecerá em homenagem a todos aqueles que contribuíram para o seu desenvolvimento.

**DATA:** 31 de maio de 1995

**LOCAL:** Hall de Entrada da Biblioteca Pública

Rua Tenente Silveira, 343

Florianópolis - SC

### **BLUMENAU - SC**

UNIVERSIDADE REGIONAL DE BLUMENAU

SUPERINTENDÊNCIA DE PESQUISA

E DESENVOLVIMENTO

DIVISÃO DE PROMOÇÕES CULTURAIS

Convidam V.Sa. para o lançamento do livro "**BLUMENAU - ARTE, CULTURA E AS HISTÓRIAS DE SUA GENTE**" (Volume II) da professora e escritora:

**EDITH KORMANN:**

**BLUMENAU**

**arte, cultura e as histórias de sua gente  
(1850 - 1985)**

**DATA:** 21 de março de 1995.

**FLORIANÓPOLIS - SC**

A Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, o Centro de Filosofia e Ciências Humanas e o Curso de Mestrado em Geografia, têm o prazer de convidar V.Sa. e Exma. Família para o lançamento do livro **"ESTRUTURA E ORIGEM DAS PAISAGENS TROPICAIS E SUBTROPICAIS"** (Volume 1), de autoria de João José Bigarella, Rosemari Dora Becker e Gilberto Friendenreich dos Santos e contribuições de Maria Lúcia de Paula Herrmann, Sheila Maria Cabral de Carvalho e Magaly Mendonça.

**DATA:** 15 de março de 1995

**LOCAL:** Hall da Reitoria da UFSC

**FLORIANÓPOLIS - SC**

**O INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SANTA CATARINA** tem o prazer de convidar V.Exa. para a sessão comemorativa ao Centenário de Nascimento de ARTUR MÜLLER - fundador do Jornal "Correio do Povo", de Jaraguá do Sul, prefeito daquela cidade e deputado estadual -, na qual será orador o sócio efetivo EUGÊNIO VICTOR SCHMÖCKEL. Florianópolis, abril de 1995.

**FLORIANÓPOLIS - SC**

A Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, a Fundação Catarinense de Cultura e a Editora Movimento, têm o prazer de convidar V.Sa. e Exma. Família para o lançamento do livro **"IMPÉRIO CABOCLO"**, romance de Donaldo Schüler.

**DATA:** 27 de abril de 1995, às 18 horas

**LOCAL:** Hall da Reitoria da UFSC

Campus Universitário, Florianópolis - SC

### **FLORIANÓPOLIS - SC**

Caro amigo:

Tenho a satisfação de convidá-lo para a apresentação do trabalho de dissertação de mestrado de minha autoria intitulado "*A PEDAGOGIA DAS ESCOLAS DE SAMBA DE FLORIANÓPOLIS*", no qual você também participou.

**DATA:** 28 de junho (4ª feira)

**LOCAL:** Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Catarina  
IIIº andar - sala 618 - Campus Universitário

Gostaria muito de contar com sua presença. Um abraço,

Cristiana Tramonte

### **FLORIANÓPOLIS - SC**

A Editora da Universidade Federal de Santa Catarina e o Curso de Pós-Graduação em Letras - Literatura Brasileira e Teoria Literária, convidam para o lançamento dos livros "**PARQUE DE DIVERSÕES - ANÍBAL MACHADO**" (Co-edição UFMG), de Raúl Antelo (org.), e "**MODERNIDADE E MODERNISMO NO BRASIL**" (Ed. Mercado de Letras), de Annateresa Fabris (org.).

Na mesma ocasião será inaugurada a exposição "Eu sou trezentos, sou trezentos-e-cincoenta", em homenagem a Mário de Andrade nos 50 anos de sua morte (co-promoção DAC/ PRCE/ UFSC/ e IEB/ USP).

**DATA:** 10 de março de 1995

**LOCAL:** Centro Integrado de Cultura - Grande Galeria

## **FORTALEZA - CE**

### **COMISSÃO CEARENSE DE FOLCLORE**

A Comissão Cearense de Folclore - CNF - IBEEC - UNESCO tem o prazer de convidar V.Sa. e família a participarem da sessão solene de posse dos sócios colaboradores:

Descartes Gadelha, Francisco Ferreira de Sousa Júnior, José Ribeiro de Matos, Paulo Tadeu Sampaio de Oliveira e Sandra Helena Fernandes Teixeira e correspondentes nacionais:

Maria Graziela Brigido dos Santos e Saul Alves Martins.

Pela Comissão Catarinense de Folclore  
Zélia Sá V. Camurça

**DATA:** 06 de maio de 1995

**LOCAL:** Depto de Artes da UECE  
Av. da Universidade, 2210.

## **OLÍMPIA - SP**

### **A FESTA DA BELEZA ACONTECE EM OLÍMPIA**

Para se perceber com maior vivacidade os matizes da cultura popular brasileira, independentemente dos recursos que a moderna tecnologia coloca ao nosso alcance, há que se visitar Olímpia, no mês de agosto. Por iniciativa de pessoas idealistas e apoio da Prefeitura Municipal, aliadas à sensibilidade do BRADESCO, nesta época realiza-se ali o Festival de Folclore. Com o de 1995 contabiliza-se 31 anos de realização! Neste evento reúnem-se as mais diversas expressões do Folclore Nacional, cuja exuberância nos leva à perplexidade e nos transporta a um estado de graça. Não se concebe que existam pessoas que ainda hoje não estiveram no Festival de Folclore de Olímpia. Se você é um desses, não se desespere, ainda há tempo para sanar a defasagem. E, tenho certeza, voltará inebriado da beleza.

Cáscia Frade

Comissão Nacional de Folclore

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

## FLORIANÓPOLIS - SC

O INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SANTA CATARINA tem a honra de convidar V.Exa. para a Sessão em que recepcionará o investigador açoriano, **Francisco Ernesto de Oliveira Martins**.

**DATA:** Auditório do Palácio Cruz e Souza

**LOCAL:** 12 de abril de 1995.

## FLORIANÓPOLIS - SC

A Diretoria do INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SANTA CATARINA tem a honra de convidar V.Exa. para a Sessão de Abertura do Ano Acadêmico de 1995, quando falará sobre **Hermann Faulhaber** o Sócio Emérito **Theobaldo Costa Jamundá**.

**DATA:** 08 de março de 1995

**LOCAL:** Auditório do Palácio Cruz e Sousa

## FLORIANÓPOLIS - SC

A ACADEMIA CATARINENSE DE LETRAS tem a honra de convidar Vossa Excelência para a Sessão Solene de Posse de **Oswaldo Ferreira de Melo**, na cadeira nº 20.

Paschoal Apóstolo Pítsica

Presidente da ACL

**DATA:** 13 de abril de 1995

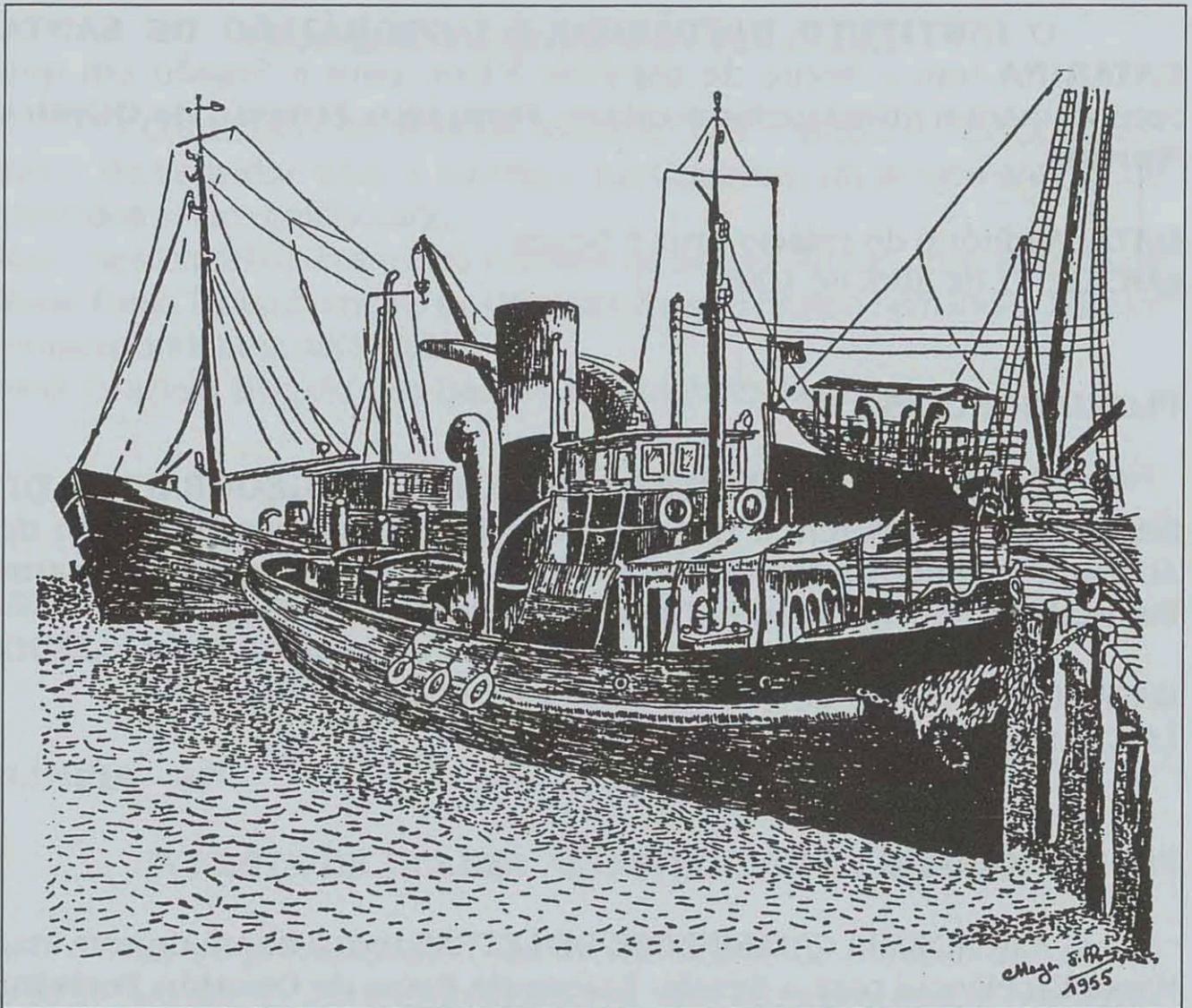
**LOCAL:** Auditório do Tribunal de Contas

O acadêmico **Almiro Caldeira de Andrada** - que recepcionará o professor **Oswaldo Ferreira de Melo** na Cadeira nº 20 - lançará, no mesmo local e na ocasião, dia 13 de abril de 1995, às 19:00 horas, o romance "**TABERNA DO BRIGUE VELHO**" (quinto volume da Coleção ACL).

Trata-se de um renomado romancista pelo que "**TABERNA DO BRIGUE VELHO**" é uma leitura altamente recomendável para todos os catarinenses.

Prestigie o lançamento e participe da sessão de posse!

## FLORIANÓPOLIS - SC



Porto de Florianópolis - desenho de **Ernesto Meyer Filho**

### **BELO HORIZONTE - MG**

A Comissão Mineira de Folclore e o Centro de Cultura "Nansen Araujo" convidam V.Sa. e Ilma. Família para a solenidade de encerramento da 31ª Semana do Folclore de Belo Horizonte e do VI Paineis sobre o Folclore em Minas Gerais.

#### **PROGRAMAÇÃO:**

Apresentação do Coral Sesiminas

Entrega de diplomas aos membros colaboradores da CMFL

Posse da nova diretoria da Comissão Mineira de Folclore

Apresentação de danças Companhia de Danças Aruanda

**DATA:** 22 de agosto de 1995

**LOCAL:** Auditório do Centro de Cultura "Nansen Araujo"  
Rua Álvares Maciel, 59 - Santa Efigênia - Belo Horizonte

## **TUBARÃO - SC**

### **WILLY ZUMBlick E SUA OBRA**

O Prefeito Municipal de Tubarão, Irmoto José Feuerschuette, o Vice-Prefeito Celso Meneghel e o Conselho Municipal de Cultura, têm o prazer de convidar V.Sa. e Exma. Família para a solenidade de lançamento e assinatura do Edital de Licitação da construção do Centro Municipal de Cultura.

**DATA:** 11 de outubro de 1995 (4ª feira)

**LOCAL:** Clube 07 de julho



**NOTICIÁRIO**  
**FLORIANÓPOLIS - SC**  
**CORRESPONDÊNCIAS A DORALÉCIO SOARES**

Florianópolis, 25 de novembro de 1995

Excelentíssimo Senhor Doralécio e Família

A Academia Catarinense de Letras realizará no próximo dia 12 de dezembro, às 20:00 horas, no restaurante do LIRA TÊNIS CLUBE, jantar de confraternização pela passagem dos 75 anos de sua fundação. Cada acadêmico receberá uma homenagem representada por placa de granito estampando o emblema da ACL.

Na oportunidade a ACL fará a entrega do "PRÊMIO OTHON D'EÇA" ao escritor Mário Pereira, escolhido como o Escritor do Ano; agraciará o Governador Paulo Afonso Vieira com o "PRÊMIO DESTAQUE" e prestará HOMENAGENS ESPECIAIS aos escritores **Doralécio Soares**, Nilson Mello, Cláudio Alvim Barbosa, Abel B. Pereira, Polidoro S. Thiago, Orlando Borges Schroeder, à ACEL e ao IHGSC.

A Academia Catarinense de Letras ficará honrada com a sua ilustre presença e familiares.

Atenciosamente

Paschoal Apóstolo Pítsica

## SALVADOR - BAHIA

### 8º CONGRESSO BRASILEIRO DE FOLCLORE

A Bahia vai sediar, pela segunda vez, um Congresso Brasileiro de Folclore, sob a presidência de Hildegardes Vianna. Pela primeira vez que aqui estiveram folcloristas brasileiros e estrangeiros foi em 1957, no Terceiro Congresso de Folclore.

A reunião do corrente ano tem motivo especial. Comemorar o centenário de nascimento do distinto baiano Renato Almeida (1895-1981), nascido em Santo Antônio de Jesus, bacharel em Direito, alto funcionário do Itamarati, ensaísta e folclorista, criador da Comissão Nacional de Folclore, com o meritório serviço cultural de haver reunido os folcloristas nacionais numa comunidade de estudos e debates de alto nível. Dotado de extraordinária capacidade de aglutinação, Renato Almeida, que se lançou no campo literário brasileiro, em 1922, com o ensaio *Fausto*, participou do modernismo, sendo pessoalmente muito ligado a Graça Aranha. Sua produção na área do folclorismo é digna dos maiores encômios, bastando mencionar *História da Música Brasileira* (1926), *A Inteligência do Folclore* (1957), *Manual de Coleta Folclórica* (1965). Poder-se-ia dizer, com justiça, que ele representou com perseverança, dedicação e inteligência o momento mais alto do estudo da temática popular do Brasil. Levou a todos os Estados uma mensagem de crença na força criadora da gente brasileira, nas manifestações mais significativas do nosso *folk*.

O 8º Congresso, que relembrará Renato Almeida e sua obra, dedicará especial atenção à Carta do Folclore, elaborada em 1951, merecedora de uma revisão necessária, em face das conquistas culturais de mais de quarenta anos. Os folcloristas vão rever um documento básico para o qual muito colaborou o baiano Renato Almeida, contando com a ajuda, que nunca lhe faltou, de um outro baiano ilustre a quem seus admiradores chamavam **mestre antigo**, o etnólogo Edson de Souza Carneiro. Por vários motivos, o encontro de dezembro é mais um instante cultural da Bahia, apoiado pela Secretaria de Cultura e Turismo do Estado.

José Calasans

## SÃO PAULO

**1º CONGRESSO SUL AMERICANO DA IOF -  
UNIVERSIDADE DE SÃO JUDAS TADEU - São Paulo  
(Organização Internacional de Folclore)  
De 21 a 25 de agosto de 1995**

Comissão Organizadora: Sra. Beatriz Bresser Milled Cocco, Sra. Maria do Rosário de Souza Tavares de Lima, Sr. José Geraldo M. Guimarães e Sra. Wilma Picazio.

O Congresso atingiu o objetivo para o qual foi organizado: "no melhor conhecimento humano através da sua cultura espontânea".

O evento teve a participação de eminentes cientistas do exterior e do Brasil.

Do Boletim extraímos: - As Comunicações versaram sobre: arquitetura, artes plásticas, artesanato, literatura, mitos, catolicismo folclórico, instrumentos musicais, danças, música, educação, psicologia, cantos das brincadeiras de roda, contribuição francesa à cultura popular brasileira, credences decorrentes do comportamento biológico dos répteis, anfíbios e projeção artística do folclore na cultura erudita, na área educacional, na literatura e nas artes diversas". Estavam ali presentes autoridades de São Paulo; na abertura discursou o Dr. Marcos Mendonça, representando o Secretário de Cultura do Estado. Foi lastimada a presença do Secretário Geral da IOF, Sr. Alexander Veigb. Não estiveram presentes os Convidados de Honra, Prof. Felix Coluccio (Argentina) e o escritor Mário Souto Maior da Fundação Joaquim Nabuco, de Pernambuco. O Prof. Coluccio enviou a seguinte mensagem: "La Comision Internacional Permanente de Folklore al Congreso Internacional de Folklore a realizar-se en San Pablo, durante el mes de agosto de 1995, con la Presidencia de la Señora Beatriz Bresser Milled Cocco y hace votos por el mejor de los exitos de las deliberaciones". O Prof. Souto Maior, apresentou a comunicação "*O Homem e o Tempo - Folhinhas e Almanagues Populares*". Esse trabalho foi lido por Maria do Rosário. As observações no sentido da importância que almanagues e folhinhas sempre representaram para os lares propiciando distração, além da conhecida "Cultura de Almanaque". Houveram apresentações de Grupos Folclóricos de São Paulo e "Para-Folclóricos" da Universidade do Rio Grande do Norte. Exposição de artesanato de Artistas do Centro de Artes Plásticas del Paraguay, do Rio Grande do Norte e de Taubaté, SP.

Ficou demonstrado interesse em dar continuidade ao evento em outros países da América do Sul, tendo demonstrado interesse, o Paraguay e Argentina em sediar o II Congresso Sul Americano da IOF.

A coordenação geral do evento esteve a cargo da Dra. Maria do Rosário Tavares de Lima, que elaborou as conclusões gerais do Congresso.

Ficou demonstrando interesse em dar continuidade ao evento em outros países da América do Sul, tendo demonstrado interesse o Paraguai e Argentina. A organização é responsável pelo sucesso do evento. De 21 a 25 de agosto de 1995 Congresso.

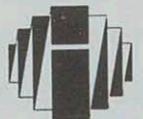
Comitê Organizador: Sr. Paulo César de Sá, Sr. Manoel de Sá, Sr. João Carlos M. Guimarães, Sr. João Carlos M. Guimarães, Sr. João Carlos M. Guimarães.

O Congresso tem o objetivo de proporcionar o melhor conhecimento, visando através da sua cultura espontânea.

O evento leva a participação de entidades culturais de várias partes do Brasil.

De acordo com o relatório do Comitê Organizador, o evento teve caráter multidisciplinar, abrangendo as áreas de artes, arquitetura, música, dança, teatro, literatura, artes plásticas, artes visuais, artes cênicas, artes digitais, artes eletrônicas, artes midiáticas, artes tecnológicas, artes ambientais, artes sociais, artes comunitárias, artes populares, artes tradicionais, artes contemporâneas, artes experimentais, artes inovadoras, artes emergentes, artes de fronteira, artes de resistência, artes de luta, artes de transformação, artes de intervenção, artes de participação, artes de colaboração, artes de cocriação, artes de corresponsabilidade, artes de corresponsabilidade social, artes de corresponsabilidade ambiental, artes de corresponsabilidade cultural, artes de corresponsabilidade política, artes de corresponsabilidade econômica, artes de corresponsabilidade social, artes de corresponsabilidade ambiental, artes de corresponsabilidade cultural, artes de corresponsabilidade política, artes de corresponsabilidade econômica.

IMPRESSO NAS OFICINAS GRÁFICAS DA



IOESC

IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO DE SANTA CATARINA

Florianópolis 74523

## **COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE**

### **Nomes / Endereços**

Doralécio Soares (Presidente) - R. Júlio Moura, 146 - 1º andar - 88020-150

Myriam Conceição Beltrão de Carvalho (Secretária) R. Adolfo Melo, 37 - 1º andar

Theobaldo Costa Jamundá - Artur Grahl, 478 - Velha - Blumenau - SC - 89046-120

Walter Fernando Piazza - R. Frei Evaristo, 109

Osvaldo Ferreira de Melo - R. Joaquim Costa, 11

Carlos Alberto Angioletti Vieira - R. Profª Otília Cruz, 365

Nereu do Vale Pereira - Av. Hercílio Luz - 1199 - Edif. Costa do Marfim Ap. 702 - CEP 88020-001

Gelsí José Coelho - Museu de Antropologia, UFSC

Lélia Pereira da Silva Nunes - R. Frei Caneca, 564 - 88025-000 Ap. 1006-A

Paschoal Apóstolo Pítsica - R. Duarte Schutel, 41

Sônia Maria Copp da Costa - São Francisco do Sul

Silvia Maria Günther - Joinville - SC

### **Colaboradores:**

Flávio José Cardozo - Florianópolis - SC

Laura Dela Monica - São Paulo - SP

Saul Martins - Belo Horizonte - MG

Ático Vilas Boas - Goiânia - GO

Mário Souto Maior - Recife - PE

Aleixo Leite Filho - Caruaru - PE

Ana Maria Amaro - Cascais - Portugal

Maria do Rosário Tavares de Lima - SP

Maria Alieta das Dores Galhoz - Portugal

PATROCÍNIO

**BESC** *Clube*

  
**SEGUROS**

A Segurança da Nossa Gente.